

REVISTA DA SEMANA

Nº 19

12-5-45



CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



CONSELHO AOS QUE VIAJAM EM TEMPO DE GUERRA

1-Faça sua reserva na PAA ✓
com bastante antecedência!

2-Informe-se bem sobre os papéis ✓
exigidos para viagens internacionais!



EM tempo de guerra, suas viagens internacionais serão muito mais fáceis se as planejar com bastante antecipação — atendendo a todas as formalidades oficiais e pedindo logo à Pan American que lhe reserve acomodações.

Sim, prefira a via aérea, e planeje suas viagens pela Pan American World Airways. Hoje, os nossos 18 anos de experiência em transporte internacional são a sua garantia de de uma viagem rápida, cômoda e agradável, mesmo em tempo de guerra. Amanhã, com os Planos de Paz da Pan American, o mundo inteiro será seu vizinho.



Ouçã AQUARELAS DO BRASIL

Todas as 6as-feiras das 22,05 às 22,35, na Rádio Nacional, em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Evocação sonora da tradição musical e do folclore nacionais. Um magnífico programa com grandes orquestras e coros mixtos, solistas e vocalistas, sob o comando de Almirante. Uma viagem sentimental pelo passado e o presente do Brasil, oferecida pela Pan American World Airways.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

VITÓRIA ACABOU A GUERRA

AS LUZES BRILHARAM OUTRA VEZ

praticando mais hediondos crimes. queria escravizar o mundo. aceitar a rendição incondicional. da servidão a que os barbaros germanicos pretendiam que chegaram a chamar o "milênio de Hitler". Depois de 2.074 dias de luta.



Para festejar a vitória O prefeito mandou embelezar a cidade e instalar altas-falantes. Além de que a população comemorou com fogos de artifício e música. A vitória foi festejada em todas as cidades e vilas. O povo se entregou a grandes manifestações de alegria. O governo alemão declarou a rendição incondicional. O Alto Comando alemão assinou a rendição incondicional.

A RENDIÇÃO DOS EXERCITOS ALEMAES

DOENITZ ORDENOU A CESSAÇÃO D

LONDRES, 7 (A.P.) - A emissora de Flensburg anunciou que a Alemanha capitulou, e que o novo Fuhrer, o Grande Almirante Doenitz, ordenou "a rendição incondicional de todas as forças alemãs".

O ALTO COMANDO ALEMÃO ACEITA

7 (U.P.) - O Alto Comando alemão assinou a rendição incondicional.

RENDIÇÃO

correspondente noticiando a rendição do canal de



PAZ

DE JOEL

DEPOIS DE QUÊRE

DOMINAR O MUNDO

UNCIADA A CAPITULAC

NDICIONAL DA ALEMANHA

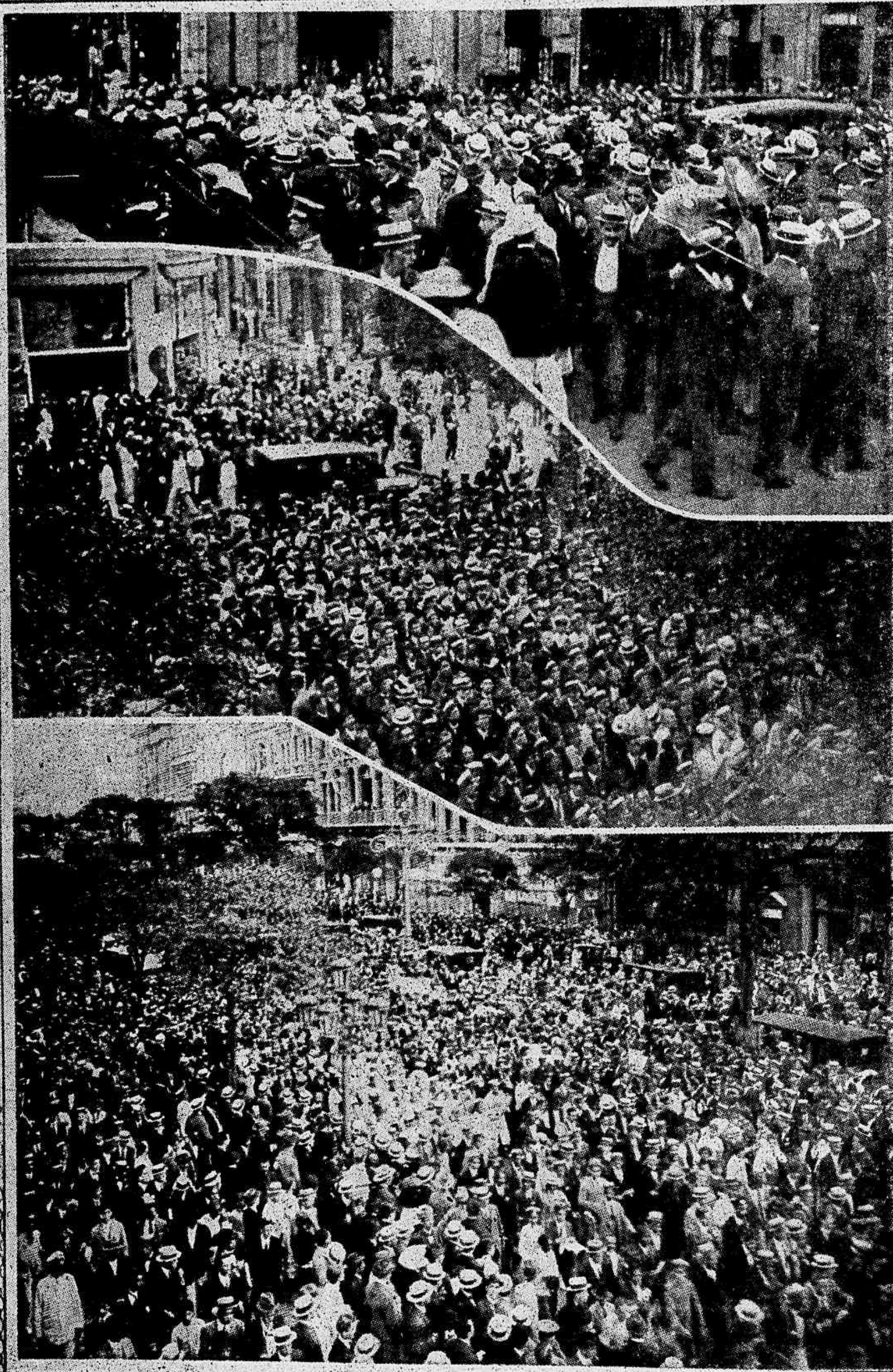
A ALEMANHA SOF

PIOR DO QUE

POYOS QUE EL

Revista da semana

O Rio vibrando pela Capitulação da Alemanha



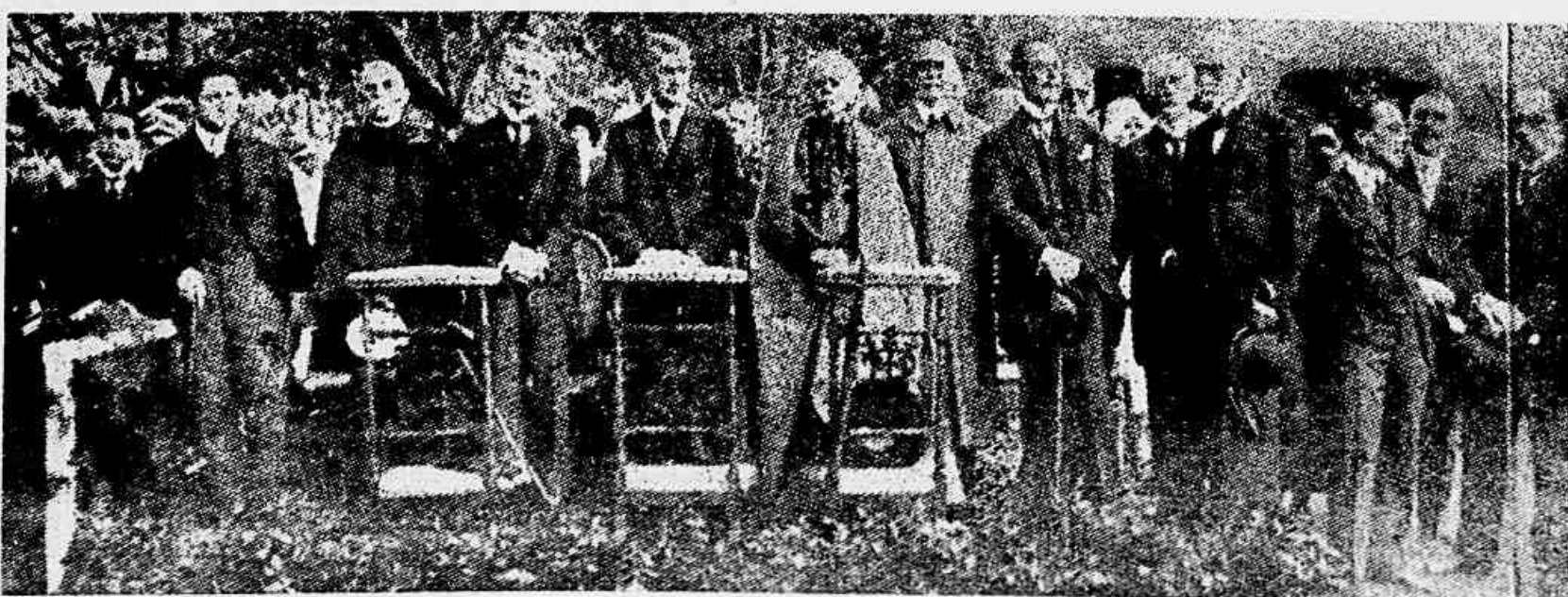
Se o fato de ter assistido a uma guerra constituiu motivo de júbilo, uma geração brasileira poderia utanar-se de haver presenciado duas. Eram pouco mais que adolescentes os que sentiram os dias angustiosos de 1914 a 1918; e quando a vida mais devia sorrir para eles, numa expectativa de paz e comunhão de ideais, a tória sangüinária do kaiser Guilherme II implantava a discórdia universal. Dela devia participar o Brasil, já no capítulo final. E o Presidente da República, dr Wenceslau Braz, tendo como ministro do Exterior o saudoso Nilo Peçanha, assinava o termo de declaração de guerra, providenciando-se desde logo o embarque da missão médica, rumo a Dakar, enquanto deviam ativar-se outros preparativos militares. Mas a guerra estava na etapa final. E no dia 11 de novembro de 1918, um mês apenas depois daquela memorável catástrofe da "espanhola", o Rio embandeirava-se, o público pulava nas ruas, os automóveis businavam (não chegara a haver racionamento de combustível) e os bars não fechavam, mas abarrotavam de povo em delírio... Espoucavam garrafas de "champagne" nas calçadas da Avenida. E cantava-se a "Marselhesa" em cada esquina... Todos pensávamos que viesse reinar a Paz, não por vinte anos apenas, mas por séculos. Os alemães estariam derrotados para sempre. E a geração adolescente em 1914 poderia desfrutar uma existência calma... Puro e lido engano! Os moços de 14, ao entrarem na maturidade, em 39, deviam sentir ainda mais perto, o látigo da guerra. E se muitos não pegaram no fuzil — sofreram tanto ou mais, porque seus filhos lá estiveram e lutaram pela vitória de Monte Castelo...

A aproximação do Brasil com os Estados Unidos, embora em proporções menores, foi intensificada também na guerra anterior. Aqui estão caricaturas reproduzidas dos grandes jornais americanos, ali publicadas quando o governo Wenceslau Braz declarou guerra à Alemanha.



No dia 11 de novembro de 1918, quando chegou ao Rio a notícia oficial do Armistício, o povo delirou. Não havia rádios, mas assim mesmo as avenidas encheram-se, as casas comerciais cerraram as portas e foi improvisado um legítimo carnaval. Aqui está a reprodução de uma página da REVISTA, onde se observa o entusiasmo da população.

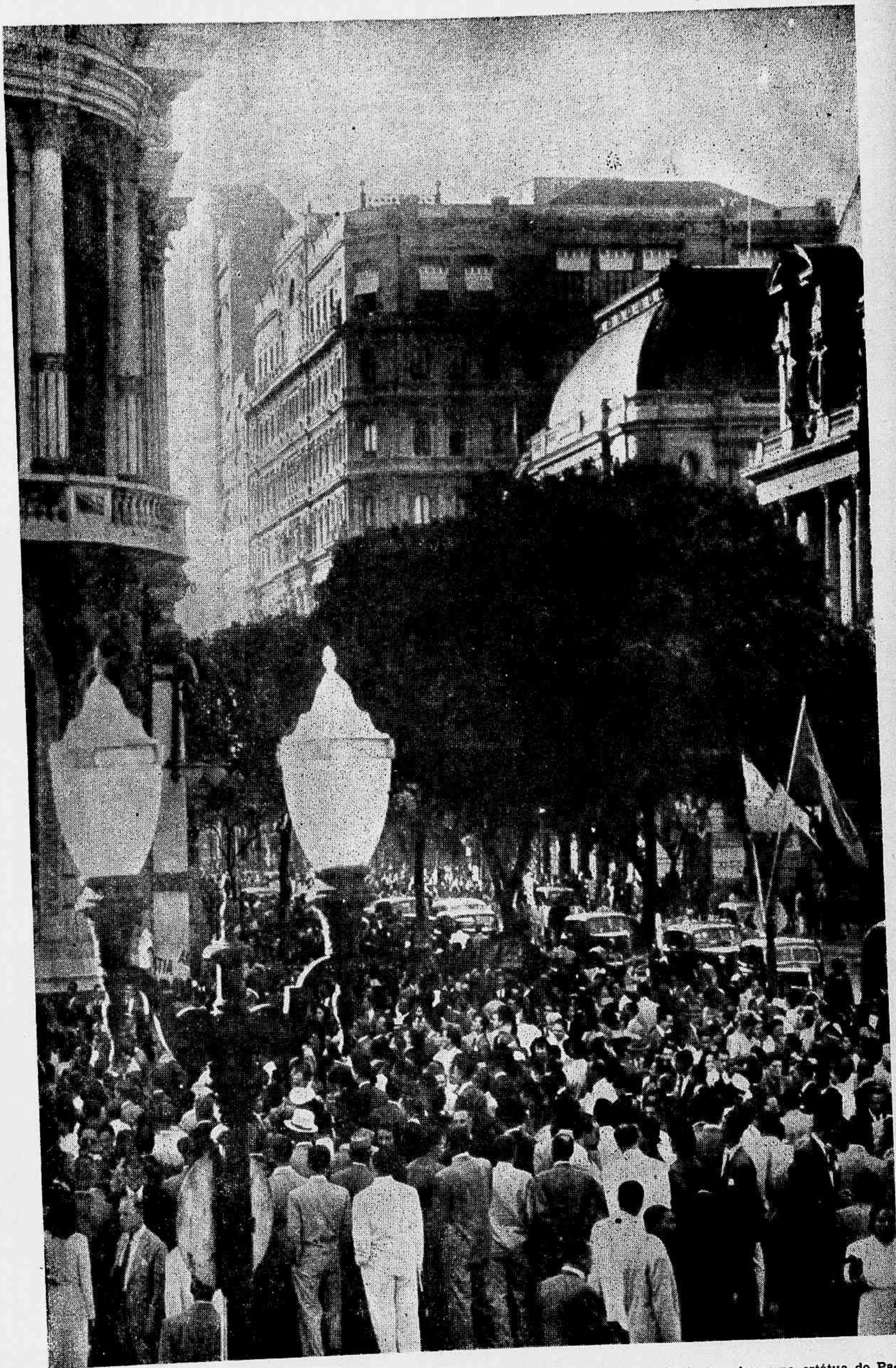
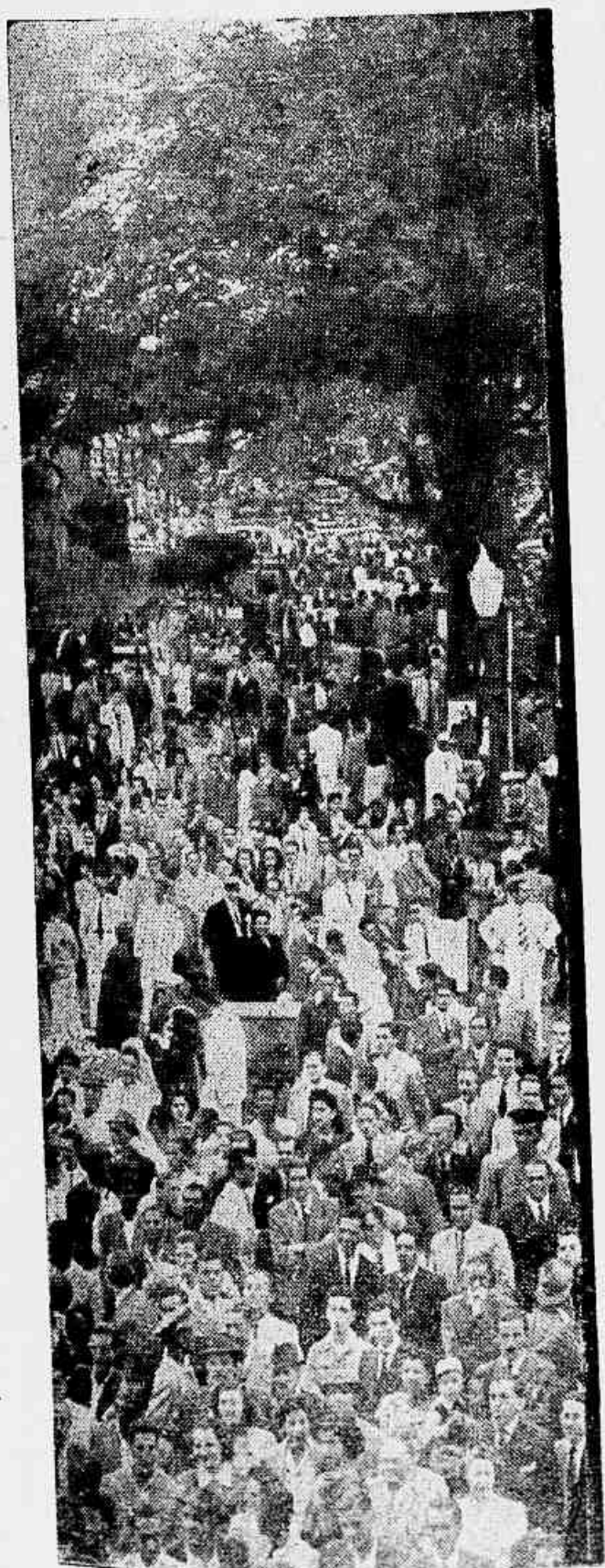
Aspecto da missa campal rezada na praia do Russel, para celebrara vitória das armas aliadas, em novembro de 1918, vendo-se o então presidente da República, sr. Delfim Moreira, altas autoridades e membros do Corpo Diplomático



E M
1918

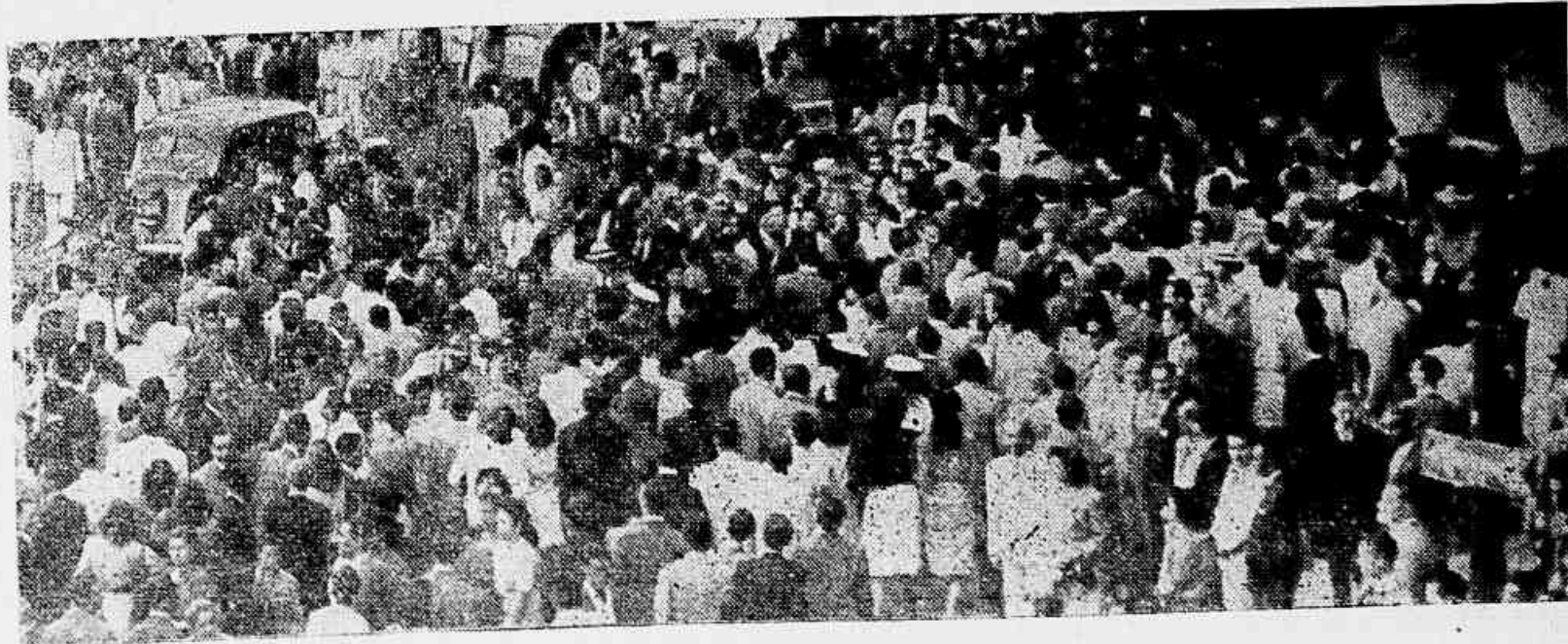
E nestes claros e luminosos dias de maio de 1945 repete-se a façanha! Como em novembro de 1918, também a cidade acompanhou, sob o contágio da alegria mundial, os momentos que culminaram com a declaração oficial: cessou a guerra. Venceram as Nações Unidas. E pela segunda vez, no espaço de vinte e sete anos, os alemães eram derrotados. Em lugar do kalzer estava em cena o tresloucado Adolf Hitler, cujo fim não foi mais feliz que o de seu parceiro Mussolini. Os vencedores eram quase os mesmos da guerra passada — os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, o Brasil, e tantos outros, mas com o valeroso concurso da Rússia. O robusto aliado, cujo colapso tanto havia influido na decisão geral da luta anterior, foi dos que mais produziram para a vitória hoje celebrada. E por isso o pavilhão soviético tremula, de par com os das Nações Unidas. O Rio viveu outros dias gloriosos. O rádio contribuiu de modo extraordinário para essa vibração, despertando o povo alta madrugada, sempre que as estações telegráficas transmitiam um despacho de maior importância. As bombas, os foguetes espocavam a qualquer hora do dia e da noite. E as edições "Extra" circulavam para esgotar tiragens enormes em poucos minutos. Desta vez o delírio foi maior, porque o Brasil participou da luta mais diretamente. Muitas centenas de mortos nós deixamos nos campos europeus. Por isso é justo que as comemorações do término da guerra adquiram essa impetuosidade fantástica hoje presenciada. Ela será o reflexo do que acontece em todo o país. E nossos votos, agora, são para que não se reproduza a catástrofe. Precisamos envelhecer descansados e em paz, nós, a geração que já assistiu a duas guerras...

Desde as primeiras horas da tarde, quando foram confirmadas as informações da rendição incondicional da Alemanha, cessaram as atividades da metrópole e grupos foram surgindo nas esquinas, nas praças e avenidas. E os comícios eram em seguida improvisados.



O grande comício da tarde de 7 de maio realizou-se na escadaria do Teatro Municipal. Em 1918 ele teve lugar na estátua do Patriarca, no largo de S. Francisco... Agora a cidade ganhou um aspecto inédito, com a chuva de papéis picados jogados do alto dos arranha-céus. E os automóveis, mesmo com racionamento, surgiram como por encanto, quase assumindo as proporções de um corso. O elemento feminino contribuiu muito para o entusiasmo da cidade. Moças e rapazes do comércio e dos escritórios, vieram para as ruas comungar com a alegria geral. Os "bars" fecharam, por ordem da Polícia, mas ainda assim muito se bebeu...

E M
1945



A SEMANA EM REVISTA

"EIS OS BONS TEMPOS QUE VOLTAM"



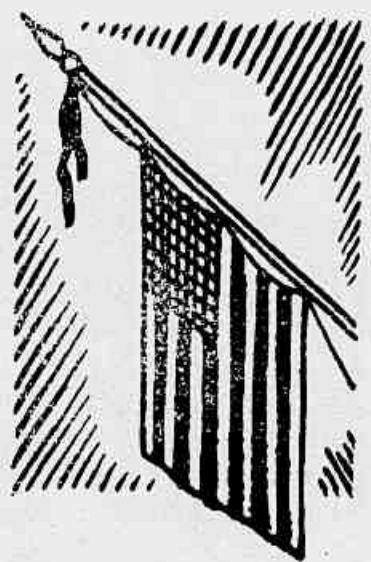
Nunca o saudosismo inato que vive em tôdas as almas brasileiras se revelou tão intensamente como agora. Em verdade, vivemos longo tempo acompanhados sempre por uma nostalgia indefinida, não se sabia de que. Há muito que não ouviamos soar na rua, mal se aproximava fevereiro, a música alegre dos ranchos, o canto dolente das escolas de samba. E tínhamos saudades do velho Carnaval. Passamos anos sem ver no palco dos teatrinhos da praça Tiradentes desfilar os maiores da política em caracterizações infames. Vive-mos longos dias à espera de uma boa anedota contada em voz alta, no meio da rua. O carioca perdeu temporariamente a sua alegria característica e se tornou o povo mais frio e mais triste do mundo. O Carnaval transformou-se num cortejo fúnebre. As próprias cuicas já não roncavam como dantes. O fantasma da guerra e a sombra do fascismo abafavam o samba. Agora o fascismo morreu. E o Rio renasceu. Aos primeiros rebates de vitória

o Carnaval carioca botou a cabeça de fora e saiu para a rua. O povo cantava, estouravam os foguetes, os velhos foguetes que há tanto tempo não escutávamos. A alegria voltou a vibrar nas ruas da Cidade Maravilhosa, mal se anunciou o fim da hecatombe.

E as notícias continuaram a chegar. Telegramas e mais telegramas vão nos trazendo informações sobre os últimos acontecimentos, que se desenrolam com uma rapidez vertiginosa, surpreendendo aos mais otimistas.

Caiu Berlim, a Alemanha esfacelou-se, o nazismo dissolveu-se no tempo e no espaço. E agora, em pleno gozo de sua liberdade, o povo brasileiro pode voltar a vibrar pela vitória. Desde alguns dias a alegria já não é mais um crime punido legalmente. O papagaio da anedota também foi atingido pela anistia, o samba está livre da lei de segurança. Já podem os filhos da Pátria ver contente a Mãe gentil. E os nossos expedicionários quando regressarem do "front", cobertos pela glória de seus feitos, podem cantar vitoriosos e ufanos, aquela velha canção com que os parisienses, em 1919, saudavam a sua cidade, de volta das trincheiras da Flandres e de Champagne: "Eis os bons tempos que voltam!"

"IN MEMORIAM"



combate incansável contra os inimigos do homem, não suporta o peso de seus

Ouvimos bater os tambores triunfais na cidade cheia de luz e de alegria. Pelas ruas banhadas de sol as multidões desfiliavam cantando as letras de seus velhos cantos festivos. Passavam as bandas militares entre as multidões delirantes, que aclamavam, entre o estouro dos foguetes, a vitória das Nações Unidas. Pelas janelas dos arranha-céus penduravam-se as bandeiras Aliadas, que eram como uma mensagem de solidariedade de todos os povos livres do mundo ao povo livre do Rio de Janeiro. Mas no meio da alegria geral, entre o júbilo das multidões em festa, aparecia a bandeira das 48 estrelas hasteada a meio pau, lembrando a morte do Cidadão Franklin Delano Roosevelt, que não podia vir compartilhar com o povo das Américas as emoções desse dia histórico. Morreu pouco antes da Vitória. O seu corpo, combatido pelos anos longos de

gloriosos sessenta e três anos. Morreu quando era mais necessária a sua presença. O seu cadáver jaz agora numa sepultura simples aberta num jardim de Hyde Park. Mas ele estava presente na festa da Vitória; o seu espírito era o mesmo que animava as multidões entusiasmadas que comemoravam a maior data do século XX. Entre o pendão escarlate da foice e do martelo e a bandeira do Império Britânico lá estava o estandarte dos Estados Unidos, como uma lembrança forte do grande Presidente.

Hoje o mundo está em paz. Aos lares, saudosos, voltam os soldados das democracias cheios de esperanças. A obra de Roosevelt aí está plantada diante deles, como um pedestal de glória. Mas ela não foi terminada. O Presidente levou a cabo apenas a sua tarefa de soldado. Mas o seu trabalho de pacifista não quis o destino que ele o cumprisse. E assim é justo que lamentemos agora amargamente a sua perda, por isto que hoje é o dia em que mais falta nos faz a sua palavra serena e a sua ação decidida. Foi ele quem conseguiu levar à luta, lado a lado, todos os homens de boa vontade, sem distinção de ideologias e crenças. E agora, que unidos vencemos a guerra, é necessário que saibamos unidos trabalhar na paz. "Remember" Franklin Roosevelt!

CUIDADO COM AS ASSOMBRAÇÕES



Parabens cidadãos do mundo livre; que a paz seja convosco. Que agora, esquecidos a um canto o fuzil e a sacola de granadas, possamos empunhar de novo a rabicha do arado e revolver a terra fértil e generosa. Que os trigais dourem de novo os campos felizes da Ucrânia; que os tratores cantem outra vez um hino de labor sobre as planícies verdejantes da Califórnia. Parabens, cidadãos do mundo livre. O fascismo está morto; o cadáver de Mussolini esteve exposto na Piazza oretto, à mercê da fúria vingativa da população milanesa. Ditem que Hitler morreu. E esta notícia, longe de causar o mais leve sentimento de pesar em qualquer coração humano, veio desafogar as almas e fazer sorrir os corações.

Mas em algum lugar da Europa ensanguentada, a alguns passos da foz do Tejo, houve quem deplorasse o ditador desaparecido. As bandeiras portuguesas, mal chegou à capital lusa a notícia da morte do "fuehrer", desceram a meio pau, diante do mundo indignado. Tal foi a notícia que nos trou-

xeram as agências telegráficas. Pouco depois o Governo Salazar desmentia o luto oficial por dois dias, que havia decretado como demonstração do pesar que lhe causara a morte de Adolf Hitler. E logo depois do desmentido Lisboa nos mandava outra notícia sensacional: o Governo Português romperia relações com a Alemanha. A nota do rompimento não foi, porém, entregue às autoridades nazistas, justamente porque o ato fôra assinado depois do desaparecimento completo e absoluto do governo alemão.

O procedimento do governo salazarista é mais uma advertência aos democratas de todo o mundo. E é bem prever que devemos ter cuidado, muito cuidado, com os que ficaram. O fascismo água-com-açúcar de Salazar, agora que o "jardim da Europa à beira-mar plantado" se povoa de refugiados alemães, pode, de um momento para outro, abrir a boccara e transformar-se no fascismo feroz de Adolf Hitler.

Mussolini morreu, Hitler desapareceu; mas Franco e Salazar estão vivos e bem vivos. E se eles resolvem agora romper com o inexistente III Reich, não nos devemos ludir com os seus vãos de anjo. Isto é apenas mais uma "camouflage".

O fascismo está morto e enterrado. Mas cuidado, muito cuidado com as assombrações...

DOUTORA EM "MAYONNAISE" E BACHARELA EM BIFES



"roast-beef" é tão importante como o solilóquio de "Hamlet" ou "A Divina Comédia". E é considerado tão genial quem compõe uma ode como quem sabe fabricar uma salada saborosa. A Medicina, o Direito, a Engenharia são hoje artes irmãs da

Vêm agora os jornais trazendo notícias da formatura da primeira turma de bacharelas em culinária, que acaba de se diplomar no curso especializado criado e mantido pelo Ministério da Educação. Aí está uma novidade grata a todos os homens. De agora em diante, quando qualquer rapaz pedir uma pequena em casamento, em vez de se informar antes sobre as suas qualidades e sobre a família, terá apenas, para assegurar-se da felicidade futura, que exigir-lhe a apresentação do diploma de bacharela em copa e cozinha.

Em verdade isto era o que estava fazendo falta no Brasil. O nosso romantismo dava até pouco tempo a cozinha como sendo uma ciência prosaica, da qual não era muito distinto falar-se nas rodas gráficas. Hoje, porém, aqui, como na Europa ou na China, um bom

arte culinária, e um bom cozinheiro deve por isso mesmo oficializar os seus conhecimentos técnicos e diplomar-se por um curso mantido pelo Governo, com direito, no fim de tudo, a um canudo e — por que não? — a um título de doutor. Julgamos mesmo de justiça, dada a importância sumária da cozinha na vida de todos os homens, que as bacharelas em ciências culinárias seja também dada uma pedra simbólica, e que elas tenham também o direito de ostentar no dedo respectivo o anel combrobatório de seu grau.

Assim, o curso de arte culinária não veio fora de tempo. Hoje já podemos ser apresentados, em qualquer salão de baile, à sta. Iracema, doutora em ovos estrelados, ou a mle. Luiza, bacharela em fritadas.

Mas o que está nos tornando aversivos, com relação a esse fato, é a falta de campo para o exercício da profissão das novas doutoras que, assim, irão encontrar, logo no início de sua brilhante carreira, os mesmos problemas que afligem os médicos os engenheiros e os advogados do Brasil. Todos eles, uma vez formados, lançam-se à luta contra os concorrentes, por um espaço vital diminuto, no seu restrito campo de ação. Isto porque temos bacharéis e não temos Direito; temos engenheiros e não temos construções; temos médicos e não temos hospitais.

Agora temos também cozinheiras; mas onde andará a "boia"?

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 49,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REFRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 19 --- 12-5-945

LITERATURA

As luzes brilharam outra vez	3/5
Bilhete a Stefan Zweig (Celestino Silveira)	9
Crise (Roy Cameron)	19
O caso da dama solitária (Edgar Wallace)	23
O drama da guarda-moria (Zenaide Andréa)	28/29
Em Sonho (William Braithwhite)	34
Livros Novos (J. L.)	40/41
Frei Henrique de Coimbra (Escragnolle Doria)	42

REPORTAGENS

Quando o "após-guerra" se aproxima	15/17
A guerra em marcha	24/25
Falcões brasileiros nos céus de Itália	35/39
Jockey Club	48

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	27
Três estilos	30/31
Seu Tricot e "Tailleurs"	46/47
Outros Modelos	50 e 52

CURIOSIDADES

"Bonita Demais"	10/14
Roosevelt, o Inspirador (Celso Guimarães)	18
Livros para o povo	21
Gráficas de Hollywood	43

SECÇÕES

Aconteceu... ..	7
A Semana em Revista	6
Figuras e Fatos	22
Aconteceu no Rio	26
Artes Plásticas	32
De Cinema (Luiz Serrano)	33

CARICATURAS

Dois em uma	8
De bom humor	20
"Charge" de Raul	56

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	57/58
-------------------------------------	-------

NOSSA CAPA

Uma figura proeminente do nosso teatro de declamação ocupa o lugar de honra deste número: Eva Todor, ou simplesmente Eva, como de fato se popularizou junto às platéias de todo o país. Sobre ser um espírito moço e capaz de assimilar tôdas as reações sutis da sua arte, é também a atriz que veste com elegância, valendo suas aparições no palco, sempre que as peças assim o permitem, por um autêntico desfile de figurinos que a platéia feminina trata de copiar. Mas a carreira de Eva Todor está, agora, rasgando horizontes maiores e mais vitoriosos ainda, pois neste momento, por exemplo, nós a vemos marcar um sucesso ímpar na temporada, com a apresentação da mais recente comédia de Joraci Camargo, intitulada "Bonita demais", e que primeiro focalizou, na cena, o problema social em larga escala. Damos também, nesta edição, um resumo fotográfico e descritivo da referida peça, de par com outras reportagens e leitura variada: o segundo capítulo da crônica exclusiva para a REVISTA, feita pelo expedicionário Artur Estrela de Souza, subordinada ao título "Falcões brasileiros nos céus de Itália", modas, literatura, "charges", etc. A destacar ainda a nomeação de um correspondente efetivo em Hollywood o sr. Luiz Serrano, que já comparece neste número com seu primeiro serviço informativo.



Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Aconteceu...

HÁ DEZ ANOS

1935. Dia 13 de abril. Ainda não havia guerra na Espanha. O nazismo era então tido em todo o mundo como um aglomerado de rapazes de boas famílias, que tentavam salvar a Alemanha do perigo bolchevista. O mundo estava em paz, diziam. E por isso as "manchettes" estavam tôdas alugadas por um tal senhor Bruno Hauptmann, acusado de haver morto uma criança. Que monstro! Mas a nação americana ia lavar aquela nódoa em sua civilização, electrocutando o desumano assassino. Na data acima publicava a REVISTA DA SEMANA:

"A CADEIRA ELÉTRICA

Após a sua condenação foi Bruno Richard Hauptmann transferido para a prisão estadual de Trenton, capital de Nova Jersey e encarcerado numa cela vizinha da sala onde se acha permanentemente a fatal cadeira. Assim ele terá que dar apenas meia dúzia de passos para sentar-se.

A propósito deste caso trágico, recordam os jornais a origem da electrocução nos Estados Unidos. Foi no Estado de Nova York, a 6 de agosto de 1890, ao cabo de longas discussões médico-legais e numerosas experiências em animais inocentes, entre os quais um elefante, que a cadeira elétrica veio substituir a força pela primeira vez. Os adversários de tal invenção afirmavam que, causando uma morte lenta e dolorosa, ela era contrária à lei que mandava executar os culpados pelos meios mais rápidos e sem sofrimento. Consultado, porém, Edison assegurou que uma corrente alternada, muito fraca embora, podia fulminar instantaneamente um homem.

Um tal Kemmler, condenado à morte por crime passionai, esperava há quatorze meses que aqueles senhores chegassem a um acordo. Foi a ele que coube a honra de inaugurar o engenho da morte. E a isso se prestou, pode-se dizer, de bom grado. Sentou-se calmamente na cadeira, deu algumas indicações para lhe ajustarem bem o capacete e amarraram-no ao aparelho com "segurança". Parecia menos um condenado que um electricista em trabalho.

Parece que daí para cá aperfeiçoaram o aparelho. Vejamos como se porta Hauptmann." 1935. Dia 13 de abril. Dez anos apenas são passados. Mas como estão longe de nós esses dias calmos, quando o mundo considerava um homem como monstro, apenas porque ele havia assassinado uma criança!

Escrevemos estas linhas no dia 7 de maio de 1945. Foi executado há pouco pelos patriotas italianos o antigo ditador Benito Mussolini, acusado de muitos crimes. Hauptmann perto dele é um anjo. Ponham o filho de Lindbergh perto das legiões e legiões de crianças mortas nos bombardeios de Madrid, Barcelona, Londres, Stalingrado, e mais onde andaram os bombardeiros do fascismo. E o fantasma do garoto será apenas um átomo perdido no universo. Como o crime evoluiu de 1935 para cá!

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

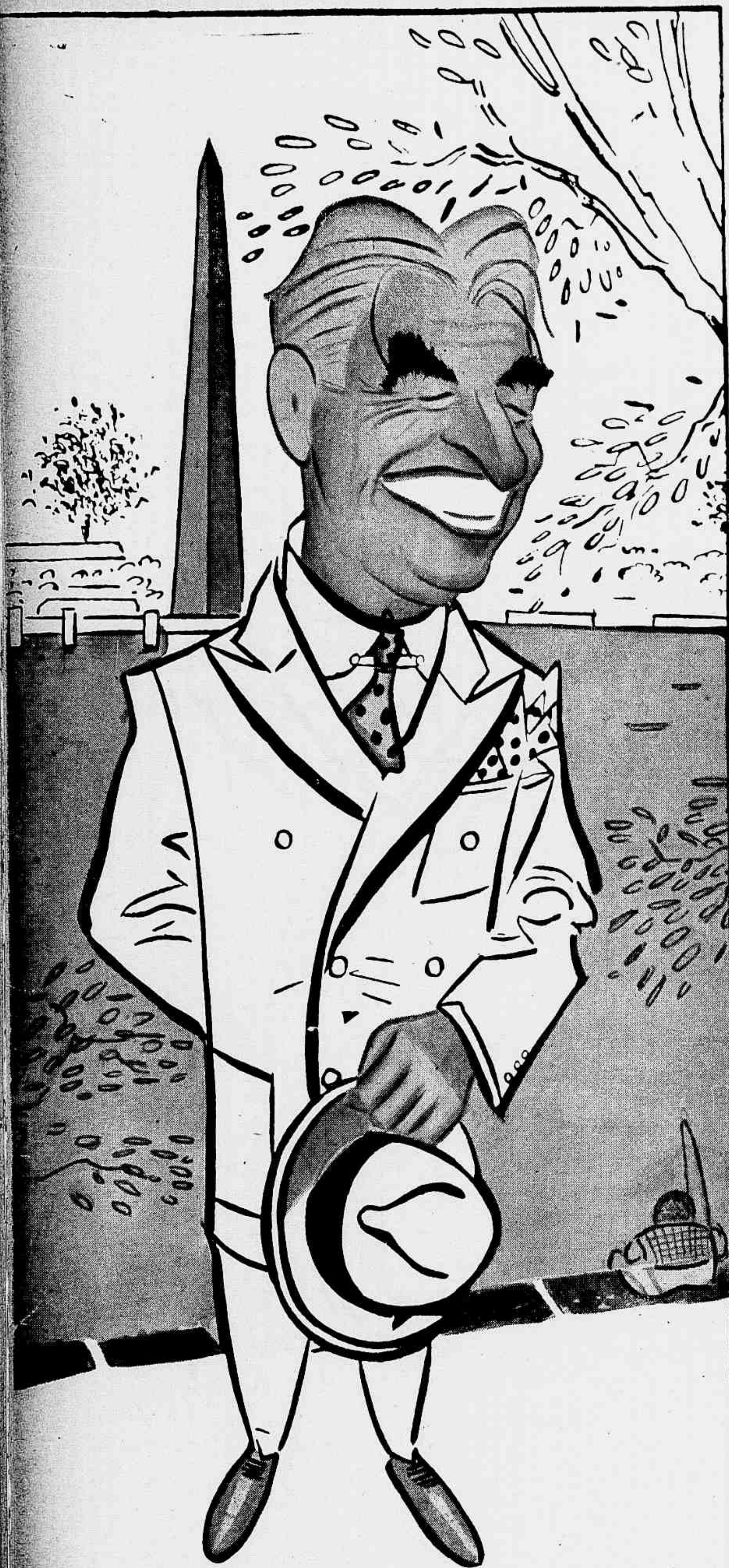
Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO

CARICATURAS DE
MICHEL
LEGENDAS DE
ZE' CARIOCA

DOIS
em
UMA

JOCKEY CLUB MUNDANO

"Brasileiros! Já podemos
Ver contente a Mãe gentil.
E, agora, o que nós queremos
É o "Grande Prêmio Brasil"."



UM SORRISO PARA TÔDAS

"Mal nossas armas os nazis liquidem,
Mal mostre a paz de novo o seu sorriso,
Eu, Leão, Molotov e Anthony Eden
Faremos dêste mundo um paraíso."



BILHETE A STEFAN ZWEIG

VEJA você em que deu a sua precipitação, amigo. Desanimando em meio da jornada, não acreditou que os ventos mudassem a nosso favor e presumiu que estivesse malogrado qualquer recurso de salvação. Nosso barco e nossas almas, devia estar tudo sossobrando, jogado contra a maré, de encontro às ondas mais revoltas, de crista erguida, para você, que tinha obrigação de enxergar mais longe, desanimar. Desanimar a ponto de cortar as amarras da vida por sua própria conta, levando ainda, no redemoinho, a vida de quem o acompanhava em sua luta e em seu desespero.

A hora era dramática, certamente. As aparências faziam crêr que tudo andasse irremediavelmente perdido, quando você, longe do cenário onde se desenrolava o drama, talvez por isso mesmo mais impressionado, tomou a deliberação extrema. Demorava a notícia da invasão, e espíritos tendenciosos especializavam-se em repetir que essa invasão jamais viria. Ou, quando viesse, seria para acabar num desastre maior. Presagiava-se tudo pelo pior. E no convívio de alguns que

o cercavam, quantos deles não seriam os primeiros a contribuir para a sua queda de espírito! Muitos que hoje se ufanam com a Vitória. Talvez dos que mais tenham embandeirado a fachada...

E no entanto você foi tão precipitado, amigo! Esperasse mais um pouco e não se justificariam seus temores. Você mesmo seria o primeiro a afugentar o fantasma do suicídio. Houve quem dissesse então o que invariavelmente se diz de um suicida: corajoso! E no seu caso adiantou-se que sua coragem teria sido maior, pois dera para arrastar a quem o acompanhava. Mentira! Em cada suicida esconde-se um indivíduo tangido pelo medo, medo de qualquer coisa na iminência de suceder ou já consumada. Medo da enfermidade incurável, da ruína financeira ou do desmoronamento de um ideal, que foi o seu caso. Não estivesse você dominado pelo pavor do que lhe poderia suceder com a vitória nazista, quem sabe se insuflado pelo complexo trabalhado por terceiros, e seria o primeiro a reconhecer a sua covardia. Deixassem os outros levar-se pela sua atitude e tudo estaria perdido.

Mas dizer-se que foi o homem que tão bem dissecou a psicologia do medo quem por ele se deixou arrastar!

Certamente nós sentimos a sua falta neste instante, como sentimos a de outros homens que não mereciam ter morrido. Dois deles tanta falta já estão fazendo nos preparativos da Pab: Roosevelt e Wilkie! Esses, porém, tiveram a coragem de ficar até o fim, mesmo quando o fim se desenhava sombrio. Não quis o Destino que ficassem. Talvez fossem idealistas de mais para enfrentarem o jogo de interesses em perspectiva, pronto a gerar novas cisões se espíritos mais fortes não o impedirem.

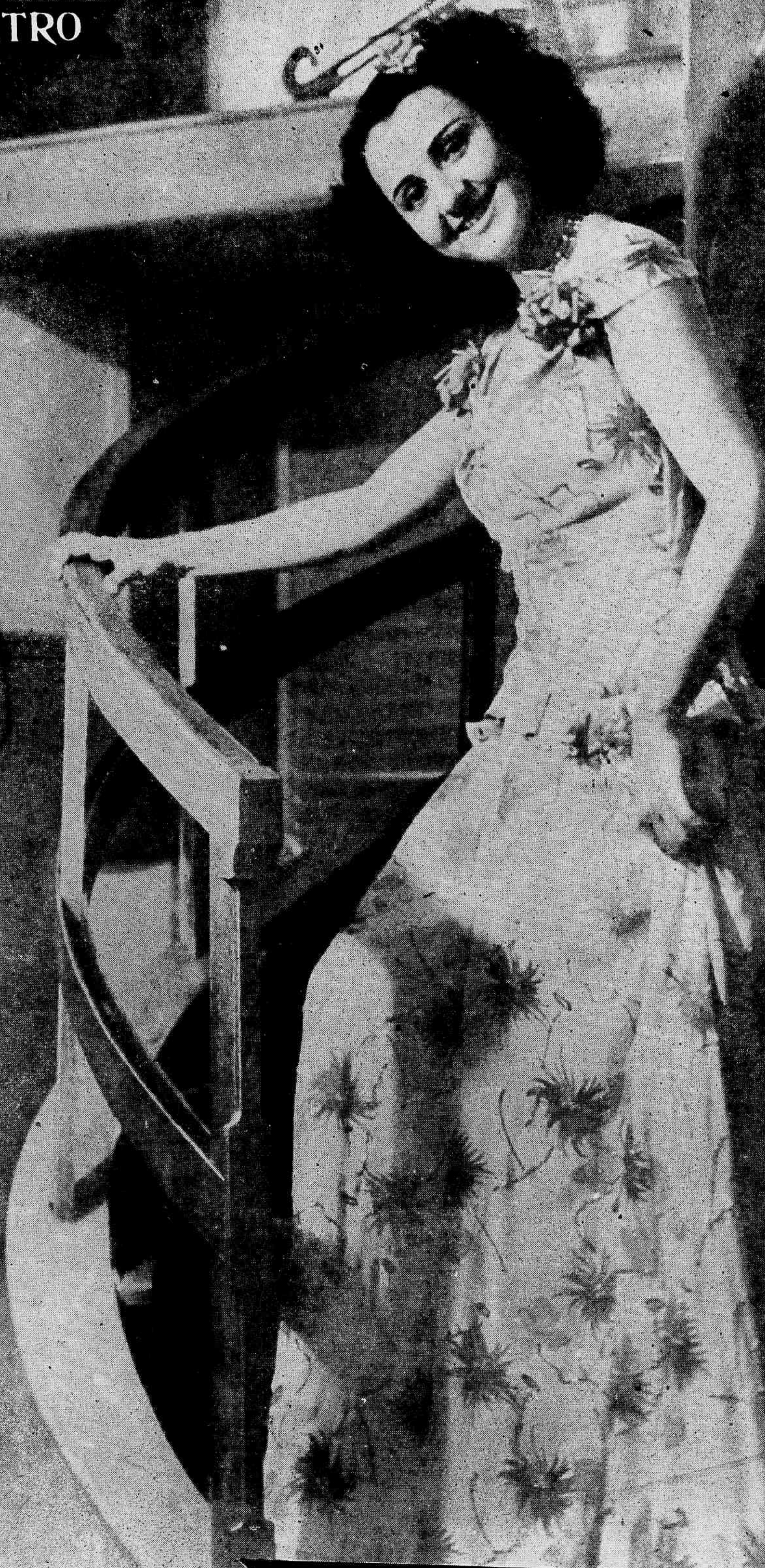
Você, porém, só não está aqui porque não quis. Por isso não o censuramos, não, mas nos compadecemos.

E depois, quem sabe o que realmente terá motivado seu suicídio? A tragédia de Petrópolis ficou envolta em um mistério que algum dia virá a esclarecer-se. Não nos surpreenderíamos, amigo, se ao germe desse mistério se ligasse qualquer semente da Quinta...

Celestino Silveira

As sepulturas de Stefan Zweig e da esposa, no cemitério de Petrópolis.

DE TEATRO



BONITA DEMAIS

1 Do
un
ci
trinta
tinha
estar f
recorri
De qu
de Co

petá
os
mar
pani
lhe
na
acon
tos
plic
que
ria
pro
do
po
esp
El

2

ser
da
Gu
Co
ce
dã
bo

1 Dona Santinha obriga o marido, o pobre Guilherme, a manter um nível de vida social que realmente não suporta. Alto funcionário, ganha seis mil cruzeiros mensais e gasta, sem poder, trinta ou quarenta mil. Vive, por isso, em constantes apuros. Santinha aparenta o que não pode e simula, junto às amigas, um bem estar financeiro que não existe. Crivado de dívidas, Guilherme teria recorrido ao suicídio se sua filha, Conceição, não procurasse salvá-lo. De que maneira? Prejudicando sua própria honra e aceitando a corte de Carlos Alberto, um rapaz rico e cético do amor. Dona Santinha fez "vista grossa" e Guilherme melhorou de vida...

Continuando a série fotográfica dos grandes espetáculos teatrais do ano, fixamos hoje nestas páginas os mais culminantes momentos da peça de Joraci Camargo — "Bonita demais" — levada à cena pela Companhia Eva Todor. O novo original do autor de "Deus lhe pague" foi por ele mesmo definido como "um sóco na boca do estômago do público" e de fato assim aconteceu. Na noite da "première" houve até protestos na platéia do Teatro Serrador, quando Joraci explicava o sentido social do seu trabalho. Depois, houve quem vaticinasse um irreparável desastre de bilheteria para "Bonita demais". O público incumbiu-se de provar que os protestos eram absurdos e a profecia de insucesso econômico ainda menos. A peça está às portas do centenário. Aqui estão os flagrantes desse espetáculo que tem como principais intérpretes Eva, Elza Gomes, Afonso Stuart e Andre Villon.

2 Mas agora que a jovem Conceição conhece melhor a realidade da vida, vingá-se de Carlos Alberto, jogando-o ao desprezo e aceitando os galanteios de outros homens. Ela é, agora, uma senhora elegante, de largos recursos, com os quais sustenta as vaidades de dona Santinha e auxilia os desequilíbrios financeiros de Guilherme. Sempre que a moça ameaça não querer mais saber de Carlos Alberto, são os pais que tentam demovê-la dessa atitude, recordando o fantasma da miséria. Ela, porém, lembra ao rapaz o que dele ouviu quando era ingênua e sincera: "Você é bonita, mas bonita demais para o casamento, Conceição...". E agora, vingá-se...





3 E acontece o inesperado. Carlos Alberto, que a princípio não dava maior importância à filha de dona Santinha, ficou por ela seriamente apaixonado. A tal ponto que dá para embriagar-se, perde a compostura; e, sem dinheiro, as roupas no fio, o moral abatido, é ele quem está sofrendo... Sua queda é a vingança suprema de Conceição. Primeiro devolveu-lhe todo o dinheiro que d'ele recebera, e depois é ela quem lhe empresta dinheiro. Os ciúmes de Carlos Alberto aumentam sempre. Ele sabe agora que a moça tem outros "flirts", e nem sequer pode acompanhá-la pela falta de roupa apresentável. Conceição joga na Bolsa, compra imóveis, tem joias, mas perdeu o que de mais precioso possuía, a honra. Intimamente ela sofre também, porque não deixou de amar o rapaz que primeiro a levou para aquela existência inglória...



4 E a degradação continua dentro daquele lar outrora feliz e honesto. Guilherme desconfia de dona Santinha. Aparece dinheiro, muito dinheiro, para solver todas as situações. Em um banco da cidade foi aberta uma conta corrente em nome d'ele, Guilherme, mas ninguém sabe quem seja o depositante das grandes quantias ali colocadas. Guilherme sabe que a desonra lhe entrou em casa. Ele está bem, a esposa é uma figura de projeção na crônica mundana, nos casinos, nos prados, nas recepções elegantes, mas... De onde vem o dinheiro? Será realmente Santinha? Será Conceição? E Guilherme sofre. Ele desejaria poder reagir, apurar a origem da miséria moral, mas falta-lhe coragem. E vai deixando tudo como está, indigno, desmoralizado... De vez em quando procura enfrentar a situação. Mas dona Santinha o faz silenciar. E a miséria continua...



13 **5** A verdade é que dona Santinha está, por sua vez, sendo cortejada por um bonequinho de salão, um tipo fútil e idiota. Ela deixa enlevar-se pelos galanteios do mocinho, sem saber que a desonra será ainda maior dentro do seu lar. O rapaz é lírico, romântico e perfeitamente tolo, mas sabe dizer palavras bonitas, que vão calar no coração da mãe de Conceição. Guilherme está, por sua vez, às voltas com o seu "caso", pois, na falta dos carinhos da esposa, outra mulher toma o lugar de Santinha. A filha não mora mais naquela casa. O velho criado da família, confidente de todos, é quem sabe de tudo. Sabe mas silencia, envergonhado...

6 E Conceição? Mais "chic" do que nunca, rica, dona de prédios e cortejada pelos homens de maior evidência — até políticos da situação dominante... — vai dando as cartas dentro de casa. Que saudades de outrora, da ingenuidade perdida, do seu primeiro amor! Se Carlos Alberto a tivesse compreendido seria agora uma esposa feliz, mãe de seus filhos e respeitada. Assim, faz sofrer o homem que a perdeu mas contenta-se com o luxo, a ostentação, os prazeres sociais. Ela sabe que algum dia tudo estará perdido, ninguém mais poderá olhá-la com olhos de cobiça. Quando a velhice bater à porta... Mas por enquanto é bonita... demais...

7 Um dia Guilherme conta tudo à filha e a Carlos Alberto. Ele é o pai de duas crianças cuja mãe está lá fora, a desventurada Alice. Alice vai exigir a sua parte de felicidade, mas que direito lhe assiste? Conceição tem piedade da mulher que, afinal, deu ao pai o carinho que lhe faltava da esposa. E o encontro de Guilherme, Alice, Conceição e Carlos Alberto faz voltar a realidade, nua e crua, àquela casa onde tudo era artificial. Dona Santinha está na rua, passeando com outro... E Conceição, que de caso pensado jogou tudo na Bolsa e tudo perdeu, diz friamente ao pai e ao rapaz o que todos são: desgraçados!





8 Agora tudo é diferente. E novamente trágico. Carlos Alberto está disposto a reparar a sua falta antiga. Que bom se Conceição pudesse aceitá-lo como espôso! Ambos pobres, recomeçariam a vida, reconstruindo a felicidade perdida... E se fora ele o culpado da desgraça inicial, propunha-se a tudo para ver a moça alegre... E' tarde, porém. Conceição não acredita mais na felicidade. Ela terá de continuar a sua vida de mulher aparentemente rica, embora intimamente desgraçada... O pai e a mãe vão, por sua vez, prosseguir na sua união falsa. E Alice, com seus filhos, continuará sendo a outra, a intrusa!

9 Dona Santinha é quem menos está ligando às tristes realidades que se revelaram sob aquele teto. Ela não quer, apenas, que a filha perca a sua invejável situação social. Que importa o que digam os outros! Com Carlos Alberto ou com qualquer outro a vida continuará a mesma, ingrata, falsa. E' preciso vê-la assim mesmo... E o drama vai continuar sem "happy end", como Joraci Camargo explicou na noite de estréia, em cena aberta. Não há mais salvação. Santinha, infiel ao marido. Guilherme, traindo a espôsa. Carlos Alberto, aceitando as migalhas do amor de Conceição, que sempre foi bonita, muito bonita, mesmo...
Bonita demais... para casar-se!



QUANDO O "APÓS- GUERRA" SE APROXIMA...

Os automoveis levantam vôo

Agora, que já entrámos praticamente no tão falado "após-guerra", torna-se necessário tratar dos problemas da paz, relativos à vida e à movimentação dos homens no esperado "mundo melhor".

Lógico que, saído desta guerra de quase seis anos, o mundo se transforme por completo e que passemos a viver de outra maneira. Os seis anos de combate ao nazismo aceleraram de maneira poderosa a roda do progresso humano. O que era uma novidade em 1939, pertence hoje às galerias dos museus históricos.

E o automóvel, o veículo destinado a ser a maravilha suprema do século vinte, talvez não chegue a alcançar um cinquentenário de glória, porque o gênio arrojado dos "yankees" já está preparado para pôr fora de circulação os antiquados locomotores de quatro rodas, substituindo-os por um aparelho aéreo de baixo custo e de manejo simples, que permita uma aterrissagem em qualquer terreno e a decolagem de qualquer lugar.

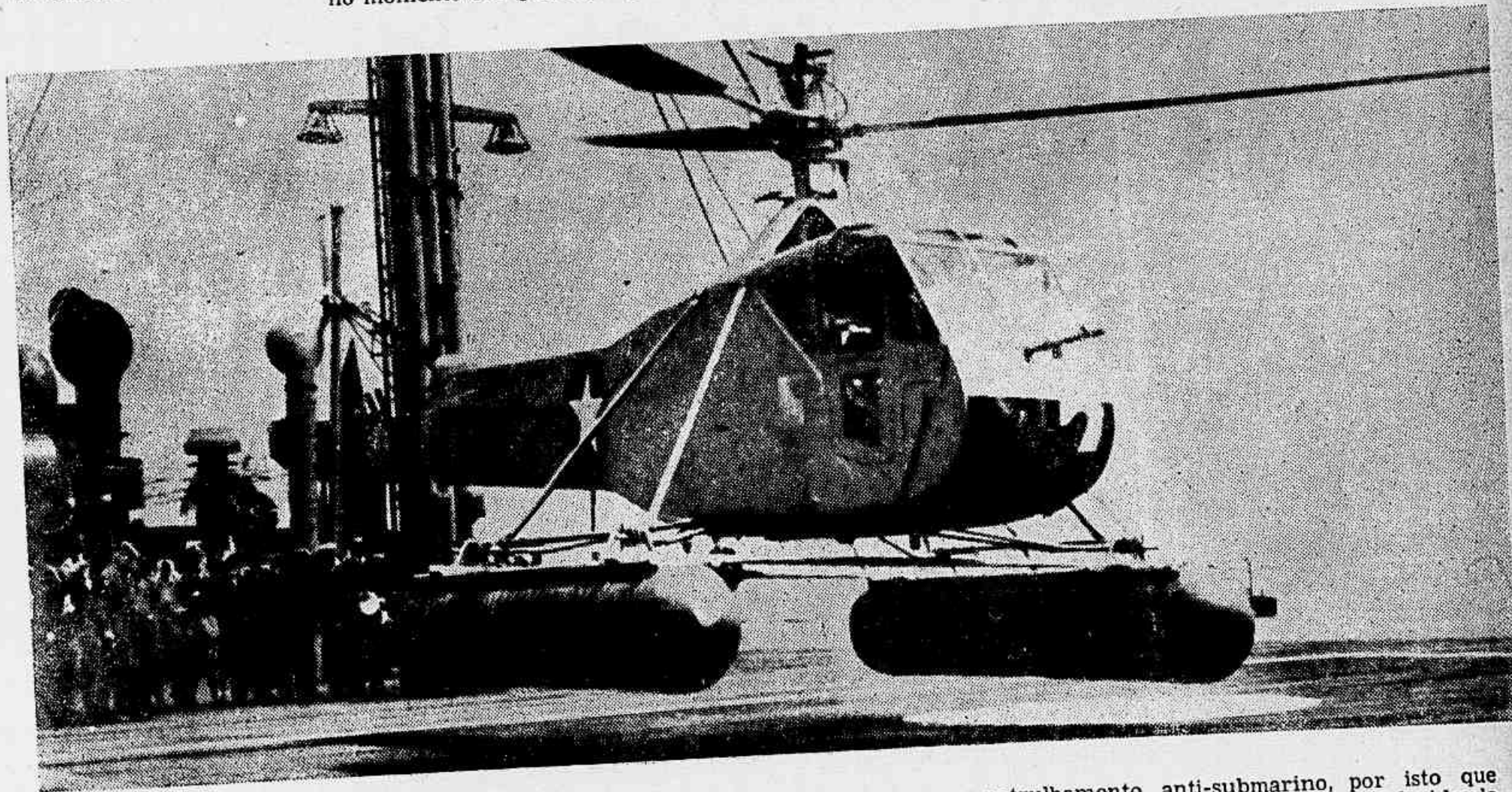
E esta nova máquina, de maravilhosas qualidades, destinada a ser o automóvel de amanhã, já está sendo levada a sério pelos industrializadores de invenções, que vêem nela o sucessor do arcaico "fordeco" de bigode, de saudosa memória.

Vários modelos de helicópteros estão sendo fabricados nos Estados Unidos, esperando-se o fim da guerra e a consequente desmobilização das indústrias, para que esses automóveis aéreos possam ser feitos em série e vendidos a preços acessíveis.

E essa revolução nos transportes urbanos e transcontinentais não poderá então fazer-se esperar. É questão de dias o aparecimento dos helicópteros e o enterramento dos automóveis.

Parabéns, pois, Cascad'ral! Você ficará a dois minutos da Cidade...

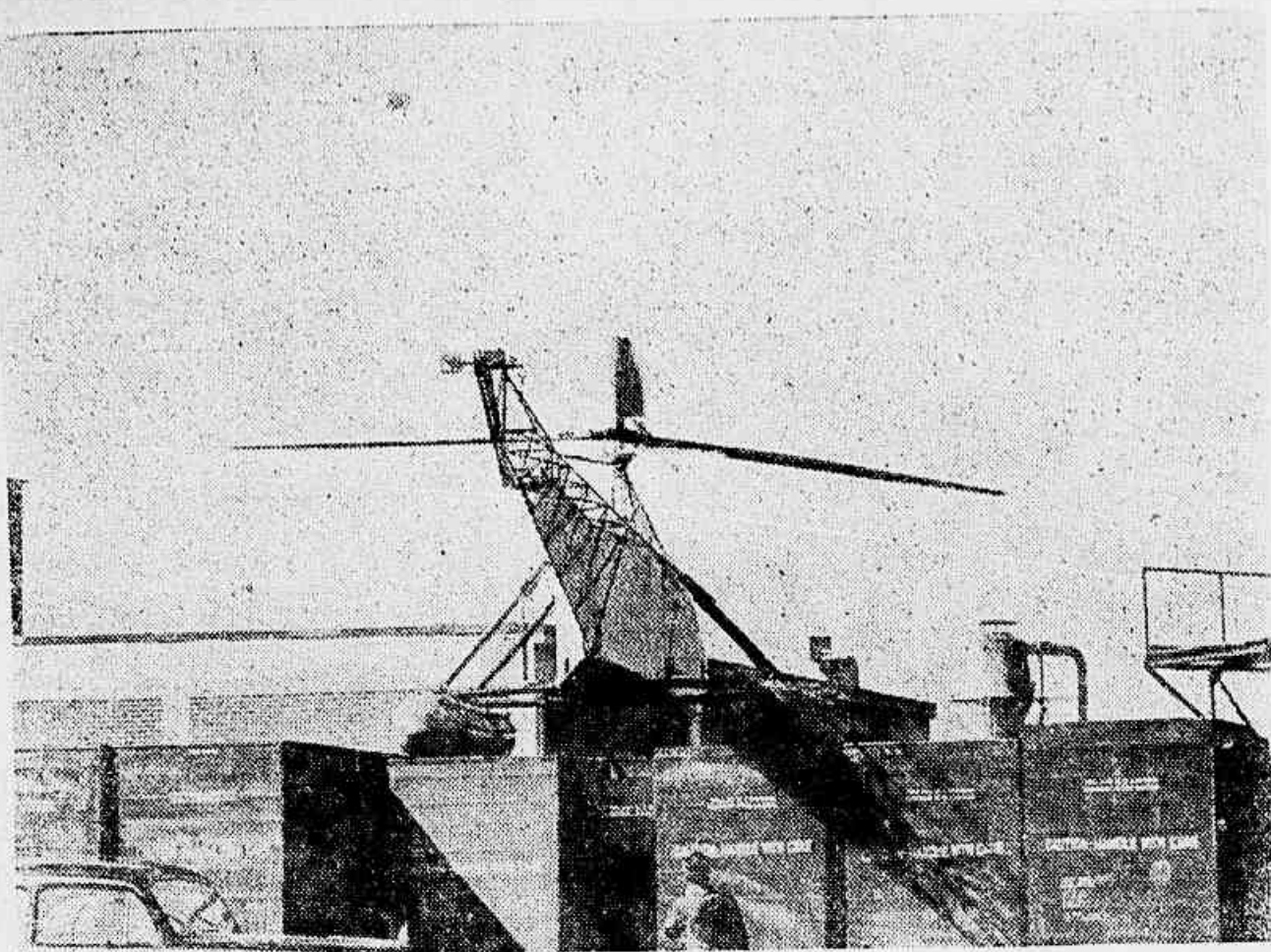
ABORDAGEM — Este é o helicóptero Sikorsky bi-place, construído pelo major Igor Sikorsky, um dos maiores engenheiros aeronáuticos do mundo. Este modelo é adotado no exército dos Estados Unidos. O leme de direção e altura são substituídos por um pequeno hélice tri-pá, que se move em todos os sentidos. A estabilidade do aparelho é dada pelo grande hélice, também tri-pá, que gira com velocidade em sentido horizontal. Para se manter no ar, o helicóptero dispensa os planos, que são os sustentáculos de todos os aviões. Outra vantagem desta máquina é facultar a estática do aparelho no ar. Aí vemos uma abordagem, fotografada no momento em que o passageiro subia para o seu lugar ao lado do piloto.



NA GUERRA — Como os dirigíveis, os helicópteros prestam relevantes serviços no patrulhamento anti-submarino, por isto que podem se estabilizar nas alturas, observando as profundidades. Além disso eles podem aterrissar ou decolar do espaço reduzido da coberta de qualquer navio. Neste modelo utilizaram-se, para o trem de aterrissagem, em vez das rodas, pára-choques pneumáticos.

PILOTO DE PONTARIA — Para demonstrar a facilidade com que pode ser comandado um helicóptero e a segurança com que pode ser dirigido, este hábil piloto coloca um estilete pôsto no "nariz" do aparelho, justamente dentro de uma argola de 20 cms. de diâmetro, colocada na grade de aeródromo. No momento em que foi feita a chapa, o aparelho estava completamente imóvel no ar.





EMERGÊNCIA — Em qualquer lugar um helicóptero pode aterrissar sem perigo para os seus tripulantes e passageiros. O piloto deste aparelho, para demonstrar como se deve agir em caso de emergência, pousou os pára-choques do seu helicóptero sobre dois caixotes do depósito de uma fábrica. Nem o aparelho nem o conteúdo das caixas sofreram o menor dano com a aterrissagem forçada.



"ESQUECEU-SE, QUERIDO" — O marido de amanhã quando sair para a rua, muitas vezes, por certo, esquecer-se-á de levar a carteira ou outro qualquer objeto. Se a esposa o encontrar logo, sobre a mesa, fácil lhe será entregá-lo ao dono, na cabine do helicóptero. Ai está uma cena que não será motivo de surpresa nos dias do ano que vem. Note-se no modelo acima o trem de aterrissagem. Aqui ainda se notam rodas em vez de pára-choques.

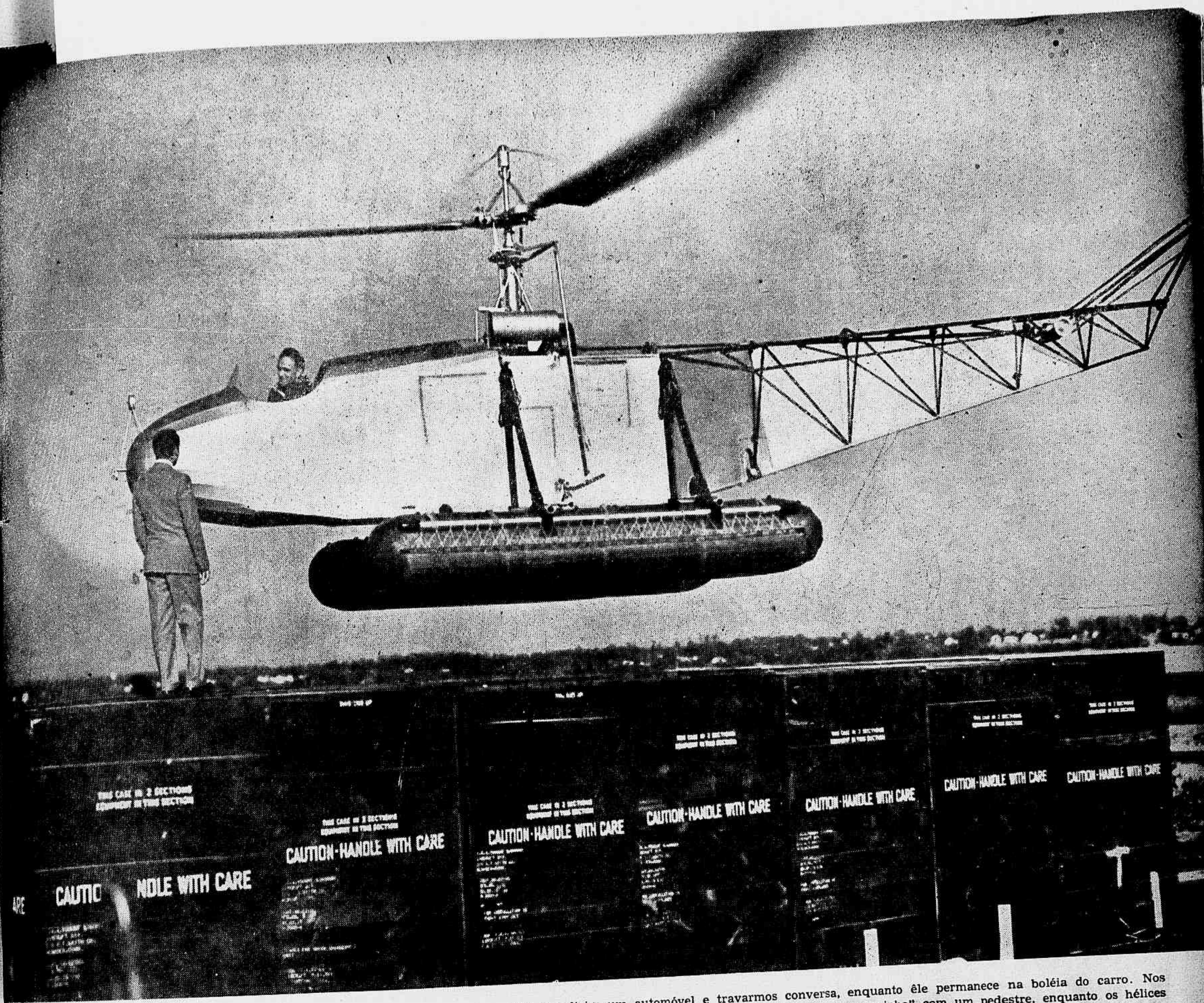
GASOLINA PARA O MOTOR — Um helicóptero pode ser facilmente reabastecido de combustível mesmo em voo. A maior vantagem destes aparelhos sobre os aviões vulgares é justamente a sua faculdade de imobilizar-se no ar. Na foto abaixo aparece um helicóptero recebendo gasolina em pleno campo. O ruído do motor, justamente pela morosidade das rotações dos hélices, é diminuto, em comparação com o estrondo provocado pelos H. P. de um monomotor qualquer. O piloto que aparece na gravura parece conversar calmamente com o amigo que lhe fornece o combustível. Naturalmente o convida para dar uma "voltinha".



CAUT

PALES
automó
do seu

"CU
qua
feg
ser
isso



PALESTRA DE BOLÉIA — Não é raro hoje encontrarmos-nos com um amigo que dirige um automóvel e travamos conversa, enquanto ele permanece na boléia do carro. Nos automóveis voadores de amanhã esse hábito poderá ainda ser conservado. Ai está o piloto de um planador Sikorsky "batendo um papinho" com um pedestre, enquanto os hélices do seu aparelho funcionam sem cessar. Quando se despedirem o "motorista" puxará o "stick" e o aparelho ganhará altura. E em poucos minutos estará atravessando as nuvens.

"CUIDADO, MOÇO!" — Este piloto, ao tentar aterrissar sobre um pranchão de saltos, quase atropela um pedestre. Amanhã, quando milhares e milhares de planadores trafegarem pelos céus das cidades, não será fácil dirigir o trânsito urbano. As trombadas serão inevitáveis e os desastres por certo se multiplicarão. Naturalmente, antes que isso aconteça, será inventada uma motocicleta voadora para os inspetores de veículos.

"TERRASSE", CAMPO DE POUSO — Sobre o terraço de um barracão o piloto faz descer o seu helicóptero, sem o perigo de errar a aterrissagem. Chegando a uma altura reduzida, imobiliza o aparelho no ar e cai serenamente, em sentido vertical, sobre o campo de pouso improvisado. No mundo de amanhã não será raro vermos descendo os helicópteros particulares sobre os coradouros das lavadeiras.



ROOSEVELT, O INSPIRADOR

(De New York,
especial para a
REVISTA DA
SEMANA)

C E L S O
GUIMARÃES



NOVA YORK tem ainda os seus jornais abrindo largas colunas para nos lembrar os exemplos de Franklin Delano Roosevelt; tem as suas emissoras no ar, levando a toda parte a significação marcante daquela personalidade inconfundível; tem ainda as suas bandeiras descidas a meio-mastro, na homenagem comovida do seu povo; as vitrinas dos seus "magasins" entristecidas pelos crepes, pondo em relêvo frases históricas do seu soldado-mor, como esta, que bem ressalta a sua capacidade combativa: "O que mais devemos temer é o próprio temor". Nova York lamenta ainda a perda que tanto a abalou. E embora a vida não tenha sofrido aqui solução de continuidade, todo esse sentimento de pesar e de exaltação — como um lenitivo para a mágoa e um apelo à necessidade de continuar a luta — acorda nos novaiorquinos a sensação do vazio, de inquieta expectativa ante os problemas em curso nos últimos dias do seu inolvidável Presidente. E as interrogativas se sucedem atordoantes para quantos se interessam pelas suas soluções. Todos se perguntam se tudo sairá como o previra aquele que deu a tais problemas um desenvolvimento acertado e os vinha acompanhando atentamente ao fim desejado. Embora amparados pelas declarações formais do seu novo chefe, o sr. Harry S. Truman, os cidadãos desta metrópole vivem ainda sob a impressão do choque que tão brusca e inesperadamente os sacudiu. Daí as considerações e os comentários em torno da gigantesca tarefa que o Presidente Roosevelt não conseguiu concluir, sustado pela força do destino. Embora tivesse trabalhado até o último instante para a sua execução, realizando um velho sonho de confraternização universal, ampliando a todas as nações livres a sua vitoriosa política de boa-vizinhança, há como que um "suspense" aumentando a ansiedade geral pelo futuro da Humanidade, futuro que aquele homem ia imperturbavelmente, arrancando dos simples contornos dos projetos para as linhas firmes e coloridas da realidade. O quadro está, porém, incompleto. Faltam aqueles detalhes que lhe são a própria vida, aquele toque final que só a mão do artista sabe e pode dar. Eis por que uma inquietação estranha toma conta dos americanos, de olhos e pensamento postos nos dias que hão de vir, preocupados de novo com a sorte do mundo de amanhã, agora que lhes falta o guia a que estavam acostumados, o construtor de uma esperança sólida e segura. Por isso, há de lhes ter feito um grande bem o pequeno tópico que está entre as linhas que abrem o editorial do mais recente número de "The New Yorker". São estas as palavras que ali estão, alinhadas e expostas à reflexão, para uma conclusão reconfortante: "Parece-nos que a morte do Presidente, longe de enfraquecer a estrutura da Conferência de S. Francisco, tornou-a mais forte. A morte quase sempre reativa o íntimo de maneira estranha, e a morte de Franklin Roosevelt reclama e refaz emoções terríveis, e torna brilhante o significado dos tempos através dos quais ele nos conduziu. Pelo simples fato de morrer, ele redobrou a sua força. Ele agora personifica, como nenhum outro jamais o poderia fazer, todos os americanos mortos, aqueles cuja ausência logo procuramos justificar. O Presidente foi sempre um amante da estratégia: ele até morreu estrategicamente, como se tivesse escolhido o momento preciso para receber o grande legado de luz que a morte deixa aos grandes homens. Roosevelt chegará a S. Francisco na hora exata e numa capacidade centuplicada, para inspirar as nações que ele chamou de "unidas". Nesse trecho tão pequeno em espaço e ao mesmo tempo tão grande em reação otimista, está estampada sem dúvida essa força magnífica que faz da nação norte-americana o centro irradiador da Liberdade e da Democracia. E' a disposição para a luta benfazeja da Justiça pela Justiça, afim de que fique assegurado a cada um o viver bem, dentro da comunhão universal, na distribuição equitativa e relativa dos deveres e dos direitos. Assim, naquelas palavras de "The New Yorker", encontramos por certo, nós todos, apaixonados das boas causas, ensejo bastante de encorajamento e fortaleza para levar a bom termo a parte que nos cabe, a cada um, na pesadíssima tarefa de reconstrução universal em bases mais precisas e mais humanas. Animados pela figura agora mais do que nunca inspiradora de Franklin Roosevelt, que se tornou pela morte o condutor ideal dos guerreiros da paz, dediquemos todos os nossos esforços em prol do fiel cumprimento do programa que está por ser realizado e que sempre constituiu a suprema aspiração daquele estadista que tudo sacrificou — até a própria vida — para a confraternização dos povos, para o destino glorioso da Humanidade que pensa e sente, que trabalha e produz consciente da sua força benéfica e do seu objetivo construtor.

lar-
an-
no
tela
iras
seu
elos
ado-
com-
or",
E
nui-
—
dade
nsa-
mas
ente.
antos
ntam
pro-
mpa-
ados
arry
ob a
nente
tôrno
con-
abora
exe-
uni-
riosa
enso"
dade,
ncan-
lrmes
incom-
vida,
pode
a dos
s que
nundo
avam
e se-
o pe-
edito-
São
tas à
ce-nos
estru-
rie. A
ranha,
noções
atra-
e mor-
como
icanos
tificar.
le até
o mo-
z que
ará a
entupli-
nidas".
tempo
dúvida
aricana
E' a
justiça.
r bem.
itativa
aquelas
to, nós
nte de
r parte
recons-
manas.
iradora
ndutor
nossos
e está
a aspi-
a pró-
para o
e, que
a do



ELE saiu, batendo com a porta. Ela ficou de pé, no meio da sala, com a respiração ofegante, o rosto corado, cabelos despenteados. A última palavra dêle, antes de sair, fôra como uma bofetada.

— Hipócrita!

Há certas palavras irremediáveis. Pode-se pensá-las, nunca dizê-las. Há momentos na vida de um casal em que a irritação impele os pensamentos numa direção errada, conduz o raciocínio perturbado a conclusões absurdas. Há momentos em que, mentalmente, insultamos os seres que mais amamos, em que, por um momento, brilha um lampejo de ódio nos olhos amantes. Mas êsse momento, para não ser irremediável, deve ser mudo. Mais tarde, passada a excitação, é possível voltar atrás, confessar o erro, se não foram

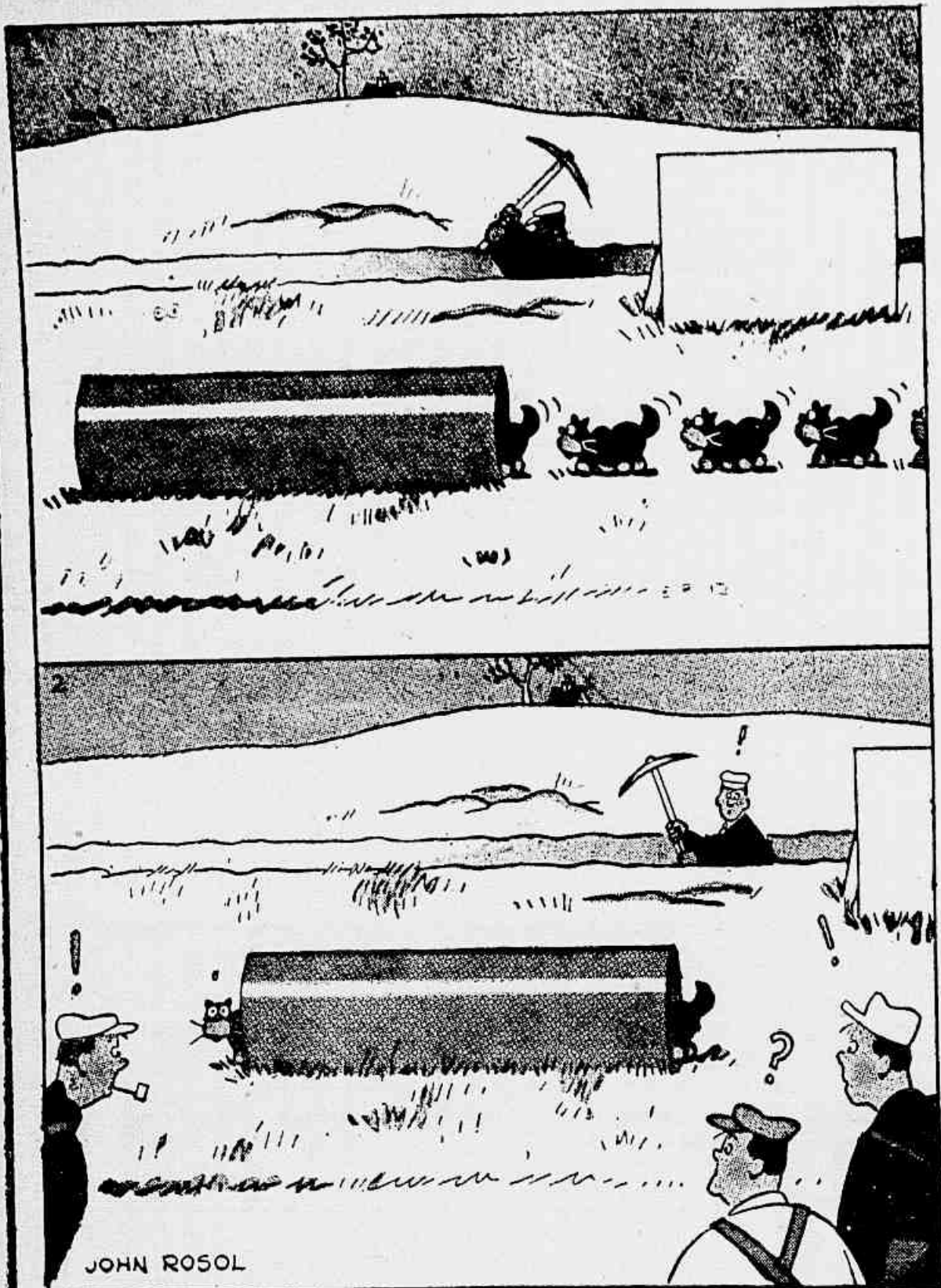
ditas as palavras. Mas uma vez proferidas na hora em que passaram pelo cérebro, a reconciliação já não será completa, pelo menos internamente. Haverá, daquele dia em diante, um constrangimento que agirá como uma barreira entre os mais chegados. Paulo pronunciara as palavras irremediáveis. Dissera, ali mesmo, de pé, o que pensava. Mais tarde, talvez, quando recobrasse a serenidade, teria ocasião de rever o seu julgamento apressado e arrepender-se da sua decisão irrefletida. Mas seria tarde de mais. Ela sentia que se partira alguma coisa. Não fôra, romanticamente, o coração.

Um coração partido aproxima mais ainda. Fôra o amor que se quebrara. De repente, sem saber por que, ela se lembrou de uma canção que sua mãe costumava cantar: "...o anel que tu me deste era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou". Estranho: no seu caso o amor é que se quebrara, enquanto o anel, no seu dedo, queimava-a, lembrança viva que não a permitia esquecer um compromisso que se tornara penoso. Um esquecimento... Na discussão, não se lembrara de devolver-lhe o círculo de ouro que simbolizava uma união desfeita... Recordou os primeiros

momentos e espantou-se. Como não previra o fim que se aproximava inexorável, caminhando lento e seguro? As aparências... Um sorriso. Uma atração puramente física, tudo isso construíra. Êle era desembaraçado, vivo, simpático. Teriam sido grandes amigos, sem aquela aproximação. Mas nunca marido e mulher. Antes assim, pensou. Depois do casamento teria sido pior. Não nos compreendemos. E de repente pôs-se a refletir sobre o que os separava. Agora que êle partira, ela ouvia novamente os seus argumentos do princípio da discussão, quando a cólera ainda não lhe embargava a voz e confundia o raciocínio. E, examinando o que êle tinha a dizer, ela se espantava com a discussão. Para que? Partiam de premissas opostas. Nun-

(Continua na página 53)

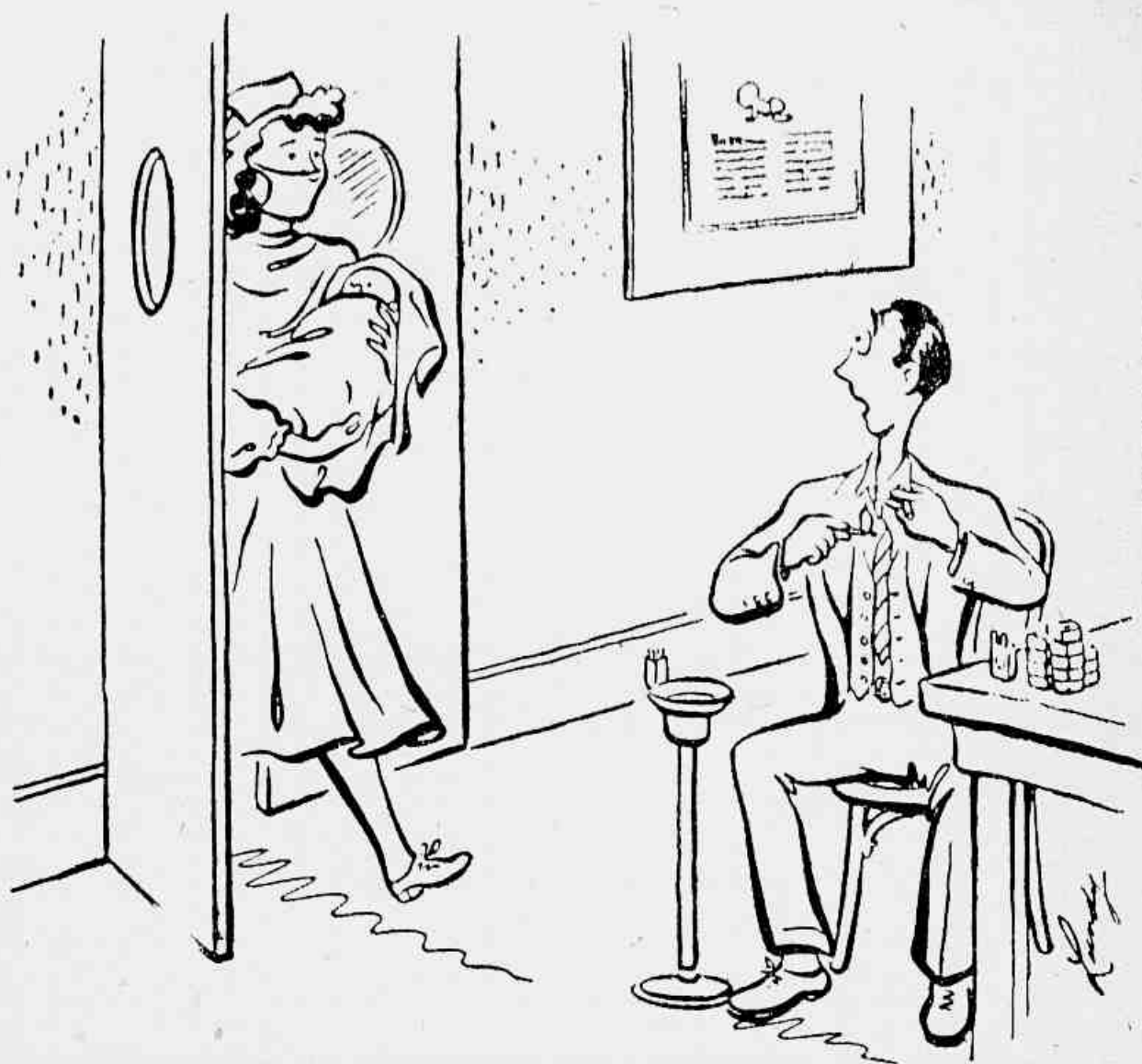
C R I S E
Conto de ROY CAMERON



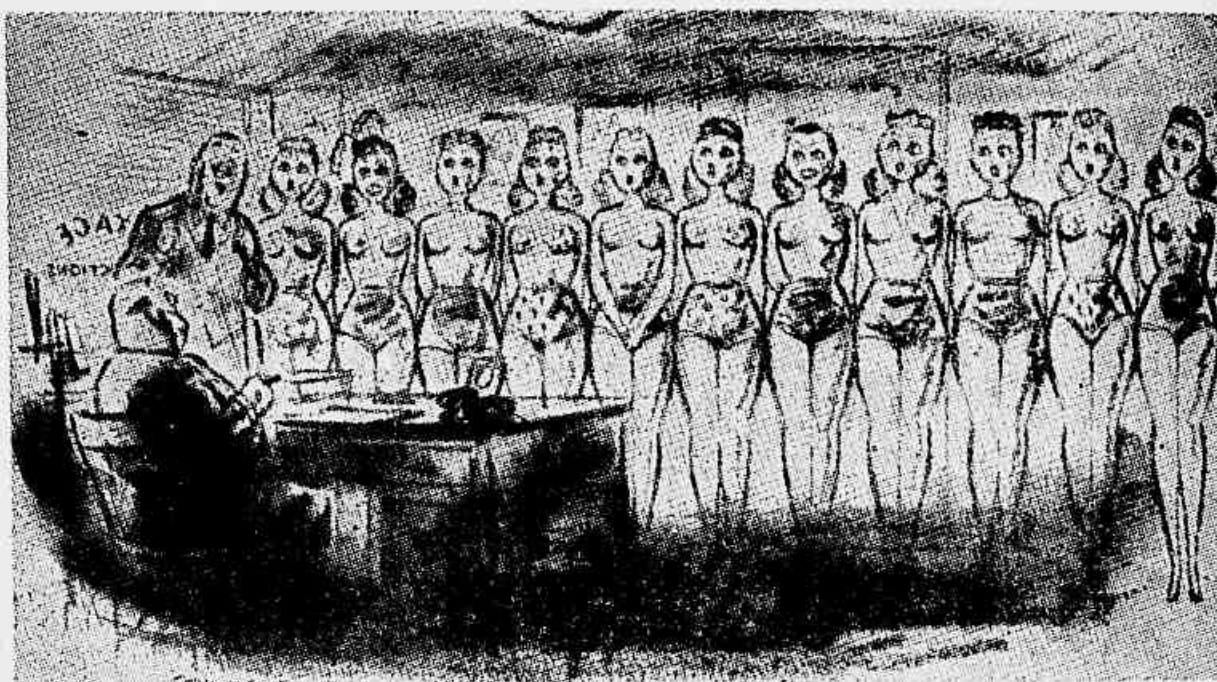
DE BOM • HUMOR



— Eu preciso comprar uma bolsa deste tamanho...



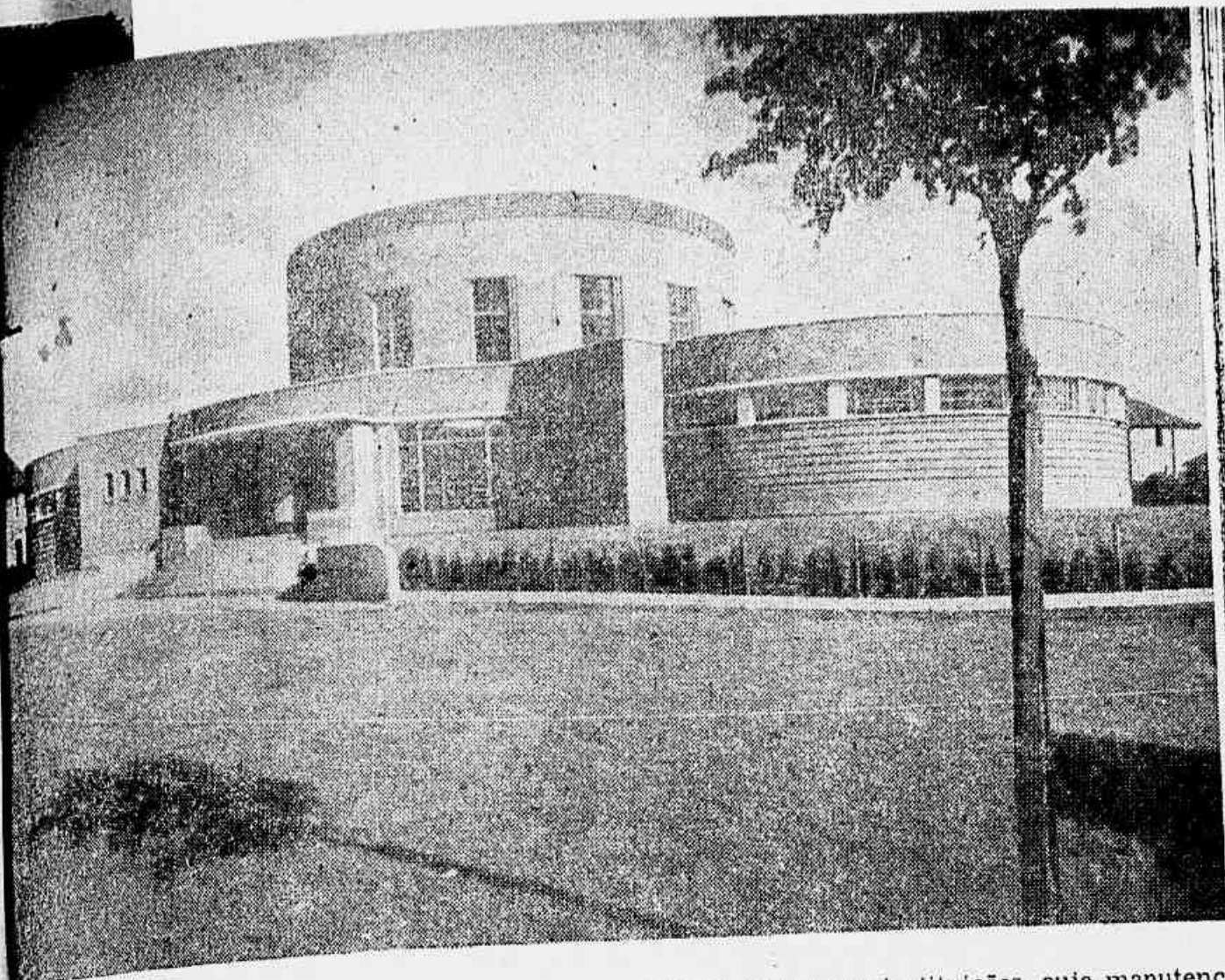
— O que, lá? Eu cheguei agora mesmo...



— O. K., Sam. Se você está satisfeito com as "girls", podemos então arranjar um escritor para fazer a revista...



— Ah, "seu" Ambrosio! Minha mulher continua sendo um mistério para mim...



Podem os britânicos orgulhar-se de seus edifícios públicos e instituições, cuja manutenção é custeada com suas contribuições. Esse elegante e moderno edifício é a biblioteca da pequena cidade de Southfields, em Leicester.

Nenhuma estante poderia desejar uma biblioteca mais luxuosa do que esta, a biblioteca de Queen's College, de Oxford. Ali os universitários podem encontrar livros de estudo ou de entretenimento espiritual — aos milhares.

LIVROS PARA O POVO

Copyright do B. N. S., especial
para a REVISTA DA SEMANA

As grandes bibliotecas da Grã-Bretanha, repositório do conhecimento humano e procura da verdade pelo homem desde que ele aprendeu pela primeira vez escrever numa folha de papel os seus pensamentos, têm fama universal. Em tempo de paz, estudiosos e estudantes de todas as partes do mundo vêm estudar no Museu Britânico, em Londres, ou na Bodleian Library, em Oxford, ou na Biblioteca da Universidade de Cambridge, para mencionarmos apenas três das maiores bibliotecas inglesas. O imenso acervo de mais de cinco milhões de livros e 200 mil manuscritos existentes só no Museu Britânico constitui um dos maiores tesouros de saber do mundo.

No entanto, essas e outras bibliotecas nacionais e particulares servem a propósitos e necessidades especiais. Como são satisfeitas as necessidades do leitor comum britânico?

Provavelmente nenhum outro povo do mundo terá melhores facilidades para obter material de leitura de qualquer gênero do que o inglês. O Serviço de Biblioteca Pública funciona há quase um século, não somente nas grandes cidades mas também para as remotas populações rurais. Essas bibliotecas são mantidas pelas autoridades locais com os fundos fornecidos pelos contribuintes. Cada contribuinte, e sua família, tem direito a usar o serviço, podendo obter qualquer livro por empréstimo. Além disso, o Serviço de Bibliotecas Públicas tem uma seção dedicada às obras de consulta, e outras aos jornais e periódicos, tanto locais como nacionais, os quais podem ser consultados sem a menor restrição. O estoque combinado das bibliotecas regionais e municipais consiste de 33 milhões de volumes, ou sejam aproximadamente 70 livros para cada grupo de 100 pessoas.

Isso ainda não é tudo. Existe também a Biblioteca Central Nacional como centro coordenador de todas as bibliotecas, públicas ou particulares.

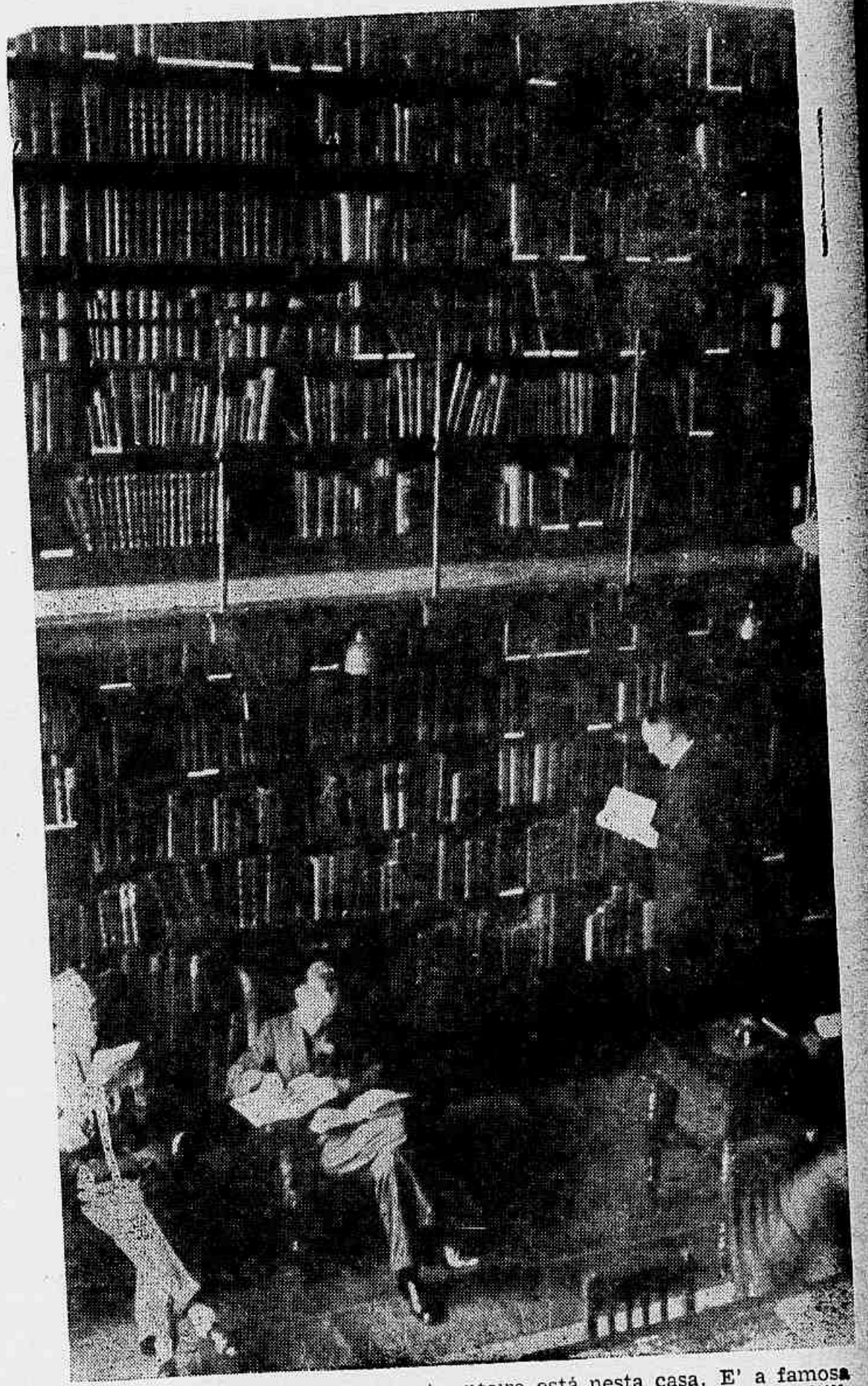
Por intermédio dessa organização os livros raros e especializados são colocados à disposição do público, de um "pool" combinado de 21.500.000 volumes. As outras funções da Biblioteca Central Nacional são as de proporcionar uma ligação com as bibliotecas estrangeiras, providenciar cópias fotográficas de manuscritos e livros que, por sua idade ou raridade, não podem ser emprestados, e manter um Departamento de Informações dedicado aos assuntos bibliográficos.

Os anos de guerra impuseram grandes sacrifícios às bibliotecas britânicas — um corpo menor de auxiliares teve de atender à crescente procura de livros, ao mesmo tempo que os movimentos de grandes populações de uma parte do país para outra tem causado também consideráveis dificuldades. Ao passo que em 1939 cerca de 6.000.000 habitantes da cidade tomavam emprestado 138.000.000 volumes, e mais 59.000.000 eram enviados a 2.900.000 leitores das zonas rurais, os anos de guerra revelaram um acréscimo de 40% em muitos distritos, e mesmo os acréscimos de 100% não são raros. No entanto, os pedidos de livros e mais livros têm sido sempre atendidos.

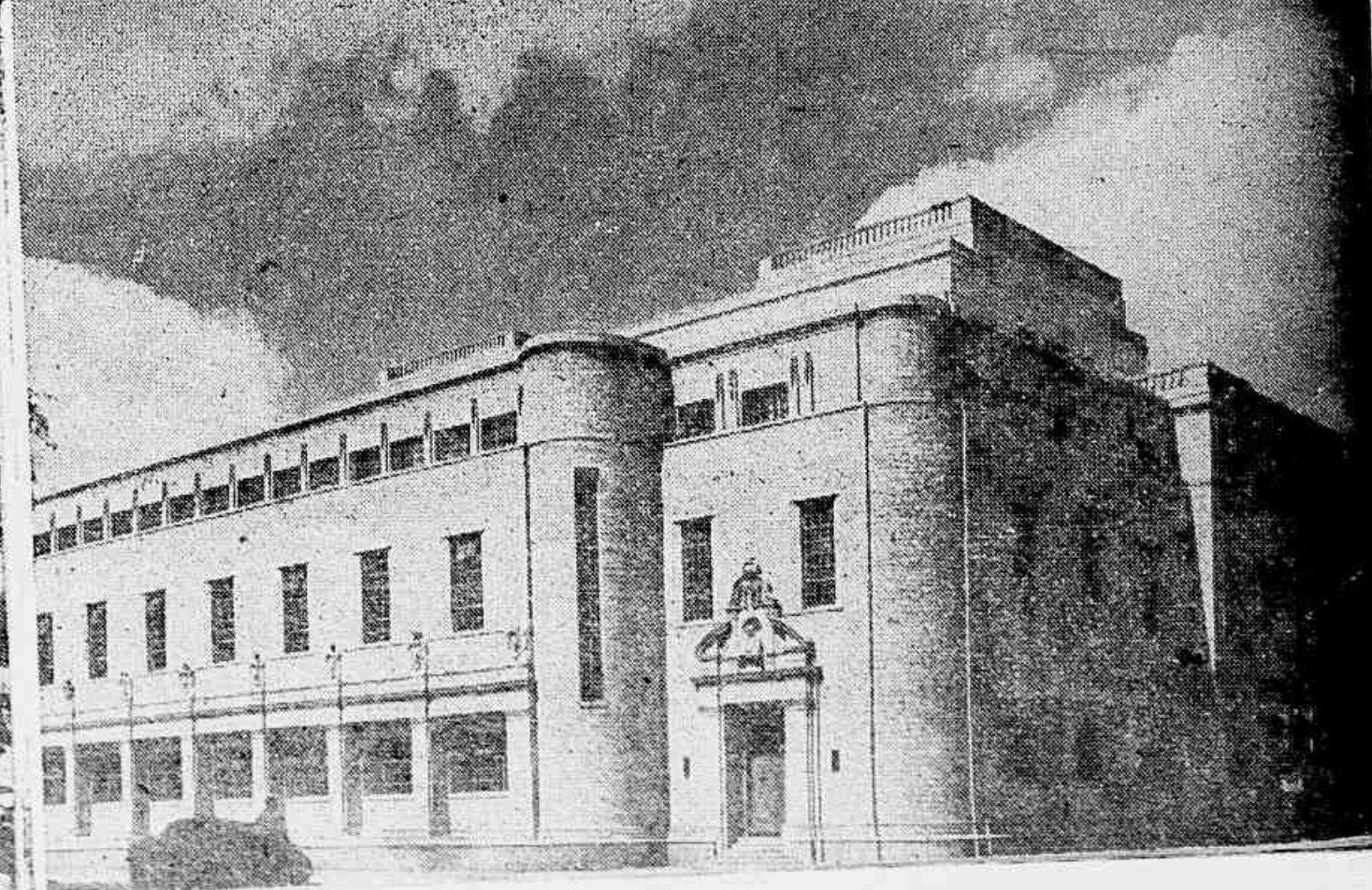
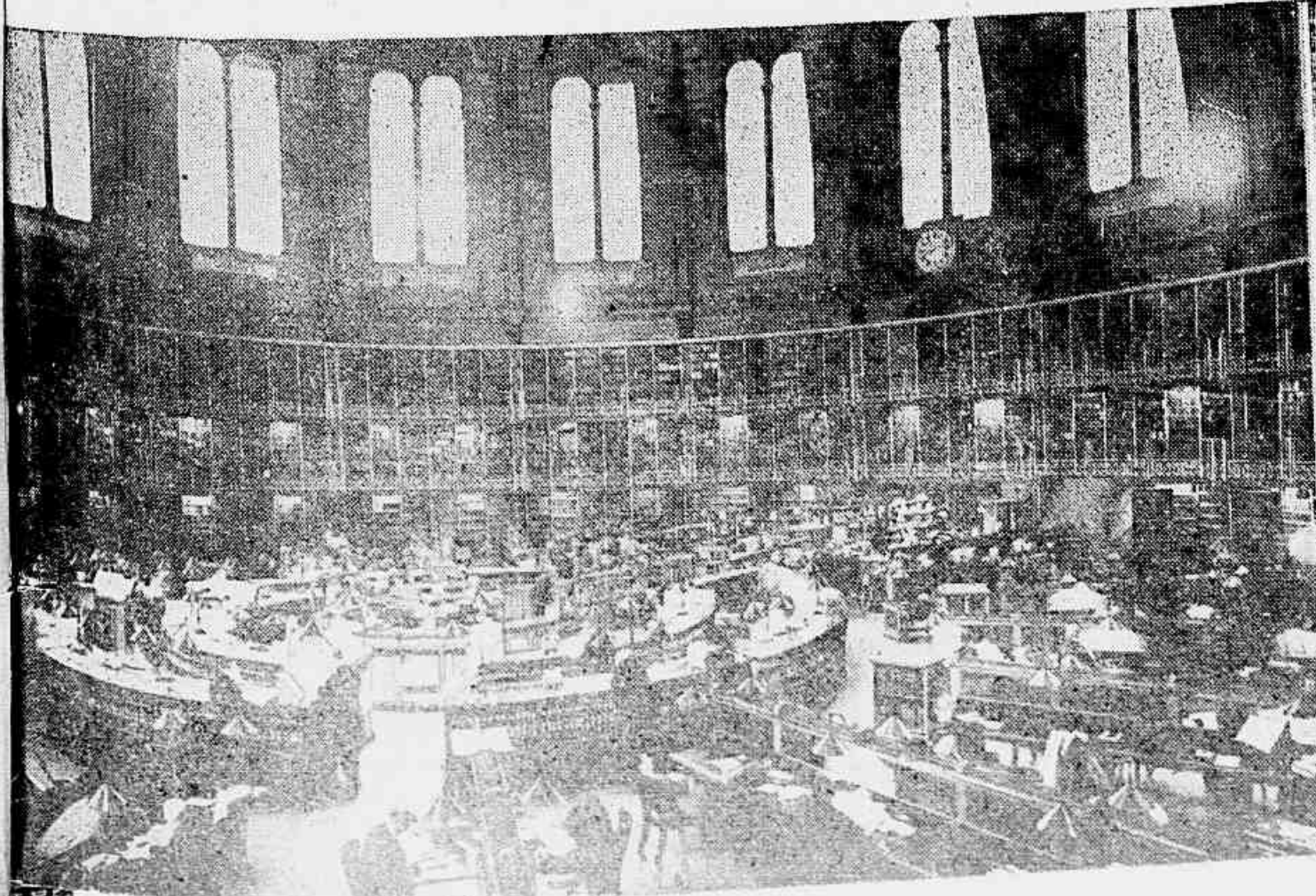
Com a vinda da paz e a abundância de papel, a corrente de novos volumes das casas editoras para as bibliotecas aumentará de maneira considerável. Mas os bibliotecários experientados da Grã-Bretanha não se atrasarão na tarefa de catalogação dos novos volumes. E os estudiosos de todo o mundo, voltando outra vez à Inglaterra, serão mais uma vez absorvidos na fraternidade internacional dos que amam os livros.

Um trecho da biblioteca de Londres, fundada há cem anos por Carlyle, o famoso historiador britânico. Tudo é franqueado ao povo, que ali pode receber o volume cinco minutos após ter preenchido a papeleta, ao entrar no edifício.

De todos os recantos do mundo estudiosos e estudantes vão ler no Museu Britânico, em Londres. Nessa biblioteca encontram-se mais de cinco milhões de livros, bem como duzentos mil manuscritos. E tudo é procurado com sofreguidão...



Uma das mais famosas coleções de livros do mundo inteiro está nesta casa. É a famosa Biblioteca Bodleian, em Oxford, que ainda hoje é visitada pelo "premier" Churchill, sempre que lhe sobram momentos de folga de seus trabalhos.



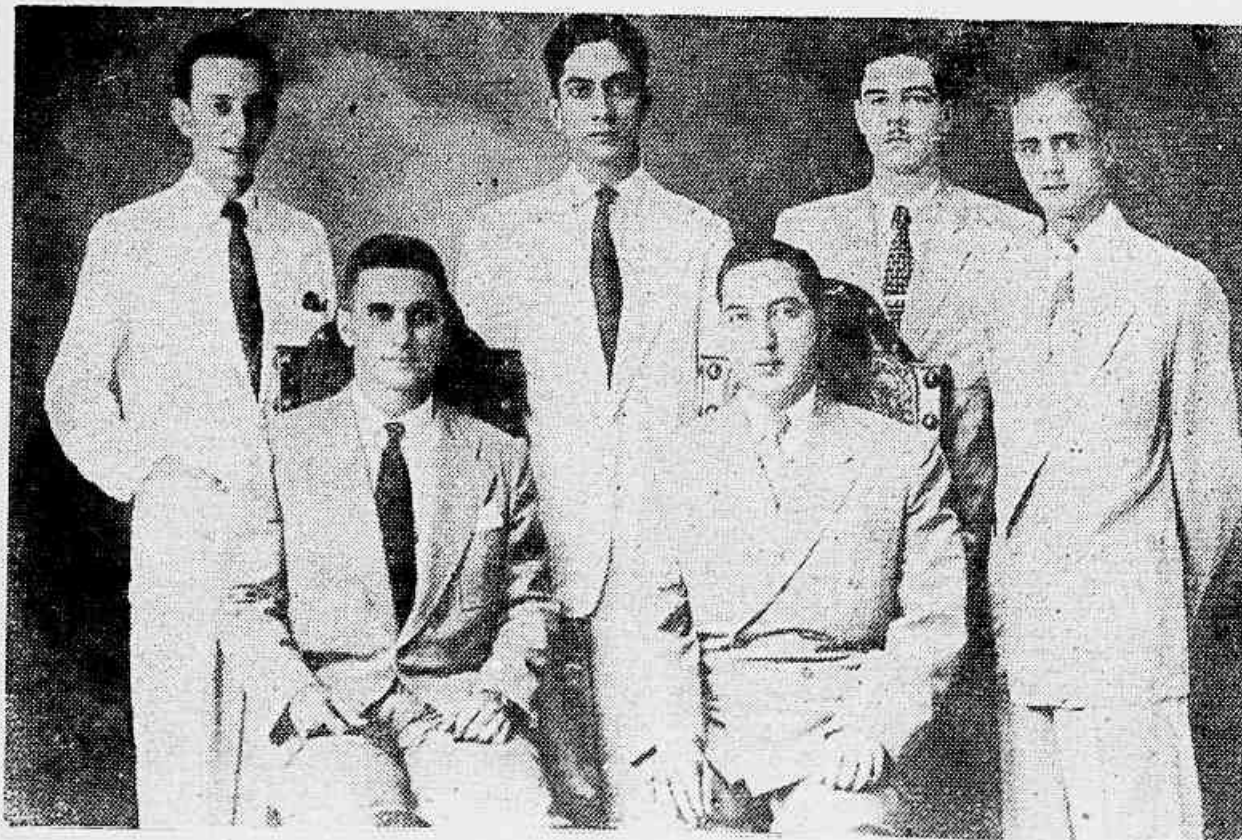


FIGURAS e FATOS

Marly, filha do sr. Manuel Teixeira de Moraes e de sua senhora dona Aracy Teixeira de Moraes, que vem de completar três anos de idade.



NO CLUBE GINASTICO PORTUGUÊS — A Escola Dramática do veterano grêmio iniciou suas atividades em 1945, com três representações da comédia de Gastão Tojeiro "Onde canta o sabiá". Aproveitando a oportunidade, foi prestada uma homenagem ao autor. Reunidos os cronistas teatrais na "terrace" do quarto andar da sede social, a direção artística expôs os planos de ação da Escola para o corrente ano. Durante uma das representações aludidas a diretoria ofertou a Gastão Tojeiro um valioso mimo. São dessas solenidades as fotografias acima.



A Federação Taquigráfica Brasileira realizou o ato de encerramento do 11.º Curso para Federados 100%, preparando professores profissionais e elementos identificados com os princípios que a orientam. No "cliché" um flagrante da solenidade, quando o professor Oscar Diniz Magalhães usou da palavra, expressando a satisfação geral diante do magnífico resultado obtido pela Federação.



O expedicionário Henrique Ferreira Nunes, cabo das valorosas tropas brasileiras que em Monte Castello realizaram o heróico feito histórico já conhecido, num flagrante enviado de qualquer ponto da Itália conquistada ao inimigo nazista.



Fernando e Carlos, filhos do sr. Otoniel Barros e de sua exma. senhora dona Dolores Barros.

Ela
inco
tin

F
OI, sem
fósse
à co

estar pedi
E assim fa
dadeiro n
era Osval
origem ao
a principi
cial com
teimosia.

cas palav
Certo
sua poltr
de chá o
dente ag

— A

As p

físico pe

— O

— E

— M

— M

— C

A o

Orador

nenhum

cessário

Era

Mais to

dama

bilidad

O

para d

Or

pois h

vas o

—

O

—

Ranso

meu-s

—

M

pugn

Ela deixou um bilhete incompleto dizendo que tinha sido atacada e...

Foi, sem dúvida, uma dessas ironias da sorte. Se ele fosse loquaz, falador, talvez não dessem importância à coincidência; mas calado, reservado, ele parecia estar pedindo que aproveitassem o nome para a pilhéria. E assim foi. Poucos, na Scotland Yard, conheciam seu verdadeiro nome: todos os chamavam Orador. Na realidade era Osvaldo Rador e, por um acaso, que mais tarde deu origem ao cognome, pois ele assinava O. Rador. Assinava a princípio, sem reparar na palavra que formava a sua inicial com o sobrenome, e depois continuava a assinar por teimosia. E Orador ficou sendo, apesar de homem de poucas palavras.

Certa tarde, quando se instalara confortavelmente na sua poltrona, no escritório, para tomar a inevitável xícara de chá das cinco horas, o telefone tocou. Com surpreendente agilidade ele levantou-se e tirou o fone do gancho.

— Alô!

As palavras saíam-lhe da boca como por um esforço físico penosíssimo.

— Orador?

— Eu.

— Preciso falar-lhe. Estou no escritório.

— Dentro de cinco minutos?

— Ótimo.

A conversa por sinais dos dois era mais eloquente. Orador e o comissário Brenton tinham isso em comum: nenhum dos dois gastava mais palavras do que era necessário.

Era um curioso caso o que Brenton entregou a Orador. Mais tarde, no escritório deste, o rapaz de mau gênio e a dama solitária confessavam francamente a sua responsabilidade. Isto é ela confirmava as palavras dele.

O rapaz, cujo nome era Vance Clearing, pigarreou, para disfarçar o embaraço, e disse:

— Confesso tudo.

Orador poderia ter retrucado que era desnecessário, pois houvera flagrante; mas não lhe apetecia gastar palavras quando bastavam-lhe os pensamentos.

— Conte tudo — ordenou.

O rapaz mexeu-se na cadeira:

— Nós íamos descendo a rua Wayne. Isto é, Mrs. Ransome e eu, quando um homem mal encarado aproximou-se e dirigiu-se a ela:

— Marinal!

Mrs. Ransome, como era natural, afastou-se, com repugnância. Não conhecia o homem, nem tinha a menor

intenção de falar com um estranho que a abordasse na rua, mormente um cavalheiro de aparência tão repulsiva. Ele insistiu:

— Não adianta fingir que não me conhece. Tens que falar comigo. Posso obrigarte, se quiser.

Não esperei mais. Agarre-o pela gola do casaco e afastei-o, sem cerimônia. Acontece, porém, que o empurrão que lhe dei foi muito forte e ele escorregou da calçada. Um carro vinha passando e...

Orador interrompeu o rapaz:

— Em que hospital está?

— No Hospital Central.

— Meu conselho é que o procure e ofereça-lhe dinheiro.

— Os ferimentos foram leves...

— Segundo consta, ele só ficará lá um dia.

Vance, afinal, sugeriu:

— Vou encher um cheque em branco. E queria pedir ao senhor que liquidasse o assunto.

— Pois não.

— Muito bem.

— Até quanto quer pagar.

— Sou um homem rico. Não creio que essa indenização me arruine. O senhor poderá melhor do que ninguém julgar quanto deve dar.

O caso foi liquidado sem maiores inconvenientes. O mendigo aceitou a indenização e encheu um recibo. Era um delinquente conhecido na polícia e saíra, havia pouco, da prisão. Orador não lhe fez nenhuma pergunta. Limitou-se a oferecer uma quantia módica. Dois dias mais tarde recebeu um presente caríssimo de Vance, com os agradecimentos deste e da viúva Mrs. Ransome.

Foi, portanto, com a maior surpresa que Orador recebeu a notícia triste que Brenton fez questão de trazer pessoalmente.

— Sabe que aquela senhora do caso do mendigo foi assassinada?

— Como?!

A exclamação era perfeitamente desnecessária, mas Orador estava tão perturbado que nem deu por isso.

— Hoje, pela manhã, recebi a notícia.

— Mas como foi?

— Aconteceu que...

A casa era no meio de um bosque. Era um lugar romântico, mas afastado. Lá Mrs. Ransome passava os fins de semana e recebia amigos, entre os quais Vance Clearing.

Na véspera...

A criada, muito nervosa, depôs:

— Ouvi uma discussão tremenda. Madame falava mais baixo, mas Mr. Clearing quase que gritava.

— Ouviu o que diziam?

Madame falava baixo, mas ele insistia para que ela desse uma razão...

— Uma razão?

(Continua na página 44)

**O CASO DA DAMA
SOLITÁRIA**
conto de
EDGAR WALLACE



RENDIÇÃO EM MASSA DOS NAZISTAS — Desde princípios de abril a "débâcle" vinha fazendo sentir-se, assustadoramente, nos exércitos alemães. Aqui está, na gravura acima, um panorama desse desmoronamento do outrora valioso e arrogante povo alemão. Centenas de prisioneiros, capturados pelas tropas norte-americanas perto de Frankenberg, em pleno território alemão. Meio milhão de soldados nazistas foi aprisionado durante essa grande ofensiva norte-americana, enquanto de outro lado os russos davam largas à sua indomável arrancada, que culminou com a queda de Berlim e as outras consequências dramáticas já de domínio público. Desmoralizados física e moralmente, os "super-homens" degenerados de que tanto se ufanava Hitler, aí estão, vencidos, inertes e inúteis.



A GUERRA

Não tardará muito que o título desta nossa costumeira secção deixe de justificar-se, porque a guerra vai cessar a sua marcha catastrófica de quase seis anos. Ela está agora em marcha acelerada rumo à Vitória final e decisiva, esmagadora e inapelável para os nazistas.

Tivemos uma semana histórica e inesquecível. O fuzilamento de Mussolini e o apregoado suicídio de Hitler depois da queda de Berlim e do colapso das tropas nazistas em todos os setores da luta, fazem prever que o término do drama europeu está próximo. E, se bem que a campanha venha a estender-se mais ainda quanto ao Japão, é certo que nenhuma esperança pode restar aos nossos inimigos.

Por sua vez o reflexo desses acontecimentos na conferência de São Francisco, não tardou a fazer sentir-se. E se bem que os trabalhos preliminares daquela reunião fôssem ressentidos com o "caso" da Argentina, cuja exploração está sendo feita, incontenidamente, por outros países neu-

FÁCIL DESEMBARQUE EM OKINAWA — Os fuzileiros navais norte-americanos saltaram nas praias da ilha de Okinawa, encontrando pequena resistência por parte dos japoneses. Ali se esperavam fortes embates, que no entanto não chegaram a dar-se. Os nipônicos sofrem o complexo da derrota, como reflexo da desmoralização germânica.

MAIS PRIS
aguardando
derrota — é o
dado por a

EM

tros —
— é cer
maiores
ram em
das três
sentir-se
sobera
entende
registros
O Rio
com as
e os jo
zer, aq
acontec
no capi
em que
estar t
cular.
vida co
os hor
em rec
anos o
a nos
c seu

A SA
dados
Alema
uma
tados
empu
e vão
lhesa



MAIS PRISIONEIRO NAZISTAS — Vista do pátio de uma ex-academia militar alemã, onde estão vinte mil prisioneiros nazistas feitos pelo exército norte-americano. Estão aguardando embarque para a retaguarda, onde serão desinfetados e identificados. Eles renegaram o seu "fuehrer" tão depressa caíram em mãos dos "yankees", e sabem que a derrota é o destino infalível da Alemanha. Homens desmoralizados, sem armas, sem ânimo e sequiosos de paz e sossego, aí se encontram, aguardando melhor destino, que lhes será dado por aqueles mesmos a quem pensavam eles, os nazistas, derrotar em seis semanas. Essas fotos bateram-se já em fins de abril e, portanto, quase em vésperas do colapso alemão, que vem de realizar-se ao alvorecer deste maio tão cheio de sol e de alegria...

EM MARCHA

tros — e de neutralidade muito suspeita — é certo que tudo há de terminar sem maiores embaraços. Aquêles que pensaram em divergências entre os "leaders" das três grandes nações em luta, não de sentir-se decepcionados agora, quando souberam que Stettinius, Eden e Molotov entenderam-se e que nenhum conflito se registrou.

O Rio tem conhecido horas memoráveis com as notícias auspiciosas que o rádio e os jornais lhe oferecem, e apraz-nos fazer, aqui, por nossa vez, o registro desse acontecimento. Sem dúvida, a luta está no capítulo final. E a guerra, pela marcha em que a vemos neste instante, pode até estar terminada quando esta edição circular. O mundo será reintegrado em sua vida comum de antes de setembro de 39; os homens de boa vontade vão pensar em reconstruir o que estes malfadados seis anos arrazaram e — praza aos céus que a nossa geração tenha, enfim, encerrado o seu ciclo de sofrimentos.

A SATISFAÇÃO DA LIBERDADE — Soldados franceses que estavam presos na Alemanha, caminham alegremente por uma estrada, depois de terem sido libertados pelo exército norte-americano. Eles empunham a bandeira gloriosa da Pátria e vão, certamente, entoando a "Marsehesa". Observem, à vanguarda do grupo, um soldado tocando concertina. (Fotos do Serviço de Informações do Hemisfério)





A CONTECEU NO RIO

A efervescência política destas últimas semanas tem provocado toda a sorte de reações, inclusive algumas, embora poucas, de caráter jocoso. Não foi só o reaparecimento da caricatura, da "charge" nos palcos de revista e dos jornais destinados a focalizar assuntos de bom humor inspirados nos acontecimentos políticos, mas também a ressurreição de figuras populares e pitorescas, o que se tem verificado. Na semana última deu-se, por exemplo, a volta ao cartaz da cidade, do veterano "orador público", eterno candidato a uma cadeira no Congresso e "impoluto" advogado do nosso Fôro, dr. José Alves de Jacarandá, cujas tradições vinculam-se à crônica risenha da capital da República.

Foi com intenso júbilo do povo que o dr. Jacarandá, na noite do primeiro "consta" da queda de Berlim, compareceu às emissoras onde reinava entusiasmo delirante e, de microfone em punho, se dirigiu à multidão, proclamando a queda do fascismo e anunciando, desde logo, o lançamento de sua candidatura às próximas eleições. E desde então nos comícios, nas praças públicas, onde quer que se reúnam populares, lá está o velho personagem carioca, enfiado no seu fraque quase secular, de monóculo encravado no olho direito, de cravo à lapela e de chapéu "Panamá", gesticulando, estertorando e recebendo aplausos estrepitosos... — Meus povos e minhas povas... Neste momento solene...





ANITA LOUISE (Columbia)

O charme é a graça leve, repousante. Assim como um reflexo do espírito iluminando a matéria. É leve e envolvente como um raio de luar, como o perfume de uma rosa, como um noturno de Chopin.

It é qualquer coisa de trepidante como o espetáculo barulhento e fugaz de um fogo de artifício. É como um vinho capitoso, de curta embriaguez. Exalta como o "rattaplan" de um tambor, como um hino de guerra, mas passa como passam as marchas; fica tudo mais quieto, mais parado depois que elas se vão.

Charme é o perfume que fica. It é a fragrância violenta que se esvai.

A mulher que tem **charme** tem toda a gente a seus pés. Sua idade pouco importa. Mas onde ela aparece centraliza as atenções, e o vazio se vai fazendo em torno das outras que são apenas bonitas e nada mais. Haverá olhos maiores, mas os seus terão mais expressão. Haverá cabelos

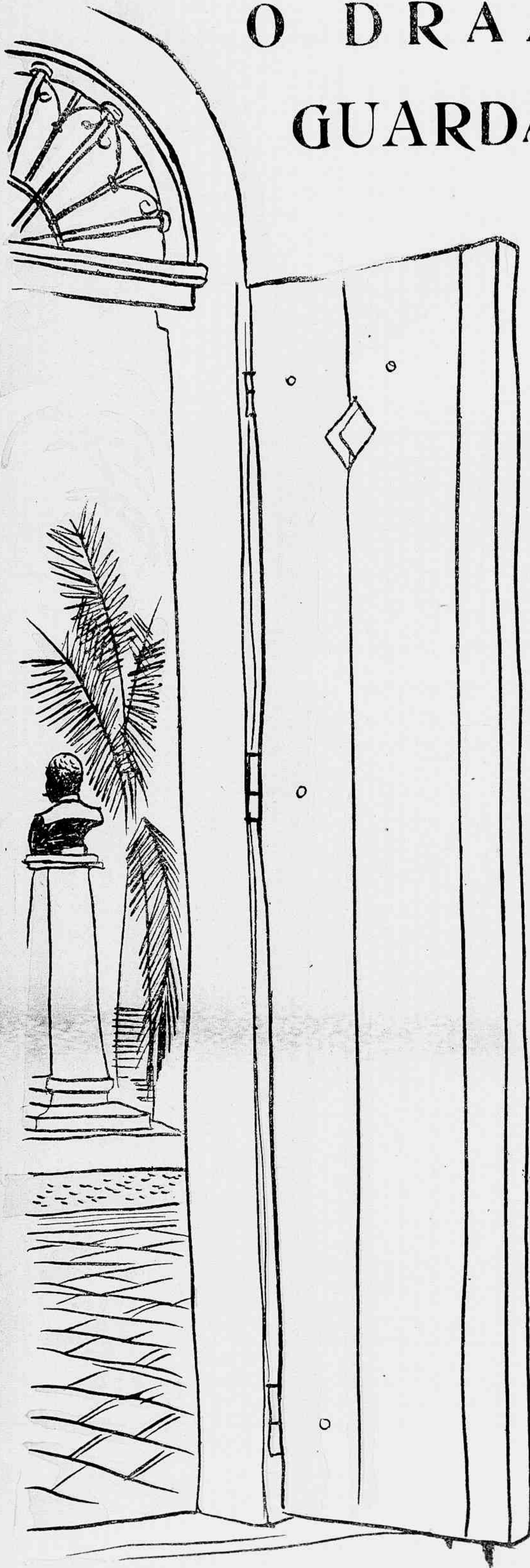
mais bonitos, mas os seus emoldurarão o seu rosto com uma incrível harmonia. Haverá corpos mais perfeitos, mas nenhum terá os meneios graciosos do seu.

Feliz porém da mulher que tem "um que". O "que" das brasileiras. Mistura deliciosa do **it** e do **charme**, temperada ao calor gostoso do Brasil!

Jesy Barbosa

NOS BASTIDORES FEMININOS

O DRAMA DA GUARDA-MORIA



NÃO me recordo quando inauguraram aquela estátua, ou melhor: aquêle busto, em frente à matriz da minha terra natal. Sei que eu já havia nascido, então, mas desse acontecimento nunca tive a menor idéia.

Era um busto nem pior nem melhor do que os demais bustos que há por este mundo de Deus afora, perpetuando os nomes dos cidadãos mais ou menos ilustres de todos os lugares.

Confesso que foi somente muito tarde, aos 14 ou 15 anos, que tive curiosidade de fazer um conhecimento mais direto com aquêle bronze. Sim, porque antes êle apenas existira para mim. Sabia que na praça da matriz havia uma coluna de granito, com uma cabeça em cima. E era só. E' verdade que, uma ou outra vez, pensei algo a respeito daquele bronze, mas foi para atribuí-lo vagamente como homenagem local aos bons serviços de algum prefeito, possivelmente já falecido.

Um dia, entretanto, resolvi olhar o busto de perto, decidido a desvender o seu segredo. Não possuía mais legenda. As letras de longa data que tinham sido roubadas, a julgar-se pelos furos deixados pelas mesmas no granito, e já cheios de poeira e até de limo.

A princípio tive pudor de perguntar aos meus conterrâneos quem era aquêle quapo jovem, de fartos bigodes e de cabelos revoltos, que um escultor anônimo eternizara com o seu cinzel, num bloco de bronze.

Uma tarde, porém, à porta da farmácia do velho Medeiros, criei coragem e pus-me a arrancar do amável boticário o que êle sabia acerca daquele busto.

E, para conduzir sem suspeita o meu inquérito, comecei afirmando que a nossa terrinha podia se vangloriar de ter dado à Pátria vários filhos ilustres. Citei então o dr. Gusmãozinho, que era diretor de um hospital em Santos; o sobrinho do tabelião local, o Anísio, cujo nome vinha com tanta frequência na crônica esportiva do Rio, como autor dos "goals" sensacionais da temporada; o padre Rubino, que fôra até secretário de um cardeal...

Como, a esta altura, não me ocorressem mais conterrâneos eminentes à memória, tratei de me salvar do embaraço, atirando ao ar, com entusiasmo, um "e tantos outros...", que souu admiravelmente bem entre os vidros de salsaparrilha e os potes de pomada da simpática botica.

O velho Medeiros, no momento, dosava com cautela uma poção para o filho do juiz, que sofria de bronquite, e não me respondeu.

Eu arisquei mais umas palavras:

— E, no entanto, veja o senhor o pouco caso da nossa gente: tôdas as homenagens aos conterrâneos ficaram limitadas a essa estátua, da qual até a legenda já arrancaram...

E fingindo-me revoltado com a irreverência:

— Acho que deviam repor as palavras que lá estavam escritas. Isso evitaria que continuássemos a passar pela vergonha de não poder explicar aos forasteiros a razão de ser desse busto. Ainda há dias atrás eu fiquei com a cara no chão. Quis

contar a um desconhecido a história do nosso herói, e verifiquei que havia esquecido até o seu nome... O senhor sabe como, às vezes, é a memória da gente...

O boticário não se mexeu, porém. Continuava ocupado com a poção do filho do juiz e só depois que pingou a última gota de acônito no frasco e que conferiu a receita, é que exibiu-me os dentes cariados, num sorriso de confiança:

— Sim, foi uma pouca vergonha o que fizeram com o busto do Cabralzinho. Tu eras muito pequeno; não te lembras. Mas posso te garantir que uma semana depois da inauguração já não havia ali, naquela coluna, nem uma vírgula da legenda. E que legenda! Lembro-me bem dela. Foi o finado Gonzaga quem a escreveu. Oh! só o Gonzaga é que sabia escrever essas coisas. Talentoso como quel! Mas o diabo da cachaca acabou levando-o para o cemitério. Muito amônio eu lhe passei sob o nariz, nesta farmácia. Tudo inútil. Era só ficar bom para logo voltar a cambalear pelas ruas, com quatro ou cinco doses no bucho... Mas talento como aquêle, outro não possuía o nosso Estado.

E o velho Medeiros levou a mão à testa, como que para afagar as suas reminiscências.

— Lembro-me bem da frase. Era assim: "Ao bravo marinheiro Antônio Cabral, que tão generosamente deu a sua vida pela vitória do preceito cristão..." Não! Não era bem isso. Agora eu me lembro: "Ao bravo marinheiro Antônio Cabral, que tão cristãmente se sacrificou pela..." Não! Também não era isso. Oh! a minha cabeça, santo Deus! Sei que era uma frase de grande efeito, e que por baixo dela vinha em letras maiores: "A sua terra natal agradecida". Não! "O seu torrão natal orgulhoso". Sim! Era isso: "O seu torrão natal orgulhoso!"

Bem, pensei, já tenho o nome do cidadão e já sei que foi marinheiro.

Faltava-me, porém, o resto e, criando coragem, avancei mais algumas palavras:

— A história do Cabral, sr Medeiros, devia estar em livro, para exemplo da mocidade, não acha?

Ele concordou com um "é claro!" e eu continuei:

— A falta de uma biografia do Cabral tem dado margem a que cada um conte a sua história como bem lhe apraz. Isto tem resultado numa confusão tremenda. Trocam até os nomes, as datas... Eu, por exemplo, a êsse respeito tenho frequentemente indecisões que muito me envergonham. Sim, porque o Cabral, afinal, foi um conterrâneo nosso, e temos a obrigação de conhecer com exatidão os seus feitos, não é?

— Lógico! Lógico! — respondeu o boticário, encostando-se ao balcão e chegando-se mais para perto de mim, com a sua barba à Guise sempre impecavelmente penteada.

Encorajado com aquelas aprovações do farmacêutico, pedi-lhe que me contasse a verdadeira história do bravo marujo, acrescentando cinicamente que "das falsas versões estava eu cheio"...

O bom sr. Medeiros não se fez de rogado e, enfiando um palito no ouvido para coçá-lo mais a fundo, começou:

— O Cabralzinho era filho de uma lavadeira que morava ali, numa das ruas perto da cadeia. Mulher bonita... Fez muito barulho quando moça e deu muita cabeçada, inclusive com o Libório, da Coletoria, de quem teve êsse filho — o Nico, como nós o chamávamos. Um dia ela desapareceu daqui com um mascate, e deixou o garoto na porta da casa do coletor,

com um bilhete para o mesmo. O Nico era então um fedelhote de uns treze anos. Dizem que houve o diabo na casa do Libório, a essa ocasião. Contou-se até que a mulher dêle quis beber veneno. Na verdade ela veio aqui à farmácia com uma cara suspeita. Mas não pediu veneno, não. Pediu... Ora, o que foi que ela pediu, mesmo? Ah! foi água oxigenada para o buço. Sim, porque eu fiquei de olho, e se ela me tivesse pedido iodo ou sal de azedas, vê lá que eu dava! Não dava, não. Tu não me conheces, rapaz. Sou finório. Pesco as coisas no ar!...

E soltou uma risadinha astuta, piscando-me o olho.

— E' claro que o coletor não ficou com o menino, mas, habilmente, meteu-o na casa do Seixas. Sim, porque o Libório sempre teve bom coração. Tem lá os seus defeitos, mas sobram-lhe virtudes também, digam lá o que quiserem. E olha que o Seixas ficou satisfeito com o Nico. Ele o ajudou muito no balcão da sua venda. Ah! isso ajudou, posso dar o meu testemunho. Era no cais, recebendo as caixas de cebola, era varrendo a calçada, era entregando as encomendas, era lavando os cachorros no rio... E isso com sol ou com chuva, e durante anos a fio. E sabes por que preço, não? Por conta da caridade... Um prato na cozinha, as roupas velhas do Seixas e uma enxerga no fundo do depósito da venda... E olhe lá!...

A chegada do filho do sacristão, que queria uma dose de noz vômica para alguém da sua família, interrompeu por momentos a loquacidade do velho Medeiros. Neste ponto ele não transigia — primeiro os fregueses.

Mas, logo que o garoto virou as costas, a narrativa continuou:

— O Nico, entretanto, lucrou bastante com a vida de trabalho que lhe impôs o Seixas: pôs-se forte como um touro. Tão forte que era capaz de erquer do chão dois sacos de açúcar. Isto eu vi com os meus olhos, mais de uma vez. Mas era claro que aquela vida não lhe convinha. Gastava os músculos e não ganhava nem para o cigarro...

E o boticário fez um gesto de escândalo.

— Um dia a mulher do guarda-mor, a d. Picucha — acho que a conheces, não? — deu com os olhos na robustez do Nico e, como andava aborrecida com a anemia dos marujos da Alfândega, convenceu o marido de tomá-lo ao seu serviço. Ela tinha razão, porque os marinheiros da Guarda Moria não raro punham o bote do guarda-mor em sérios apuros, em dia de mau tempo. Eram quase todos velhos e doentes, e só por sorte é que conseguiam vencer a correnteza. Sabes? Eu sou contra a interferência das mulheres nos assuntos dos maridos, mas acho que a d. Picucha teve razão nesse caso. O marido, porém, não gostou e, uma vez com o rapaz ao seu serviço, tratou de hostilizá-lo sistematicamente. Não conheces o finado Cordeiro. Era mais azêdo do que laranja de beira de estrada. Fazia um barulho dos diabos a propósito de tudo, e dizem que os seus subordinados tremiam mais de medo dêle do que da malária. Ele era Cordeiro só no nome e em casa, onde a d. Picucha costumava cantar só, sem mais acompanhamento. Eu que o diga! Eu que o diga! Foram meus vizinhos durante anos, ali na rua da Praia...

E o velho Medeiros soltou uma das suas gargalhadas, que terminavam invariavelmente num acesso de tosse.

— Durante muito tempo o coitado do Nico aguentou em silêncio a perseguição

do guarda-mor. Eram pancadas, desconfortos no ordenado miserável, trabalhos extras, desaforos, plantões sob a chuva, etc. Por tudo quanto um neurastênico mau é capaz de inventar, ele passou dentro e fora da Guarda-Moria. Mas, de tanto se familiarizar com a injustiça, acabou ficando taciturno. Não falava com mais ninguém, não ria, quase não gesticulava, os olhos sempre muito abertos, como que à espera dos pontapés do Cordeiro. No fundo, porém, o rapaz odiava o guarda-mor. Odiava-o de morte. Isso ninguém ignorava. Mas, como era humilde por índole e muito temente a Deus, calava o seu ódio. Grande cristão! Grande cristão!...

Eu ardia em curiosidade e apenas a custo continha-me para não interromper aquela prolixidade irritante do boticário, e exigir o desfêcho da história. O velho Medeiros, porém, era respeitável de mais para uma intimidade como esta...

— A Guarda Moria funcionava no mesmo prédio em que está hoje, mas naquele tempo a sala do guarda-mor dava para um terraço, cujo parapeito caía a pique sobre o mar. E, como não existia ainda o cais, as ondas, nos dias de ressaca, arebentavam contra a alta parede dos fundos do edifício. E muitas delas

(Continua na pág. 45)

CONTO DE ZENAIDE ANDREA

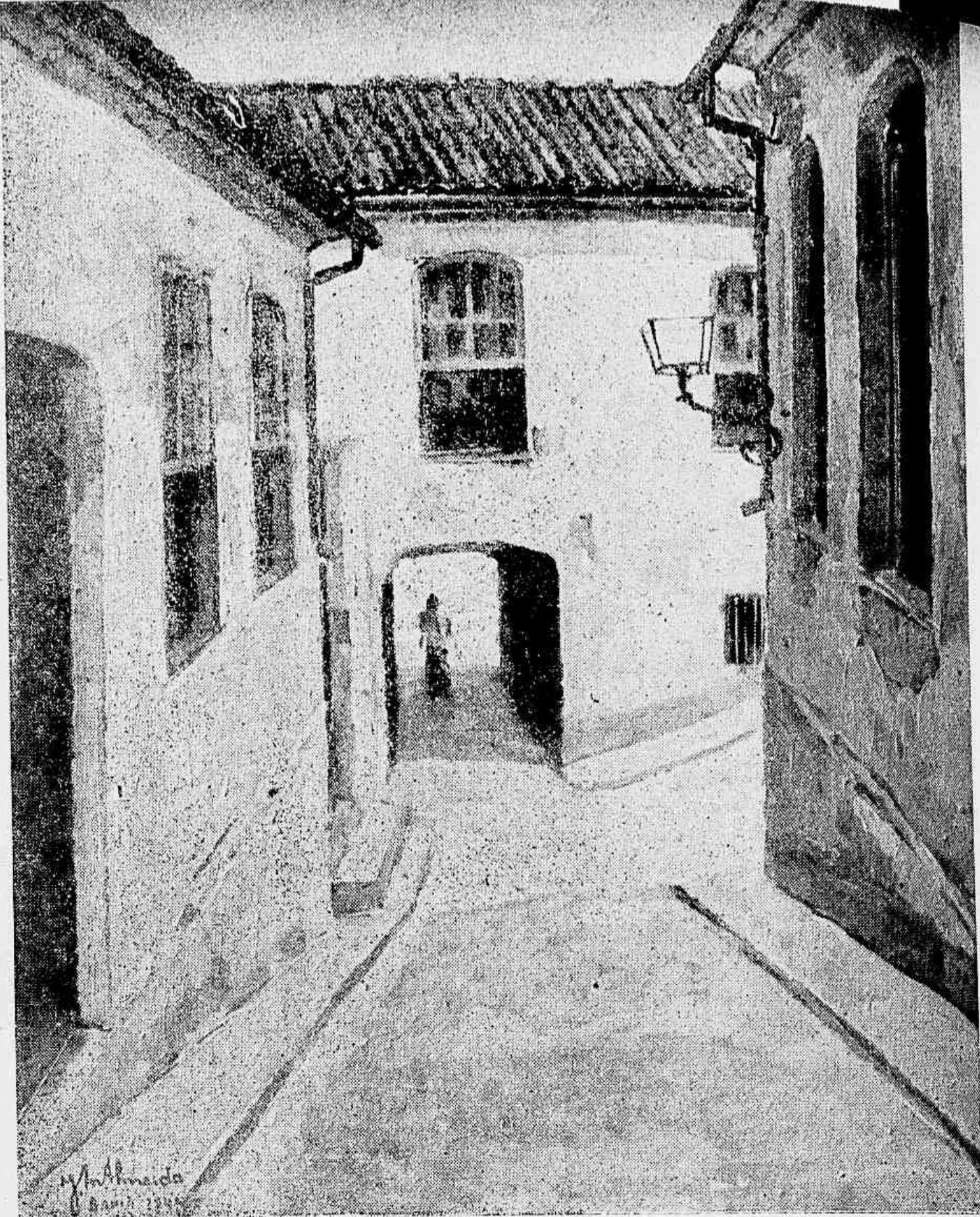
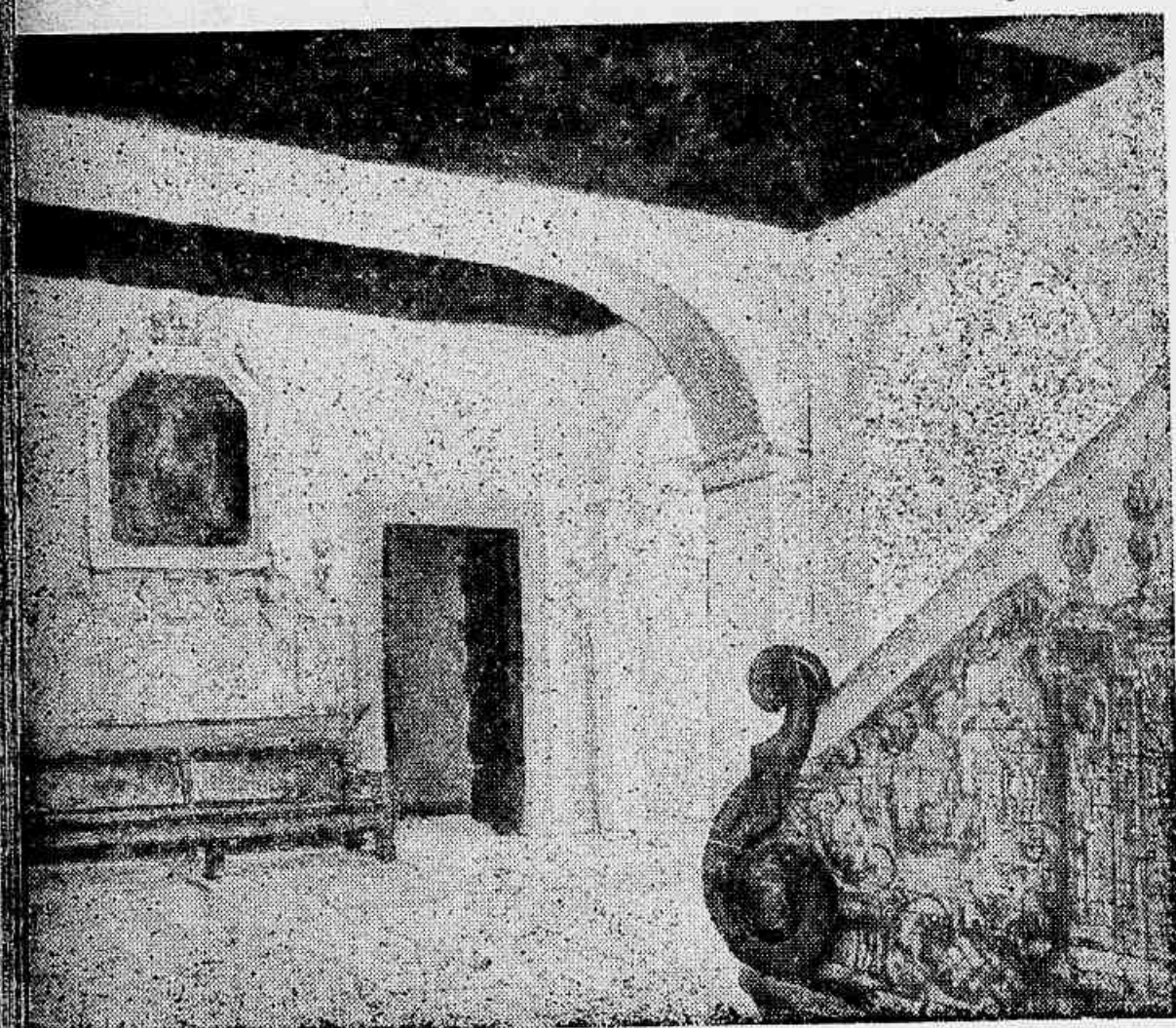
Ilustração de
José Antonio





um traje gracioso para você que trabalha de lado. Esse modelo é apresentado por Evelyn Keyes, da Columbia. Aurora Miranda nos apresenta o modelo de noite, em cetim, gaze e renda. A parte superior é de cetim, com uma túnica em gaze. A parte superior é confeccionada em pele cinza escura; a saia de corte singelo; o chapeuzinho um tanto bizarro; as luvas em couro. O conjunto constitui realmente um presente capaz de lisonjear a vaidade de qualquer mulher elegante.

TRÊS ESTILOS



Depois de empreender uma proveitosa viagem à Bahia, vai o pintor José Maria de Almeida inaugurar quarta-feira próxima, no Salão Nobre do Palace Hotel, uma nova exposição, toda inspirada em motivos baianos, dos quais damos nesta página a reprodução de quatro quadros. Ao alto, à esquerda: "Barcos", no Cais Cairú; à direita: "Bahia antiga"; ao centro: "Passagem sacra", no convento de São Francisco; em baixo: "Igreja Nossa Senhora da Saúde". A exposição prolongar-se-á até 31 do corrente, devendo constituir um acontecimento de legítima arte.

A R T E S P L A S T I C A S





A "REVISTA DA SEMANA" TEM AGORA UM CORRESPONDENTE EFETIVO EM HOLLYWOOD: LUIZ SERRANO

Desde quando esta revista passou a sofrer os sensíveis melhoramentos que os leitores nela têm encontrado de um ano a esta parte, um de nossos objetivos tem sido o de desenvolver, ampliar e completar o noticiário que diz respeito aos espetáculos em geral. Temos publicado grandes reportagens teatrais, focalizando as peças de maior sucesso na temporada; demos uma atenção maior e permanente aos assuntos de rádio e de música, entregues esses serviços a redatores especializados, e intensificamos agora a parte cinematográfica. Esta, a exemplo das demais, só pode ser confiada a elementos de real capacidade no assunto, e podemos anunciar aos que nos lêem, para breve, uma excelente seção cinematográfica, com crítica das estréias da semana e noticiário avulso. A crítica será feita em combinação com o programa radiotônico "Cine-Rádio Jornal", que Celestino Silveira apresenta na Rádio Globo, e o noticiário de Hollywood vem de ser entregue a um jornalista brasileiro, espírito brilhante e arguto temperamento de reporter: Luiz Serrano. Ele vem de ser nomeado correspondente da REVISTA e das demais publicações desta empresa. Aqui está, para amostra, o primeiro serviço fotográfico recebido diretamente de Hollywood. Ao alto, Luiz Serrano quando fazia um "lunch" no Green Room da Warner, com Martha Vickers, num intervalo da filmagem de "The time, the place and the girl". E, à direita, duas primeiras fotos do "Hotel Berlin", as primeiras divulgadas entre nós. Na superior, Faye Emerson e Kurt Kruger, e na inferior, Raymond Massey, que são os três principais intérpretes do referido filme. Aguardem, nos números vindouros, outro serviço informativo e fotográfico do nosso correspondente em Hollywood.

DE CINEMA



Desta vez é para sempre...

EM SONHO

CONTO DE
LILIAN BRAITHWAITE

Ele saiu, batendo a porta com estrépito. Ela ficou de pé, no meio da sala, ofegante ainda da discussão.

Ecoava na casa silenciosa o ruído das vozes, subitamente caladas. Um carro arrancou na esquina da rua e ela viu, através da janela aberta, Roberto descer a rua, sem chapéu, andando com passo apressado, em direção oposta. Finalmente ele desapareceu na curva e ela moveu-se. Lentamente, aproximou-se da mesa do almoço que ficara em desordem e começou a arrumar a casa. Estava só. Na rua, ouvia os gritos alegres e saudios das crianças jogando futebol. O sol batia em cheio na cozinha, á tarde, e ela sem coragem de ir até a janela, para fechar as venezianas, deixou que ele batesse na sua cabeça. Quando acabou de lavar a louça, tratou de fazer a cama. Todo o tempo, enquanto trabalhava, como que ouvia ainda a voz dele, ecoando, ecoando na sua cabeça. De repente notou que estava com o rosto afogueado, com uma sede estranha e que a cabeça latejava. Era assim todas as vezes que brigavam. Ela ficava calada ouvindo o que ele dizia. Depois sentia dentro de si como que um vácuo, uma angústia, um mal estar. Depois, tinha dores de cabeça. Seu cabelo louro e longo pesava-lhe como uma corrente. Tinha ímpetos de cortá-lo. Banhou o rosto nágua fria e sentiu-se aliviada.

Vestiu-se, com movimentos vagarosos mas precisos, agia como um automato. Pronta para sair, colocou sobre a mesa a carta, que já tinha pronta e fechando a porta atrás de si, partiu.

No bonde, a brisa fresca brincava com seus cabelos e o sol, que ia gradualmente perdendo a força, fazia traçados caprichosos no banco, escapulindo das barreiras opostas pelas casas dos dois lados da rua, para ir bater de encontro ao veículo.

Em Epsom, tocou a campainha e saltou, caminhando para a casa de Lillian, sem saber bem o que estava fazendo. Não poderia descrever, mesmo, o que sentia. Dentro de si, um calor, de certo modo agradável, e seus músculos agiam como que movidos por uma outra vontade, que não a dela. Na verdade, sentia-se sem forças, sem forças para o que quer que fosse. Continuava andando maquinalmente e maquinalmente chegou ao portão da casa que procurava, parou, entrou.

— Meus Deus, Lídia, que houve?

Tudo tinha a aparência de um sonho. Mesmo o rosto da amiga parecia vago, como que irreal.

Sentiu aquele calor aumentando. Depois, o braço da amiga em torno de sua cintura. Finalmente, descansou, sentindo a cobri-la a frescura macia de um lençol de linho, levemente perfumado com alfazema. As janelas do quarto estavam fechadas e ela sentia-se bem naquela semi obscuridade fresca, como se tivesse entrado de repente, num riacho de água pura, cristalina, agradavelmente gelada. Sentiu correr pelo corpo um alívio. Adormeceu.

A princípio a rapidez vertiginosa das imagens que corriam, rodopiavam, a mudança constante, a falta de seguimento, estonteou-a; mas depois, à medida que a tranquilidade do bem estar foi progredindo as imagens se tornaram mais lentas, cada vez mais lentas e ela começou a pensar que já vivera aqueles momentos que desfilavam na sua memória.

Viu, de repente, uma cabeleira negra debruçada sobre ela, uns lábios que procuravam os seus. E sentiu novamente o estremecimento do primeiro beijo. Sentiu, mais uma vez, a carícia da mão dele. Naquele momento ela não tivera palavras. E' estranho como a sensibilidade transforma, deforma tudo. Ela vira naquele silêncio, uma compreensão e fôra seu erro. A comunicação não existe nos sentimentos. Ou eles se afinam, concordam, ou não há remédio. Roberto parecia, de repente, estranhamente odioso. Os seus beijos já não lhe davam o mesmo prazer, já não sentia mais aquele estremecimento. Era uma pobre coisa, agarrada, tocada á força, e ele não pára, ávido de amor. Amor? Seria amor? Aquela poesia que ela sentia. Aquele sentimento, tão forte, tão inexprimível, aquela ternura. Estaria errada? Via nele, um reflexo do que queria e não o que ele era? Duro, egoísta, cruel? Ela queria-o terno. Havia momentos,

que não podia negar, em que ele revelava uma delicadeza inesperada, mas breve passavam como se se arrependesse daquele instante de felicidade completa. Preferia-o dormindo ao seu lado, calmo, com a respiração sadia e regular, mas, de certo modo desamparado. Nesses momentos via-o como uma criança e tomava aquela cabeça coberta de cabelos pretos, e fazia com que ele se aninhasse no seu seio, como um filho, frágil criança. No seu sono, ele murmurava palavras sem nexo, como a língua dos bebês e ela contemplava-o enternecida. Mas via-o depois falando: cruel, cruel, incompreensível. Reclamando: quero isso. Aquilo. Quero! Quero! Quero! E eu, pensava ela? E eu? E subitamente sentiu como que a volta daquela angústia, no sono, a cama esquentara, novamente com o contacto do seu corpo, os lençóis já não eram mais frescos e calmantes, ele sentia novamente aquele calor, a angústia que a enchia de uma estranha perturbação de um mal estar esquisito. Via dois olhos — os dele — frios, frios... Não! E aqueles momentos que tinham sido dela? Aqueles momentos?!

Um menininho puro dormia aninhado contra seu seio...

A mão dele baixou, branca, como um raio, e bateu-lhe no rosto, cortando o fio das recordações, e ela sentiu bofetada. Acordou.

A noite caíra e, fora, estava frio. Pela fresta da porta entrava a luz do quarto contíguo. Lillian e o marido conversavam do outro lado. Eram vozes confusas que chegavam até ela.

A's vezes ele tinha momentos de ternura. Roberto se lembrava bem. Mas era irritadiço. Ela vinha, terna. Encostava-se a ela. Meu Deus! Que impaciência! Será que ela não compreende que eu quero estar em paz? Ele estava trabalhando, e ela vinha com os olhos cheios de amor e pousava a mão na cabeça dele?

— Deixa-me!

Sentia no fundo dos olhos dela a reprovação silenciosa. E, furioso, mostrava-se mais injusto e mais brutal.

Sempre aquela doçura, sempre aquela mesma moleza. Atmosfera dissolvente. Ele vinha da rua entusiasmado, sentia seus nervos vibrarem! Ela esperava-o sentada. Sempre era tarde. Ele bebera um pouco com amigos, vinha excitado das conversas, do ambiente de palestra e brincadeiras; risos, fumo, histórias pornográficas... Ela esperava-o:

— Onde é que você esteve?

Certo dia isso desencadeara uma briga tremenda.

E era sempre ele quem falava e ela nada dizia e quanto mais ele falava mais calada ela ficava e ele sentia-se mais irritado. E fala mais coisas — coisas irreparáveis. Depois de discutir com ela horas a fio, ela disse:

— Bertinho, você não vai jantar?

Ele sentara na cadeira de braço, furioso, em silêncio, cansado de dizer tanta coisa que não pensava. Ela veio postar-se ao seu lado:

— Bertinho, eu fiz aquele doce que você gosta...

Sua voz era trêmula, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Ele tomara-a nos braços e ela sentara no seu colo, escondera a cabeça no peito dele e soluçara durante tanto tempo...

Um amigo encontrou-o na rua. Uma história interessante... Uma conversa... Gradualmente o interesse imediato foi enxotando o mal estar que ele sentia depois da briga.

Ela, na casa de Lillian, sentada na cama, ouvia as vozes abafadas no outro quarto e sentia o fogo que a queimava... Febre.

— Pra sempre dissera!

Não. Voltaria. Ela sabia que ele voltaria. E a vida havia de continuar. Continuar...

— Meu Deus porque temos que sofrer tanto?





1 **TECNICAL SUPPLY** — Chefiado pelo 2.º tenente mecânico Attilio Bochetti e 1.º sargento Hothir S. do Rego Barros, esta secção é considerada como um "Pronto Socorro" dos mecânicos. Nesta foto, da direita para a esquerda: soldados Illo Portella Marques e David R. Gabriel, 2.º tenente mecânico Bochetti, 1.º sargento Hothir, soldado Nelson B. da Silva e Orlando Bracco. Os "mestres pracinhas" têm se mostrado ótimos auxiliares do "Technical Supply", cooperando para a eficiência desse serviço.



2 **NA SECÇÃO DE MECÂNICA** — Para manter uma força aérea em combate, torna-se necessário um eficiente serviço de assistência mecânica. Em nosso acampamento na Itália tal serviço mostrou-se à altura das tradições de preparo técnico e capacidade de trabalho da F. A. B. Aí está, em frente à sua barraca, o 2.º tenente mecânico Jayme Flores, chefe da Secção de Mecânica, um dos oficiais a quem devemos muitos dos êxitos alcançados pela nossa Força Aérea nos céus da Europa.

FALCÕES BRASILEIROS NOS CÉUS DE ITALIA

3 **A PISTA DO AERÓDROMO** — A pista de um aeródromo militar é sempre tratada com carinho e atenção, havendo mesmo uma turma de pessoal especializado, que se dedica à sua conservação bem como à direção do tráfego e estacionamento de aviões na mesma. Na gravura abaixo aparece, no centro da pista, o sub-oficial Oscar Hertel, inspetor técnico. De seus serviços dependem a segurança dos aviadores, durante a decolagem e a aterrissagem.

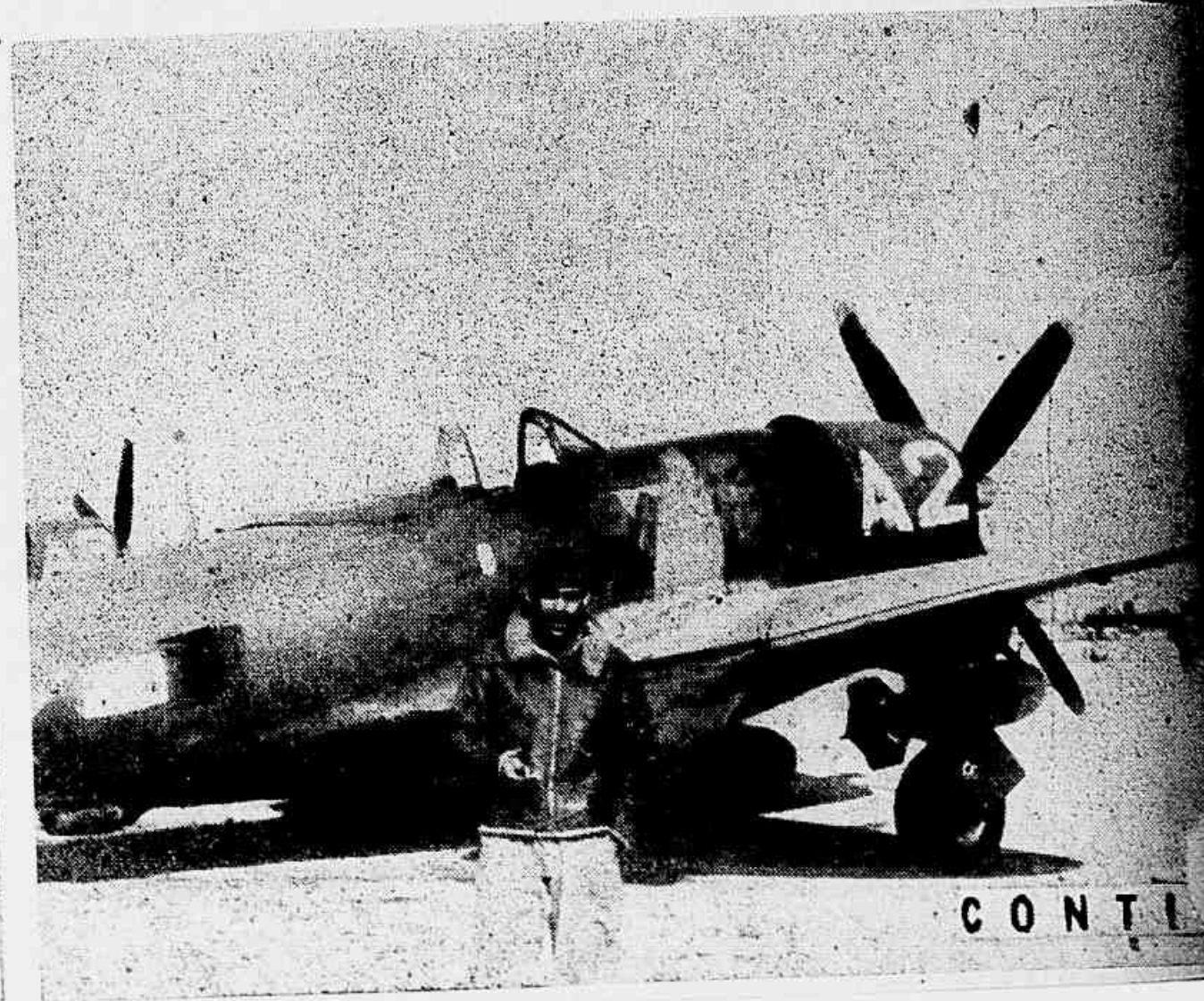


5 **UM HOMEM DINAMICO** — Aí está o 1.º sargento Paulo de Castro Gondim, o homem dinâmico do 1.º G. Av. C., "line chief" da gloriosa unidade da Força Aérea Brasileira. Tanto quanto os aviadores que combatem nas frentes de batalha, sobre as trincheiras e as cidades inimigas, o pessoal do campo tem também grandes responsabilidades e um grande dever a cumprir. Da ação deste homem dependem as vidas de muitos companheiros, e à sua responsabilidade está entregue a segurança de todo um grupo de aviação.

4 **SOBRE O PAVIMENTO DA PISTA** — Por alguns quilômetros estendem-se as faixas de cimento e as esteiras e metal que pavimentam a pista de pouso do aeródromo que serve de ninho aos falcões brasileiros. A movimentação dos aparelhos sobre o campo tem que ser dirigida com perícia, e qualquer engano pode ser funesto. Entre os técnicos especializados no controle do tráfego de aviões na pista está o 2.º sargento Agostinho Campagner, que se vê na gravura abaixo. Ao fundo, aviões do 1.º Grupo de Aviação de Caça estacionados na pista.



6 **UM "FLIGHT CHIEF"** — Outro homem sobre cujos ombros pesa uma responsabilidade ilimitada. Aí está ele, sorridente e sem apreensões, posando para o fotógrafo, junto a um dos aviões do 1.º Grupo de Aviação de Caça, que acaba de regressar de uma missão e que já se encontra na pista devidamente remuniciado e reabastecido para castigar novamente o inimigo. Como os seus companheiros, o 1.º sargento Arnaldo Setta, "flight chief" do 1.º Grupo de Aviação de Caça, mostra-se sempre confiante nos momentos críticos.



CONTI



7 NUM INTERVALO DA LUTA — Dos pequenos tubos, condutos e peças do complicado motor destes aparelhos de combate dependem a estabilidade dos mesmos e a sua eficiência e poder ofensivo. Por isso os encarregados de sua conservação verificam com a máxima atenção se tudo está em ordem. Em primeiro plano, ao lado do avião B-25, está o 1.º sargento Jean L. Bourdon, outro "flight chief" do glorioso 1.º Grupo de Aviação de Caça.



8 ANTES DO COMBATE — Os aparelhos do 1.º Grupo de Aviação de Caça estão reabastecidos e remuniciados para entrarem em ação sobre as linhas inimigas. O êxito da missão a cumprir depende estreitamente dos "flight chiefs", que são elementos de destacada importância numa unidade de combate aérea. Enquanto o pessoal do campo municia as metralhadoras e os lança-bombas, o "flight chief" 1.º sargento Balsamo posa para o fotógrafo, na pista do aeródromo de onde decolaram os aparelhos do 1.º Grupo de Aviação de Caça.



9 OS APARELHOS EM REPOUSO — O 1.º sargento Militino V. Paiva, outro dos valorosos "flight chiefs" do 1.º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira em ação no norte da Itália, posando para o fotógrafo na pista do aeródromo, num momento de descanso. À direita e à esquerda, os aviões utilizados pela Força Aérea Brasileira nos combates em que se empenham os falcões brasileiros nos céus de Itália.



10 MANUTENÇÃO — Aí está o pessoal da Secção de Reabastecimento: o 1.º sargento A. E. Souza, "refueling unit chief", e seus auxiliares, 3.º sargento Julio Jacoboski, 3.º sargento Raymundo Aldo Carneiro, cabos José Nazareth, Filadelfo C. de Araujo, soldados Daniel C. de Almeida e Giordano B. Sartori, o conhecido "Palito" do 1.º Grupo de Aviação de Caça. Como todas as outras secções do Grupo, este serviço está ligado estreitamente aos combates e à manutenção dos aparelhos no ar.

Em nosso número de 28 de abril último tivemos ocasião de publicar a primeira reportagem da série que o expedicionário Artur Estrela de Souza, da F. A. B., escreveu especialmente para a REVISTA DA SEMANA, sobre a preparação do 1.º Grupo de Aviação de Caça e sua ação no "front" de Itália.

Damos agora prosseguimento a estas oportunas notícias, publicando novas declarações daquele membro da nossa única unidade aérea que participou da guerra na

Europa, na qual ele nos fala da organização dos diversos serviços do seu Grupo de Aviação de Caça antes dos combates de que participaram os falcões brasileiros.

Instalados todos os componentes do 1.º G. Av. C. em seu campamento na Itália, com o conforto permitido pelas circunstâncias, entraram imediatamente em ação as nossas secções técnicas.

SECÇÃO DE MECÂNICA

Uma das mais importantes secções técnicas é, sem dúvida, o "Technical Supply", "Pronto Socorro" dos mecânicos, onde estão depositadas todas as peças e acessórios sobressalentes dos aviões P-47.

O 1.º G. Av. C. combate como força independente, arcando portanto com toda a responsabilidade de manobra, que exige uma administração própria, assistência técnica



11 EQUIPE DE HANGAR — No grupo acima aparecem os elementos da equipe encarregada dos serviços dos hangares. Estes rapazes não demonstram em suas expressões fisionômicas a responsabilidade que lhes cabe na guerra da Europa. São eles: o "chief", 1.º sargento Civaldo Koerbel, e seus auxiliares, 1.º sargento Prediliano, 2.º sargento Vital, 3.º sargento Bechara, 3.º sargento Aquino, cabo Brito e soldado Capitelli.



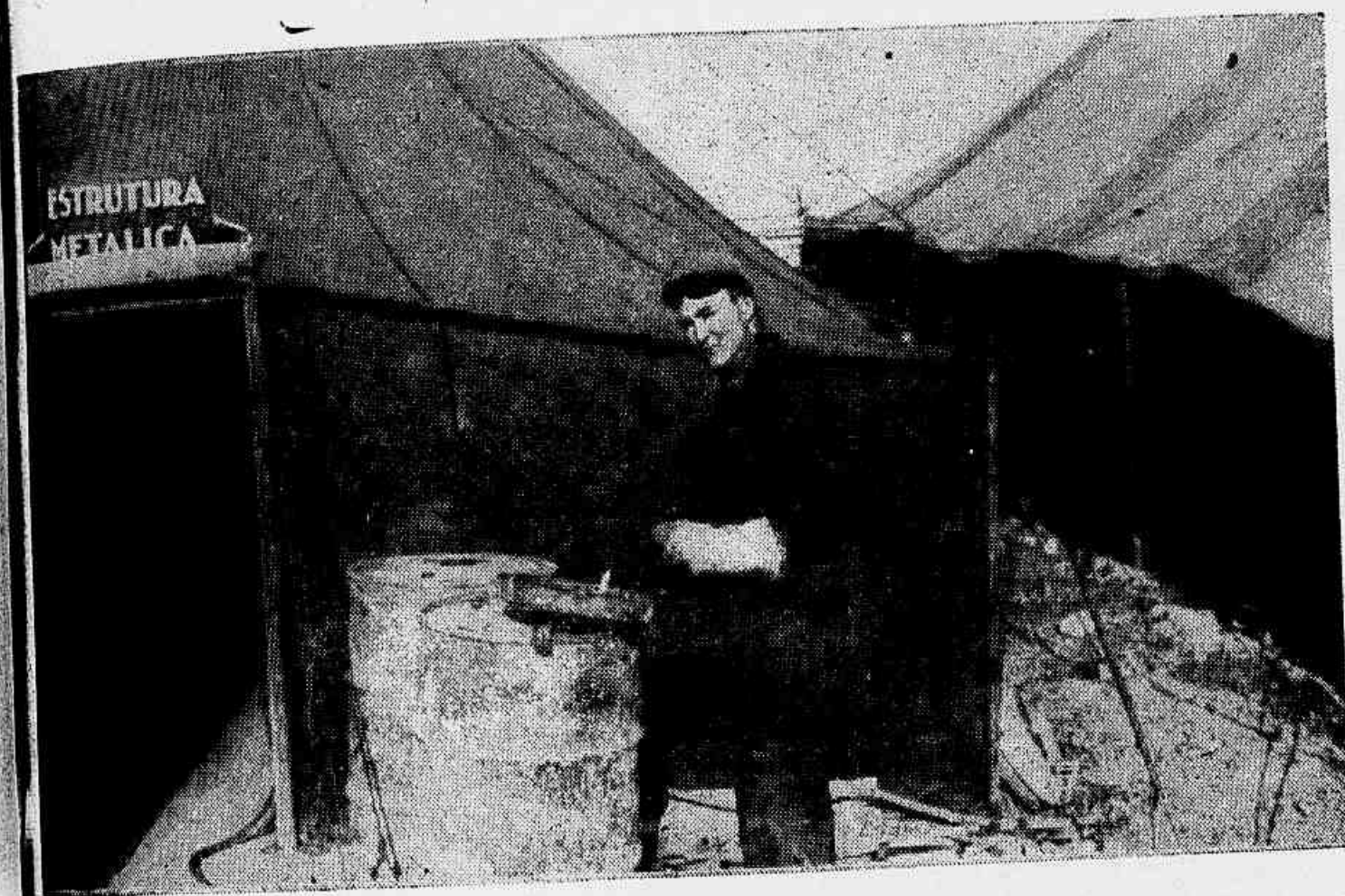
12 A FUNÇÃO DOS HELICES — Num avião as partes mais importantes são, sem dúvida, os hélices. Das suas pás dependem a velocidade e a estabilidade do aparelho. Essa peça é de uma importância capital, e a sua natureza a torna delicadíssima. Por isso mesmo em uma unidade de guerra aérea existe sempre uma equipe de especialistas em hélices. Aí estão dois deles, pertencentes ao 1.º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira: 2.ºs sargentos Regis e Contente.



13 **TRABALHO SOB O FRIO** — Três especialistas em instrumentos de bordo. O trabalho destes homens é outra tarefa de grande relevância na guerra aérea. Eles são os responsáveis pelo bom funcionamento dos instrumentos de bordo, pelos quais se guiam os pilotos, comandantes, bombardeadores e artilheiros. Antes de levantar vôo, qualquer aparelho de guerra tem que ter os seus instrumentos revisados. Os três especialistas acima são o 1.º sargento Garcia, 2.º sargento Fernando e soldado Eliezer.



14 **ESTRUTURA METALICA** — O avião, para fins de conservação, é dividido em várias partes. Uma delas é a estrutura metálica dos aparelhos, que requer a atenção de vários técnicos, para que os aviões tenham sempre, a tempo e hora, todas as peças sobressalentes de que necessitem, e possam alçar vôo novamente à caça do inimigo. Na porta de sua "tenda" de trabalho aparecem o especialista em estrutura metálica, 2.º sargento Oliveira, "chief", e seus auxiliares, 2.º sargento Thadeu, 3.º sargento Mangueira, 3.º sargento Chico e soldado Arruda.



15 **A SOLDAGEM** — A soldagem das peças de um avião avariado é outro trabalho delicado, que requer a perícia de um técnico e a precisão de um artifice. Num grupo de combate torna-se necessária a existência de um serviço especializado nesse ramo. Na foto acima está o cabo Peraceta, incumbido da soldagem, um homem precioso para o 1.º G. Av. C. Ele foi fotografado, à porta da barraca da "estrutura metálica", justamente quando se entregava a soldagem de uma peça, de maçarico em punho e óculos escuros.

e eficiente serviço de reparação do material avariado. E tudo isto é dado à nossa unidade de guerra pelo valor e preparo técnico de seus homens, que chegaram mesmo a surpreender os nossos aliados americanos.

Para que se efetivasse essa eficiência, deveria haver

um perfeito sentido de compreensão e cooperação entre todos os homens do Grupo. E essa compreensão e essa cooperação existem realmente. Todos, esquecidos os sofrimentos e as agruras particulares, firmam e dirigem suas energias para a luta, cónscios do seu papel de brasileiros

e de seu dever de soldados, que haverá de colocar o nome de nossa Pátria nas páginas da história desta guerra de libertação. E eles lutam denodadamente e sem esmorecimentos, sob um clima ingrato, suportando o frio de latitudes distantes da terra natal, entre gente estranha, ouvindo



16 **PINTANDO UM AVIAO** — Embora não o pareça, a pintura de um avião é um trabalho de suma importância. A tinta empregada é um produto químico especial, que não prejudica a estrutura metálica do aparelho, nem influi no seu peso. Para se pintar um aeroplano ou uma parte dele, é necessário um compressor, que lança os jatos de tinta sobre a superfície a pintar. Aqui estão os encarregados da pintura dos aparelhos do 1.º Grupo de Aviação de Caça: 3.º sargento Claudio, da equipe de hangar (encostado ao compressor) e cabo Edgard.



17 **GENTE DA ADMINISTRAÇÃO** — Como qualquer organização militar, ou mesmo civil, o 1.º G. Av. C. tem o seu serviço de administração. A ele cabe zelar pelo material e pelo suprimento de seus homens e de suas máquinas e controlar tudo o que se faz ou o que se tem a fazer. Os escritórios requerem os serviços de pessoal competente e desprendido. Na foto acima aparecem três escreventes da Administração do Grupo: 3.º sargento Aloisio, 3.º sargento Edson e soldado Tider.



18 **CHEFIA DA SECÇÃO DE ARMAMENTO** — A porta da barraca onde funcionam os serviços da Chefia da Secção de Armamento, os seus ocupantes posam em grupo para o fotógrafo. Ai estão o chefe, 1.º tenente Felino Alves de Jesus, o sub-chefe Jorge da Silva Prado e o 1.º sargento João Ribeiro Casas Costa, chefe do material bélico e inspeções técnicas. Ao fundo estacionado na pista, um dos aviões do 1.º Grupo de Aviação. Estes três homens também concorrem com o seu esforço para mantê-lo no ar.

estranhas línguas, sempre movidos pelo seu patriotismo heróico, sempre impulsionados pelas tradições gloriosas dos nossos soldados.

A SECÇÃO DE ARMAMENTO DO 1.º G. AV. C.

É interessante, mesmo para os leigos e para os civis, apreciar a aterrisagem de uma esquadrilha de combate, de regresso de missão. Mal chegam os aparelhos ao local de estacionamento, antes mesmo de estarem os motores parados, já existem homens sobre as asas, outros no porta-bombas, outros a examinarem as avarias, etc. Assim, dentro de pouco tempo estarão os aeroplanos em condições de levantar voo novamente, em direção ao inimigo. Em um espaço de tempo surpreendentemente curto, são colocadas novas bombas, limpas e municiadas as metralhadoras, reabastecidos os tanques de óleo e de gasolina. Se qualquer avaria impossibilita o aparelho de cumprir nova missão, imediatamente os nossos técnicos iniciam o reparo exigido pelas circunstâncias, e com rapidez e eficiência o avião é novamente entregue à secção de operações, para ser utilizado em combate.

Mas a Secção de Armamento continua a funcionar. Ela trabalha incessantemente, para sustentar o poder ofensivo de todo o Grupo, e sem ela tornar-se-ia impossível manter a sequência das operações, que se desenvolvem em ritmo predeterminado pelo comando da unidade.

A ela se deve também, como aos mecânicos e pilotos de guerra, os magníficos resultados das operações da F. A. B. nos céus da Europa. E não seria justo lembrar aqui esta secção do 1.º G. Av. C. sem fazer menção ao seu chefe, 1.º tenente Felino Alves de Jesus, e sub-chefe 1.º tenente Jorge da Silva Prado, e 1.º sargento João Ribeiro Casas Costa, chefe do material hélico e inspeções técnicas.

COMUNICAÇÕES. SERVIÇOS VITAIS

O contacto mantido por um avião em voo com a sua base aérea e com os outros aparelhos da esquadrilha, é um dos fatores preponderantes da eficiência e do poder do combatente aéreo.

A Secção de Comunicações é o órgão do Grupo que se encarrega da manutenção do material de rádio em geral e provê a energia elétrica destinada às diversas secções da unidade de guerra.

Pelo que ficou dito pode-se ter uma idéia da responsabilidade que cabe ao pessoal dessa secção do 1.º Grupo de Aviação de Caça, a que está afeto o trabalho de instalar nos aviões os aparelhos transmissores e receptores para a ligação entre os "caças" em voo e o contacto constante dos chefes de esquadrilha com a base aérea.

A parte referente ao material-rádio dos aviões está dividida de acordo com o tipo de equipamento-rádio a ser empregado. O equipamento-rádio que assegura as comunicações de avião para avião, de avião com as estações de terra e o equipamento-rádio que os aviões utilizam para se fazerem identificar, quando localizados pelas estações de "Radar".

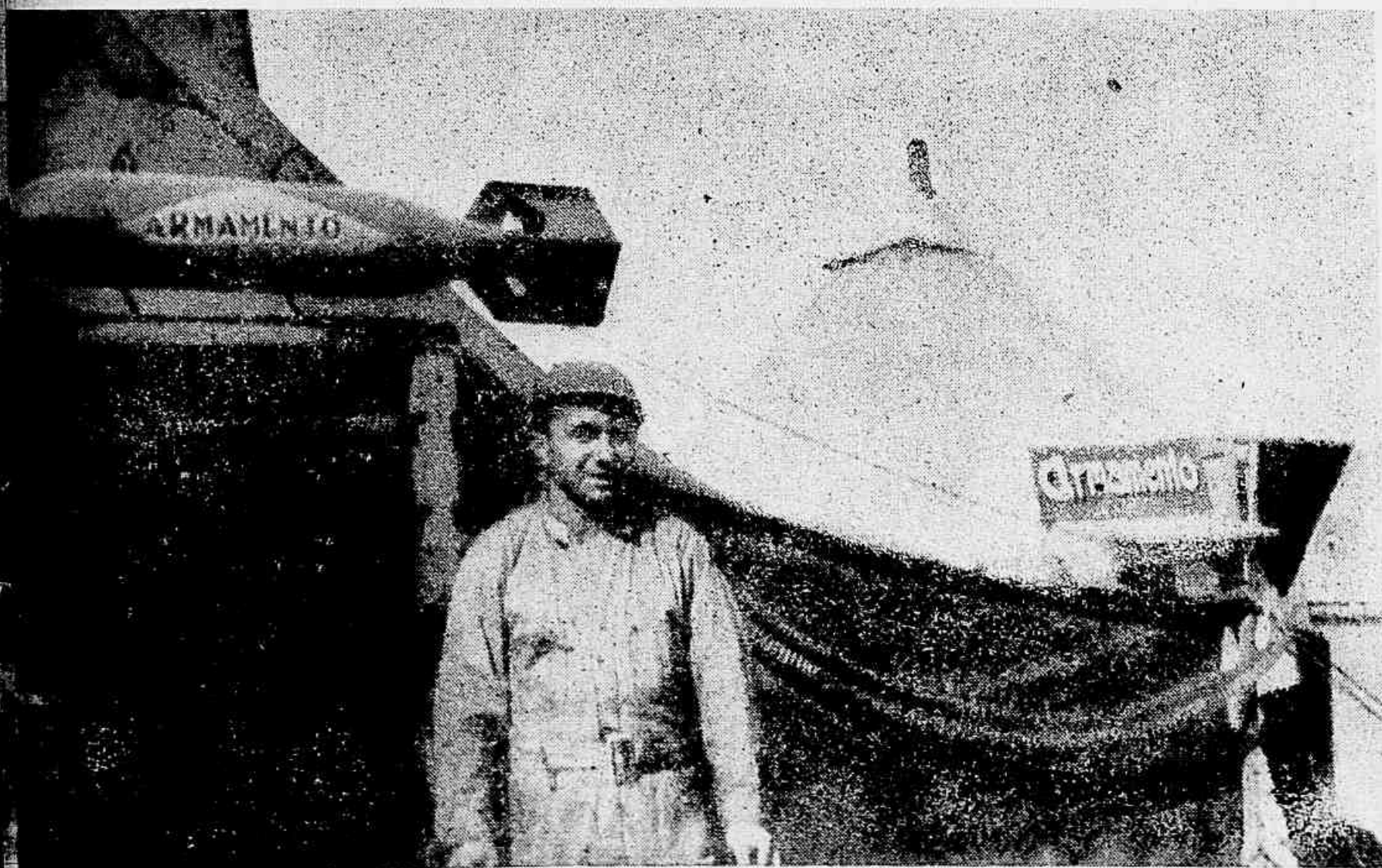
O primeiro equipamento tem a prestar-lhe assistência dois grupos de homens — um que repara, ajusta e sintoniza os aparelhos de rádio completos (Radio Shop); outro



19 A PORTA DA BARRACA — Durante um de seus raros momentos de folga, este membro do 1.º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira foi surpreendido pelo fotógrafo à porta de sua barraca de campanha, onde está instalada a Secção de Armamento. Ele é chefe de uma das secções do Grupo, onde emprega o melhor de seus esforços. Como todos os membros da nossa unidade, é um soldado valoroso, que empenha todo o seu vigor e todas as suas energias em prol da Vitória. Hoje, longe da Pátria e da família, é apenas o sub-oficial João Pereira Leite, do 1.º G. Av. C. Amanhã regressará coberto de louros, pois a vitória será construída também por seu esforço.



20 NO CENTRO DO CAMPO — Os aviões se estendem pela pista. Não há bombardeiros inimigos à vista, não há vôos de reconhecimento ou de caça a fazer. Estes momentos de inteira paz são raros na base do 1.º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira, no norte da Itália. Aproveitando a calma, o sub-oficial Alvaro da Costa Dantas, "line chief", posa para o fotógrafo no centro da pista. Nada nos faria lembrar a guerra, não fossem os aparelhos estacionados ao fundo e o esqueleto do hangar. E, para deixar presente a lembrança das batalhas, também concorre o nariz do avião que aparece em primeiro plano, lançando sua sombra na pista.



21 O CHEFE DA MANUTENÇÃO — Francisco Albino dos Santos, chefe de "Manutenção", outro serviço importante do Grupo, destinado, como indica o próprio nome, à manutenção dos aparelhos. Ao fundo a barraca do "armamento", com a granada simbólica posta sobre a porta de entrada. Ela é um aviso sinistro aos "tedescos", que já têm por diversas vezes sofrido o peso das nossas armas aéreas. Assim foi nos arredores de Milão, assim foi nas linhas de frente dos Apeninos. Apesar de só contarmos com um Grupo de Aviação de Caça na frente, a gloriosa Força Aérea Brasileira está condignamente representada na Itália.



22 UM INSPETOR TÉCNICO — Surpreendido pelo fotógrafo quando tentava de frio, com as mãos nos bolsos, o inspetor técnico Francisco de Assis Barreto foi retratado à porta da barraca onde funciona a Secção de Armamento do 1.º Grupo de Aviação de Caça. A bomba assinala a porta da tenda de "armamento".



23 A "TURMA DO ABAFA" — Eis a "turma do abafa", os incansáveis rapazes da Secção de Armamento. Ao centro, em pé: o 3.º sargento Newton Alves Leite, chefe da turma. Agachados, da direita para a esquerda: cabos Sena, o famoso "cantor das multidões", Eurides Cardoso Pereira, Nilo de Paiva Cavalcanti, Amaro Maia, Laureano Poras Reis, Oscar William Conde, Artur Magno de Melo e Taiete Freitas. Em cima, duas bombas endereçadas a Bologna e Berlim.

que tem a seu cargo a manutenção e verificação dos aparelhos de rádio nos aviões e suas instalações (Line).

O segundo equipamento é mantido e reparado por um só grupo de homens, que trabalham na "Radio Shop" e na "Line".

A parte referente ao fornecimento de energia elétrica é mantida pela "Radio Shop", ou por homens para esse fim previamente designados, dependendo isto das condições em que se encontre o Grupo no momento.

OS QUE FICAM EM TERRA

Assim funciona um grupo de aviação. Enquanto os "caças" ou os bombardeiros estão se batendo no vasto campo das nuvens, na base aérea uma multidão de homens abnegados trabalha sem cessar, para que eles possam permanecer em vôo e destruir o inimigo, onde quer que ele se encontre.

Além das seções de Armamento e de Comunicações, o 1.º Grupo de Aviação de Caça conta ainda com outros serviços que lhe permitem uma ação eficaz e segura nos céus de Itália.

E não fôra o pessoal do campo, que ali empenha o melhor de seus esforços no sentido de prover os aviadores

de tudo o que se torna necessário para o desempenho de suas duras missões de guerra, não se poderia obter os resultados, surpreendentes para os próprios americanos, que têm alcançado os falcões do 1.º Grupo de Aviação de Caça na luta contra o fascismo.

Como já se tem falado, é esta a guerra de todos. Principalmente de técnicos. E o que os brasileiros têm mostrado na Itália, mormente os elementos do 1.º G. Av. C. (o que se torna lógico pela própria natureza de sua arma), não é apenas a bravura que caracteriza os homens do Brasil: é também o seu preparo técnico e a sua perfeição tática e estratégica, conseguidos num espaço de tempo relativamente curto, apenas pelo seu esforço resolutivo e sereno. Essa coragem e esse preparo técnico não se têm revelado apenas nos aviadores que tripulam os gloriosos P-47. São também qualidades características de todos os que trabalham, em terra e no ar, para as vitórias do 1.º Grupo de Aviação de Caça, que é também a vitória da F. A. B., a vitória do Brasil, a vitória de todo o mundo civilizado.

E um atestado desse esforço da vontade brasileira, de derrotar o inimigo a qualquer custo, se revela inteiro e nítido na ação das seções técnicas da nossa valorosa unidade aérea, que nos céus nublados dos Apeninos levantou bem alto a glória imorredoura da Pátria.

E se esta guerra é a guerra dos técnicos, o Brasil vem demonstrando o seu preparo bélico, feito por imposição de circunstâncias alheias à sua vontade de nação pacífica, realizado tão só no sentido da defesa própria, para que não tombássemos vencidos pela tirania hitlerista, que durante longos anos ensaiou na sombra os seus golpes de morte contra o nosso território de Estado soberano.

E quando a felonía dos totalitários, emboscada nas águas do Atlântico, assassinou os passageiros indefesos de nossos barcos, o povo brasileiro, honrando as suas velhas tradições de destemor e dignidade, respondeu à altura ao insulto dos ditadores.

E no alto de Monte Castello tremulou um dia o pendão auri-verde. E sobre eles se estenderam, lançando a sua sombra sobre as crateras das granadas, as asas metálicas dos falcões brasileiros, símbolos de uma pátria livre, bandeiras de uma geração digna.

Em nosso próximo número publicaremos nova reportagem de Artur Estrela de Souza, sobre a ação do 1.º Grupo de Aviação de Caça na Itália, na qual ele nos descreve o batismo de fogo da gloriosa unidade da F. A. B.

24 NO ACAMPAMENTO — Grupo feito no acampamento do 1.º G. Av. C., onde aparecem os auxiliares das Seções de Operações e Inteligência. Da direita para a esquerda: soldados Rubem Ferreira, Osaias Machado da Silva, 3.º sargento Joaquim de Moura Dias, 3.º sargento Geraldo Ferreira da Silva, N. Pithan e Silva, nosso correspondente de guerra, soldado Caio Nascimento. No medalhão, ao alto, o capitão Correia. Ao fundo da foto uma barraca, com as indicações de unidade e natureza do serviço escritas em inglês.

25 PARAQUEDAS — No ar, os paraquedas postos às costas dos tripulantes de um avião são o símbolo da segurança e, muitas vezes, representam a tábua de salvação. A seda e os cordões são revisados minuciosamente, e todos os paraquedas devem ser dobrados com perícia e técnica. Um dobrão errado pode causar a morte de um aviador. Uma vez postos em condições de uso, são os paraquedas levados em caminhão para os aviadores do 1.º G. Av. C. Al está o cabo John Baytack, encarregado da secção relativa aos mesmos.





Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"
ENO

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



TRANSPIROL

Livros

PORTUGUESE — A PORTRAIT OF THE LANGUAGE OF BRAZIL — (Jmões Pongetti — F.C.)

PORTUGUESE
A PORTRAIT OF THE
LANGUAGE OF BRAZIL

Há longos anos radicado no Brasil, onde constituiu família e tem se imposto por um constante esforço em favor de uma aproximação crescente entre o nosso povo e os norte-americanos, o Sr. Montgomery Merryman sentiu, nesta fase intensa das nossas relações com os seus patrícos, que lhes faltava um instrumento perfeito de compreensão da língua que se usa em nosso país.

Dai o ter tentado, e realizado com êxito notável, uma explanação sucinta, mas de extraordinária clareza, do português tal como o falamos aqui.

Desse trabalho, original e útil, resultou o volume que acaba de ser editado por Irmãos Pongetti, e que vem constituindo um *big hit* entre a comunidade estadunidense no Rio e, mesmo, os inúmeros brasileiros que estão se dedicando à cultura da língua inglesa.

HISTOIRE LITTÉRAIRE, de Henri de Lantueil, 2.^a Ciclo, 1.^a e 2.^a séries — Livraria Francisco Alves, editora — Rio de Janeiro, 1945.

HENRI DE LANTUEIL
Histoire Littéraire
AUTEURS ET TEXTES
TOME I — 2.^e SÉRIE
2.^e ÉDITION

Este segundo ciclo, em dois tomos, da vasta obra de bibliografia e antologia empreendida por Henri de Lantueil, principia com a poesia, a crônica e o teatro na Idade Média e compreende, entre numerosos outros autores, Ronsard, Rabelais, Montaigne, Calvino, S. Francisco de Sales; e termina com os "Salões"; e os "Percursos", assinalando Montesquieu, Voltaire, Buffon, Rousseau, Diderot etc.; e o segundo tomo vem de Madame de Staël e Chateaubriand, passando por Lamartine, Victor Hugo, Alfred de Vigny, Musset, até aos prosadores e poetas mais acentuada e caracteristicamente dos nossos dias. A obra se destina aos professores e assim cada capítulo termina indicando aos temas e exercício que devem ser dados aos alunos. Não é, porém, necessária a condição docente nem tampouco a discente para se acompanharem estas, páginas com real interesse e delas se tirar valioso proveito. Num dos capítulos finais, que trata da poesia francesa de 1940 para cá, vem uma peça extraída do periódico clandestino *Lettres françaises*, que teve como fundador Jacques Decour, pouco depois fusilado pelos alemães. Intitula-se esta composição *Le poème du francilireur*. Nela se emprega, como rarissimamente se observa em versos franceses — a rima simplesmente, tônica. E é uma página de requintada beleza e grande emoção:

*A quoi rêves-tu notre mère?
Les yeux perdus, les yeux toués
Vers la mer Méditerranée,
A quoi rêves-tu d'ice-amère?*

*"Je rêve, dit-elle au printemps,
A notre gloire impérisable
Qui refléuril parmi les sables,
Je rêve d'Afrique et j'attends*

*Les jours d'Apocalypse ou volent
Les burnous rouges des spahis."
N'attends pas, ma terre envahie,
Nous nous lèverons de ce sol.*

*N'attends pas! Tes fils ont choisi
La liberté, celle rebelle.
Pour que les noces soient plus belles
Je n'ai pas donné mon fusil.*

*Mon fusil dormait dans l'armoire,
Mes mains le tiendront mieux caché
Le temps revient des Francs-Archers
Mon fusil a bonne mémoire.*

*Ecoutez, frères d'Alaérie
Nos balles chantent l'espérance...
Où je tire, l'écho dit France,
Où je meurs, renaît la Patrie.*

VIA SACRA E OUTROS POEMAS, de Marcelo Gama — Sociedade Felipe d'Oliveira, editora — Rio de Janeiro, 1944.

Marcelo Gama era o pseudônimo ou, antes, o legítimo nome de Possidônio Machado. Este batismo, tinham-lhe-o dado, sem lhe perguntarem se era do seu agrado. E não perguntaram talvez por várias razões, entre as quais a de não ser possível obter a resposta. Mas a seu tempo havia ele de enjeitar o Possidônio e adotar o Marcelo. Criou Marcelo, educou-o, fê-lo entrar no jornalismo, na política, sobretudo na poesia, cercou-o de consideração e de bemquerença, por todos os títulos o tornou digno de si mesmo. E assim, muito mais que o outro, este nome ficou sendo o seu.

Marcelo Gama, riograndense de corpo e alma, veio para o Rio de Janeiro, como tantos conterrâneos seus e atrás da mesma ilusão. Assim vieram Alcides Maya e Eduardo Guimaraens, assim o poeta Emilio Kemp e o prosador Fábio Barros, esses dois ainda vivos — e assim Deus os conserve por muitos anos e bons. Em verdade, nunca esses aventureiros da arte e do ideal se separaram, nem mesmo temporariamente, do torrão do nascimento. Onde deixaram o umbigo está o coração. E muitos de fato para lá voltam, certos de não poderem ditosa, integralmente viver alhures.

Exercendo o jornalismo, servindo a política e sobretudo poetando, Marcelo Gama andou para lá e para cá, sempre laborioso e sonhador, cada vez mais ilustre e amado. A morte o surpreendeu no Rio de Janeiro, antes dos quarenta anos de idade. E agora os seus amigos da Sociedade Felipe d'Oliveira — agremiação que ele não chegou a conhecer — vêm recordar os versos e o pseudônimo que, sem esta intervenção, mais cedo ou mais tarde, poderiam — bem lamentável e injusto destino — cair no esquecimento. Aqui está o livro de Marcelo Gama, legado do seu espírito e do seu sentimento.

Novos

no qual se encontram, com o impressionante melodrama rimado, em um ato, *Avalar*, os melhores versos duma longa época, versos de patriotismo e de combate, de paisagem e de saudade, de júbilo, meditação, melancolia, dúvida e, na maioria, versos de amor. Sem escolher, e simplesmente por ser o primeiro do volume, tomaremos o soneto *Catavento*:

*Vim sarar lédios, longe da cidade,
a convite e conselho de um amigo,
neste sombrio casarão antigo
onde tudo tem arcos de saudade.*

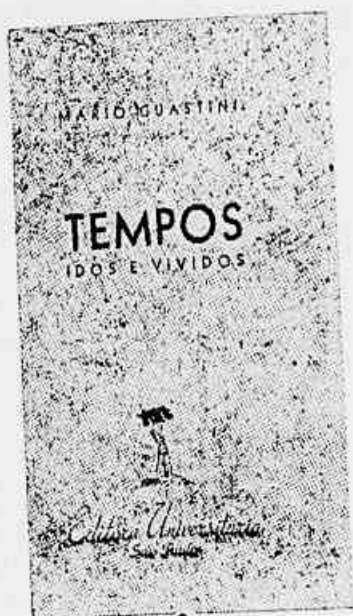
*— "Vem para o campo que a paisagem há de
curar-te". Mas, curar-me não consigo:
Ontem o riso esteve bem comigo;
hoje me sinto cheia de ansiedade.*

*Sou assim como as asas do moinho
que, lá distante, à beira do caminho,
por entre casas velhas aparece:*

*Gira ao norte... ora ao sul... depressa... lento...
Parece doido aquele catavento!...
Mas como ele comigo se parece!*



TEMPOS IDOS E VIVIDOS, crônicas de Mário Guastini — Editora Universitária — São Paulo, 1945.

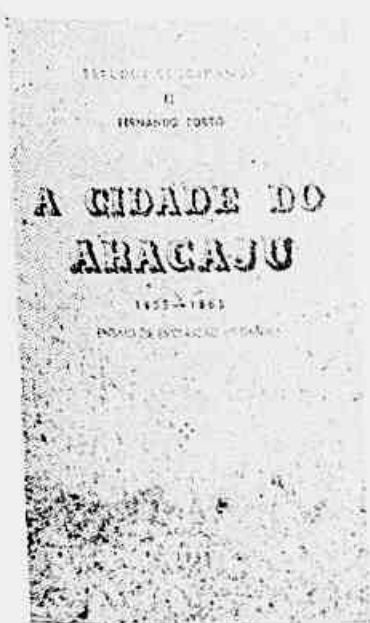


O Sr. Mário Guastini é, em toda a amplitude e toda a complexidade da expressão; um homem de imprensa. Está no jornal como em sua casa; e pode enchê-lo completamente. Dentro do espaço de tempo estritamente necessário, escreveria a folha inteira. Do velho artigo de fundo que saía ao alto da coluna e, tendo mudado de lugar e de proporções, nada perdeu do caráter primitivo, até a notícia mais ligeira, passando pelo estudo crítico e a nota de reportagem, aborda este jornalista todas as matérias e todos os assuntos que entram naquele programa quotidiano. A cultura desde sempre alimentada e constantemente renovada nas prateleiras das suas estantes não lhe prejudica a vivacidade nem lhe embaraça o "repentismo". Tudo o que aprendeu e continua a assimilar no estudo de cada manhã anda no seu espírito e no seu sentimento, para lhe servir a qualquer hora, prontamente, sem que sejam necessárias novas consultas, confrontos, análises ou recapitulações. Traz consigo aquele cabedal organizado, disciplinado, chamado da memória como a própria pena aos dedos que a lhe pressentir indolência ou revolta. Assim na sua biblioteca doméstica; no seu gabinete directorial; em qualquer aplicação do pensamento e da operação, ele se sente e efectivamente está como à banca da redação. Trata a situação política, o problema social, a questão de literatura ou arte, o simples episódio de rua com a mesma espontaneidade clara, firme, decisiva. Tudo lhe serve de motivo e sempre a sua inteligência, o seu critério, a sua sensibilidade compõem uma força produtiva que vai até onde precisa de ir e consegue o que deve ser realizado; Assim Mário Guastini veio compondo, dia a dia, página a página tudo por fim submetendo a uma selecção rigorosa de consistência e oportunidade, os livros *Política em torno de uma cadeira*, *A hora futurista que passou*, *Na caravana da vida*, outros ainda, estes de feição mais íntima e impressos fora do mercado:

Os títulos mesmos indicam a variedade substancial das obras: a exposição duma luta de partidos, o comentário duma corrente efêmera, as jornadas dum observador de tipos, casos, costumes... Hoje nos oferece o Sr. Mário Guastini trezentas páginas de impressões de momento e mais ou menos remotas recordações. Nestas como naquelas, aparece frequentemente e, a bem dizer, impera nota sentimental. Os capítulos constituem uma galeria de figuras que o escritor amou e a quem para sempre ficou querendo bem. São retratos de alma inteira, mais ou menos demoradamente compostos mas nos quais sempre a individualidade se define, animada por aquele veemente, peregrino toque afectuoso. E sucedem-se duma folha para a outra como um cortejo de imagens trazidas da distância a que estavam, do esquecimento onde se poderiam perder — vindas agora, redivivas e inolvidáveis.

O Sr. Mario Guastini dispõe de singular poder comunicativo e evocador. Chama para seu lado e põe à nossa frente os que partiram. Mas por ausentes e presentes reparte a grande riqueza do seu coração. E com elegância superior à de qualquer dos precedentes este livro faz ver nele um cultivador magnânimo do torrão do afecto, um distribuidor infatigável das sementes da bondade e da ternura.

A CIDADE DO ARACAJU (1855—1865) por Fernando Porto — Coleção Estudos Sergi-panos — Aracajú, 1945.



É uma exposição baseada em rigoroso sistema de documentos, desenvolvida com seguro critério e em tudo digna de atenção. Durante os dez anos a que se refere, o Sr. Fernando Porto, nos faz assistir a todos os episódios daquela vida urbana. A cidade vai surgindo, crescendo, definindo-se aos nossos olhos como num desses filmes que prodigiosamente evoluem, se vão gradualmente metamorfoseando até ao aspecto definitivo. Vemos construir-se as casas, abrirem-se as ruas, assentarem-se todos os planos das futuras realizações. E é uma fase importantíssima, aquela, em que se delinearam os destinos duma capital.

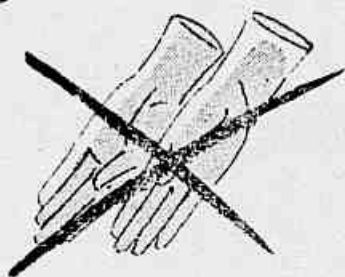
"Na divisão estabelecida por Pierre Lavedan, de cidades espontâneas e cidades criadas, Aracajú pertence a este último grupo", diz o autor numa passagem do prefácio. E prossegue: "Aqui os homens não foram chegando aos poucos, ao sabor de suas conveniências pessoais, inconscientes das consequências de seus atos, como aqueles que, refugiando-se numa ilha do rio Sena, lançaram a semente da grande metrópole francesa. Aqui chegou um único homem, Inácio Joaquim Barbosa, com um único desejo: fundar uma nova cidade; impulsionado por um motivo económico e um motivo político: um porto e uma capital. Estes dois motivos, que foram os geradores da cidade, tem sido até hoje os guias de sua evolução

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO

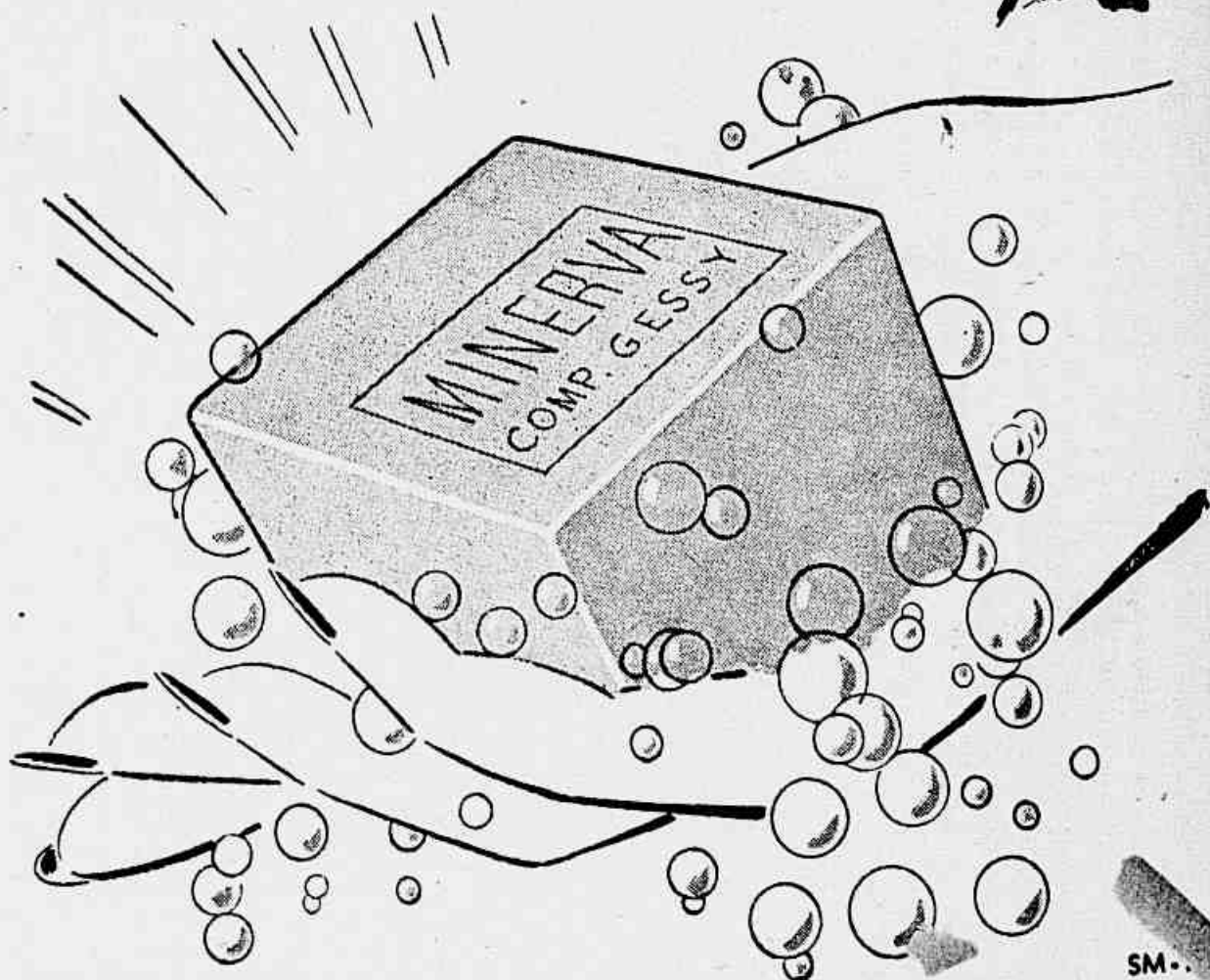


FAÇA UM "TEST"

em suas próprias mãos!



Muitos sabões atacam os tecidos, enfraquecendo-os, e em pouco tempo inutilizando a roupa. A sua ação se faz sentir na própria pele das mãos, durante as lavagens prolongadas. As roupas não se queixam... mas... e suas mãos?! Experimente Sabão MINERVA, um sabão que elimina as impurezas e nódoas de quaisquer tecidos sem prejudicá-los — e sem ferir suas mãos. O Sabão MINERVA sai barato porque protege o que lhe é caro.



McCann

Sabão MINERVA

PRODUTO DA COMPANHIA GESSY INDUSTRIAL

FREI HENRIQUE DE COIMBRA

—ESCRAGNOLLE DORIA—

EM Portugal dos dias primeiros do século XVI vive entre irmãos de cenobio um frade franciscano. E' Frei Henrique de Coimbra.

Em céla pobre, de acordo na singeleza de mobiliário com a regra do Poverello, Frei Henrique não só reza como medita, e meditar leva sempre a recordações.

Não é demais pois que Frei Henrique meditando recorde, e voltar a passado leva sempre longe a memoria e o pensamento.

Frei Henrique vivera no século, no torvelinho de suas paixões, de seus erros, de suas infâmias compensadas por alguns virtuosos.

No século Lisboa conheceu o frade como o desembargador Henrique Soares, sabido em leis, de judicatura na Casa de Suplicação, para trocar dobras de toga por liso burel franciscano. Deixára o desembargador a manca justiça humana abraçando-se à divina e imanente.

Fechadas as Ordenações do Reino, Frei Henrique abriu o Evangelho para encontrar Cristo e suas lições, sublimes muitas, de exemplo todas, na passagem beneficiente do Filho do Homem sobre a terra, semeando nela consolo e perdão.

Por que o desembargador Henrique Soares morreu para o reviver em Frei Henrique de Coimbra? Resposta em suspenso. Talvez adotasse nome de cidade natal, isto não de estranhar na ordem franciscana, sobretudo em ramo da mesma qual o dos seus frades menores ou capuchinhos.

Mudando de vida, em a nova Frei Henrique ainda se assenta em tribunal, o do confissionário, neste o juiz atendendo a culpas na esperança de absolvição, por aquelas culpas confessor não livre das temporalidades da existencia...

Conheceu Frei Henrique um fora de mosteiro ao ter embarque na armada, a de Pedro Alvares Cabral de ordem real indo à Índia fabulosa.

Com alguns frades e sacerdotes, partilhara frei Henrique dos azares de navegação à mercê do mau tempo em naus de pouca segurança.

À principio vira Frei Henrique em curso de viagem

um pouco de Europa ao passar pelas Canarias e Cabo Verde, em seguida só pleno mar até chegar a ancoragem em uma costa tomada por de ilha, numa quadra de Pascoa. Daí em diante participou Frei Henrique de Coimbra do quanto foi ocorrendo para a armada cabralina em urgências de retomar singraduras para prefixado destino.

Para quantos sacerdotes vinham na armada, de assistência espiritual a capitães e a marinagem, haveria momentos de especial relevância e missão.

Daqueles momentos, na paz da sua céla, estaria a lembrar-se bem depois Frei Henrique de Coimbra. Assim no domingo da Pascoela desejou Cabral ouvir missa, cantada no ilhéu da Corôa Vermelha. Oficiaria Frei Henrique, após o santo sacrifício passando a pregador, ante auditorio sentado na areia e nele índios com seus arcos e suas setas.

Em seguido dia, por dous carpinteiros feita uma grande cruz viera esta a ser chantada, em terra firme, frades e sacerdotes em dianteira, cantando, a modo de procissão.

Serviria a cruz de fundo a altar ao qual se foi Frei Henrique de Coimbra para missa e comunhão não só propria como dada a Cabral, a religiosos e a alguns da armada. Dela todos ouviram pregação de Frei Henrique à vista de selvicolas, qual deles mais atento, qual mais surpreendido.

No intervalo de seus deveres na ilha de Vera Cruz, Frei Henrique de Coimbra ia vendo tudo quanto, em gente e natureza, a terra lhe oferecia; tudo quanto o escrivão da armada Vaz de Caminha entenderia "pôr de miudo" em carta a D. Manoel, o "de miudo" do escrito de Caminha mais endereçado a posteror que ao proprio destinatario régio.

Na escála de 1500 Frei Henrique, com outros seus trabalhou e folgou, trabalhou no que a fé lhe exigia, folgou na variedade do que se lhe apresentava à vista, em companhia de religiosos ou não.

De convivência mais proxima, devia ser para Frei Henrique a gente mais escolhida da armada presidida

por Cabral, companheiro superior do capitão Nicoláo Coelho, de Bartolomeu Dias, de Sancho de Tovar, de Diogo Dias, antigo almoxarife em Sacavem, declarado "homem gracioso e de prazer" ou folgazão, Foram a ponto de dansar com os selvagens, ao som de gaita, depois "andando no chão fazendo muitas voltas ligeiras e salto real", com grande gaudio e riso dos índios.

Nestes reconheceria Frei Henrique o amor à frugalidade de conventuais, se nem sempre por eles praticada. Sem lavar, nem criar, sem animais domesticos, alimentando-se do que lhes concediam a terra e as arvores, de tão rijos e nédios os índios impressionam os descobridores. Confessariam estes não serem assim robustos conquanto comessem trigo e legumes.

Tudo inolvidavel para Frei Henrique, na terra descoberta o primeiro levando a écos a palavra do Evangelho nas selvas, estas à vista do pregador por grandes arvoredos, por grandes barreiras, já brancas, já vermelhas.

Para principio de cristandade onde não parecia haver idolatria, foi dado a Frei Henrique, à missa, dizer de apóstolos quais São Felipe e São Tiago Menor, glórias da Igreja mãe de martires.

Afinal a 2 de Maio de 1500, da suposta ilha de Vera Cruz largava a armada de Cabral. Deixava em terra dois expressivos simbolos, uma Cruz e as armas de D. Manoel para dupla marca de posse, divina e humana.

Continuaria Frei Henrique de Coimbra a partilhar a sorte da navegação cabralina. Ditosa não seria em mares que as prôas de caravelas tantas vezes fenderiam para que suas quilhas lhes dessem esteiras.

Com Cabral afrontou Frei Henrique o cabo Tormentorio cujas aguas e correntes nem sequer o nome de Boa Esperança abonancaria para que o éstro epopei-sante de Camões lhes pusesse de guarda um gigante.

A 23 de Maio de 1500, o Tormentorio desencadeava contra a armada de Cabral furiosa tempestade. Foram a pique algumas naus, entre elas a de Bartolomeu Dias, primeiro descobridor do Cabo, assim tomando dele vingança o féro Adamastor figurado nos *Lusiadas*.

Frei Henrique e mais passageiros de habito e batina levantariam preces aos céus esperando destes amparo e salvamento para si e para os demais em travessia digna de fortuna.

Do meio naufragio do Cabo das Tormentas escapou meia parte da armada de Cabral, dela salva a nau antes despachada para Lisboa e de anuncio ao descobrimento da ilha de Vera Cruz.

Habitaria Frei Henrique terras da Índia, onde Cananor, no Malabar parte de Indostão, tido por maravilhosos a poder de ignoto.

Com o retorno da armada de Cabral á barra do Tejo Frei Henrique recolheu-se a cenobio, a vida de horas lentas, desladrilhada de afeições terrenas como lhe recomendam os exemplos do *Flos Sanctorum*.

Frei Henrique logra descanso após participação especial na viagem de Cabral nesta exercendo sagrado misterio fadado a historico.

Vida conventual diz repetição diaria de deveres obedientes a uma regra. Em tal vida o passeio que Frei Henrique mais conhece é percorrer o claustro. Nos mosteiros os claustros tanto servem a vivos como a mortos forros das miserias do mundo, este ajuntado ao diabo e á carne para inimigos do homem.

Nos claustros, nos seus sólos sucedem-se lages tumulares de inscrições breves. Por sobre sucessivos aqui jaz aqui jaz de campas deslisam passos de Frei Henrique.

E' imaginavel o primeiro abençoador do Brasil no *Benedict vos* de sua primeira missa, a passear lento, pelo claustro. No meio deste, como de costume em mosteiros, levanta-se um chafariz, aqui e ali vestido de musgo. De alto caem aguas de mais rumor no silencio, aguas de manso toallham duro seio de bacia de granito, aguas turvadas quando a chuva se despeja, lavando o centro aberto do claustro com estrepito ao qual succede o pingo a pingo das telhas de beiral.

A SEGUNDA MISSA NO BRASIL Popularizada teta de Vitor Meirelles





Paul Muni será o protagonista do filme "Esta noite sonhamos", da Columbia, onde se refletem os amores de George Sand com Chopin. Muni será o velho professor de Chopin, e sua atuação é a principal no "cast" masculino. George Sand será Merle Oberon. Nas gravuras acima, o referido ator ao natural e na composição do tipo para esse filme. Em baixo, à esquerda, um grupo de "new-faces" cujo primeiro contacto com o público será feito no filme

GRAFICAS DE HOLLYWOOD

"Girl Rush", da R. K. O. E, à direita, uma outra revelação da temporada: Elena Verdugo, descendente direta de uma família espanhola colonizadora da Califórnia, que a Universal vai apresentar em um filme de terror: "A Casa de Frankenstein". Teremos, uma vez mais, a reprodução da lenda histórica — a bela e a fera. Certamente a fera será Boris Karloff...





Ela DEPENDE TANTO da Senhora!

SEUS dentinhos estão em tão íntima relação com a saúde que cuidá-los convenientemente é dos seus primeiros deveres de mãe. A senhora, que zela pela sua alimentação — tenha o mesmo cuidado com o dentifício que ela usa. Prefira o Creme Dental Squibb. É fabricado por uma casa que desde 1858 vem trabalhando com as classes médica e odontológica, sendo seus produtos universalmente recomendados pela pureza. O Creme Dental Squibb limpa com segurança, sem substâncias ásperas nem adstringentes. Não pode estragar o esmalte nem irritar as gengivas.

E quando a criança sentir o seu delicioso sabor e admirável sensação de frescor que o Creme Dental Squibb produz na boca — a senhora nunca mais precisará insistir para que ela escove os dentes regularmente.

Creme Dental SQUIBB



Comece a levar seus filhos ao dentista desde a idade de 3 anos. Mande examinar e proceder a uma limpeza preventiva dos dentes duas ou mais vezes por ano, tantas quantas o dentista recomendar. Faça executar prontamente todo o tratamento necessário.

O caso da dama solitária

(Continuação da página 23)

— Ao que parecia ele pedia a ela razões, pela sua recusa. Propusera-lhe casamento e ela recusava. Ele repetia que ela era viúva, livre, que não tinha nenhum empecilho. Mas ela insistia que não podia casar-se com ele, mas que o amava.

— E depois?

— Ele foi ficando cada vez mais exaltado, até que ela pediu-lhe pelo amor de Deus que falasse mais baixo. Depois de meia hora, em que falaram em voz baixa, ele bateu a porta. Ela mandou-me chamar e disse que eu podia sair, com a arrumadeira, que voltássemos para o apartamento na cidade, que ela chegaria no dia seguinte de manhã.

— E você partiu?

— Sim.

Brenton continuou a narrar os fatos.

— No dia seguinte, pela manhã...

Era, de fato, curioso. Mas, afinal, que teria ele com isso? A porta aberta... O guarda noturno resolveu investigar. Sabia que Mrs. Ransome, às vezes, ficava sozinha no "bungalow". De repente estremeceu. No chão havia traços do pneumático de um carro e, partindo dali, rastros de sangue que chegavam até a porta de casa.

Não hesitou mais. Foi entrando. Na sala havia móveis virados, bibelots partidos, uma desordem que dava testemunho de uma luta tremenda.

Na Chefatura de Polícia da localidade a criada fez o depoimento. Depois o guarda contou o que vira. Não se encontrou o corpo. O assassino, depois do crime, carregara o corpo de Mrs. Ransome. Fugira num automóvel.

— A marca do pneu...?

— ...Perde-se na estrada asfaltada.

— Mais algum indício?

— Nenhum.

Quando Brenton acabou de contar os fatos, Orador ficou silencioso. Depois disse:

— Tomo conta do caso.

— Sim. Que vai fazer?

— Visitar Vance Clearing. Tenho uma idéia...

— Conte-me, depois, o que suceder.

— Quando voltar, direi...

Orador não teve contemplações.

— Quero saber a verdade.

Vance, que o recebera, espantado, perguntou:

— Sobre o que?

Orador examinou-o. Eram oito horas da manhã e, sob o chameirão, Clearing estava vestido. Não se barbeara e tinha olheiras. Dava a impressão de um homem que tivesse passado a noite em claro.

— Sobre o caso Ransome.

— Mas...

— Não tente negar...

— Mas se eu não sei do que se trata.

— Nega que visitou Mrs. Ransome ontem à noite?

— Não.

— Nega que teve uma alteração com ela?

— Que tem o senhor com isso?

— Nega?

— Não.

— Nega que saiu de lá, furioso, batendo com a porta?

— Não.

— Nega que mais tarde voltou ao "bungalow"?

— Lógico. Pois não voltei...

— Nega que tenha voltado ao "bungalow" — repetiu Orador — e assassinado Mrs. Ransome?

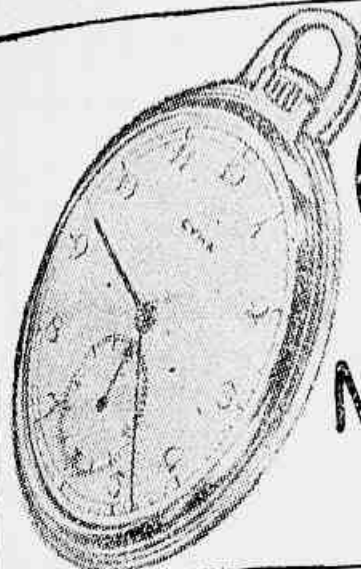
— Como?!

— Nega que, depois de cometido o crime, tenha posto o corpo no seu carro e seguido para um lugar deserto qualquer, onde o abandonou?

— Mas...

— Nega?

(Continua na página 49)



CYMA

NENHUM OUTRO RELOGIO LHE
DARÁ TANTA SATISFAÇÃO

O drama da Guarda-moria

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 29)

chegavam a invadir a sala do guarda-mor, molhando tudo, inclusive a papelada que estava na sua mesa. Queres saber? Uma vez, por causa disso, tive até uma questão com a Alfândega, pois os documentos relacionados com uma partida de quinino que eu importara, ficaram de tal maneira molhados em consequência de uma vaga que foi arrebenhar na sala do Cordeiro, que depois não se sabia mais qual a sua quantidade exata. Tive que pedir a confirmação à casa exportadora, e isso resultou num atraso dos demônios. Cheguei a pensar até em acionar o Governo, mas depois desisti, porque teria que me chocar com o Cordeiro, e este, afinal, era um dos meus bons fregueses. Ah! isso ele era. Bom pagador e sempre

GRATO AO CARDIOLOGISTA DR. DIVO ORCIOLI



Alfredo Augusto da Silva

Acometido há muito de grande insuficiência cardíaca, que o obrigou a verdadeira peregrinação por vários consultórios médicos desta capital, o sr. Alfredo Augusto da Silva, residente à rua Carmo Neto n.º 193, sob., foi finalmente entregue em estado desesperador aos cuidados do dr. Divo Orcioli, especialista em doenças do coração e vasos, que tem sua clínica à rua Buenos Aires n.º 250, 1.º. Achan-do-se inteiramente restabelecido, manifesta assim o seu agradecimento àquele dedicado clínico.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Isso é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

disposto a experimentar as novidades para o fígado. E isso sem falar na d. Picucha, que diariamente pingava aqui os seus tostões em pomadas, em bicarbonato, em pílulas digestivas. Que Deus a tenha na sua Santa Glória!...

Outra vez a conversa foi interrompida, com a chegada de uma mulher que que-

ria um vidro de óleo de ricino. Mas logo o farmacêutico retomou a palavra:

— Ora, o Cordeiro todos os dias, depois do jantar, voltava à repartição, e lá, sentado no parapeito, ficava a cismar, com as pernas balançando no abismo. Era perigoso, e não foi por falta de lhe terem avisado que aconteceu o que aconteceu.

E o sr. Medeiros fez uma cara desolada.

— Um dia, lembro-me bem, amanheceu no porto o "Barbacena", que depois naufragou no norte, se não me engano. Ventava e fazia frio como que. O mar, por sua vez, parecia alucinado. Atirava-se com tal fúria contra a terra que até dava medo. Assim mesmo o Cordeiro mandou preparar o bote para a visita do costume a bordo. Tudo correu bem na ida, mas na vinda o Nico, que estava no leme, manobrou mal e a embarcação foi de en-

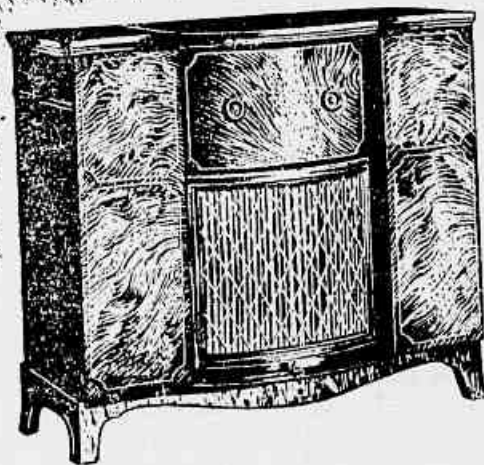
CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

contro às pedras, sofrendo algumas avarias. Ah! só vendo como o nosso guarda-mor ficou zangado... Disse tanta ofensa ao pobre rapaz que este quase que chorou. Mas o Cordeiro não era homem para desistir assim facilmente das suas crises de ódio. Não. Quando se irritava ia longe nos insultos e nas vinganças. Nesse dia o Cabralzinho, antes mesmo de saltar do bote, já sabia que, por causa do seu cochilo, ia perder o jantar e o ordenado, e que devia preparar-se para algo mais duro, quando chegasse à Guarda

(CONTINUA NA PAG. 51)



BING CROSBY, astro da Paramount, figura num dos papéis principais de "O CANTO DA SEREIA".



O popularíssimo

BING CROSBY

candidata-se a um novo "Musaphonic" G-E *Tom Natural*

Quando ouvir o "Musaphonic" G-E — esta maravilhosa combinação de radio-fonógrafo — V. S. verá imediatamente que está na presença da expressão suprema da arte do entretenimento. Porque o "Musaphonic", luxuoso e diferente, trará ao seu lar:

Todo o tesouro da Música gravada. Grandes sinfonias... óperas clássicas... rumbas alucinantes... valsas dolentes... baladas românticas... memoráveis corais... o estridente metálico do swing — tudo quanto desejar, com a clareza, pureza e a beleza de uma execução "ao vivo!"

Audição impecável dos seus programas de rádio favoritos — tanto em ondas médias como em ondas curtas.

O TOM NATURAL... o único dispositivo eletrônico que conserva de cada artista, de cada instrumento musical as suas características pessoais. Isso tudo porque o magnífico "Musaphonic", aparelho de inigualável dis-

tinção, constitui um novo sistema de reprodução sonora aperfeiçoado pelos engenheiros eletrônicos G-E que deram voz ao rádio de hoje.

Faça como Bing Crosby: candidate-se também a um novo Rádio "Musaphonic" G-E Tom Natural — pelo qual vale a pena esperar.

Ouçá os "FESTIVAIS G. E." às 5as. feiras na Rádio Nacional, às 22.05, em ondas médias (980 kcs.) e curtas (30.86 metros). Um programa musical com atrações para todos os gostos.

ADIANTAMENTOS COMPROVADOS NA FRENTE DE "BATALHA"

A General Electric está fabricando mais aparelhos de rádio para uso bélico do que qualquer outro fabricante. Depois da Vitória, os adiantamentos obtidos pela G-E farão com que o seu novo rádio G-E seja o melhor que V. S. jamais teve.



Construção à prova do
CLIMA TROPICAL

A investigação científica traz constantes melhoras ao rádio General Electric. Os receptores G-E e suas partes componentes são submetidos, na Câmara Higroscópica G-E, a uma atmosfera artificial mais rigorosa que a dos climas tropicais.

RADIO-FONOGRÁFO DE LUXO
Musaphonic
GENERAL ELECTRIC

SEU TRICOT

Materiais necessários: — 450 gr. de lã 2 jogos de agulhas de 2 mm e de 1½ m 3 botões.

O corcêlo é feito em ponto canção simples. Tecer, primeiro, 1 p. do direito, 1 p. do avesso.

Em ponto canção que se tece:

1.ª carreira: teendo sempre 4 p. do avesso, 1 p. do direito, começando e terminando cada carreira com 4 p. do avesso.

2.ª carreira: 4 p. do direito, 1 lapada, 2 p. do direito, passar a lapada sobre os 2 pontos terminados, 1 p. do avesso, 1 lapada, 1 p. do direito, passar a lapada sobre os dois terminados, repetir desde o 1.º, teer sempre estas duas carreiras com ponto canção. Este ponto se faz sobre 14 p.





SEU TRICOT

Costas: montar sobre as agulhas de $3\frac{1}{2}$ mm. 99 p., que se tecem: 22 pontos em fantasia 12 p. para formar o trançado, 31 p. em fantasia, 12 p. para o trançado, e assim sucessivamente, até que meça 18 cm. Aqui tomar as agulhas de 2 mm. para formar a cintura, tecendo 5 cm. em p. sanfona duplo. Logo continuar o trabalho como antes, sobre as agulhas de $3\frac{1}{2}$ e aumentar em cada lado 6 vezes 1 p. cada 3 cm. (111 p.). Aos 41 cm. medidos desde o colar, formar a cava diminuindo em cada lado 4 p. e 5 vezes 1 p. cada 2 cm. Continuar o trabalho reto, até que meça desde o começo 58 cm. de altura, formar o ombro, arrematando em cada lado 4 vezes 8 p. arrematar o restante para o decote.

Frente esquerda: montar sobre as $3\frac{1}{2}$ 60 p. tecer 22 p. em p. fantasia, 12 p. para a trança, 18 p. em fantasia, 8 p.

que se tece em p. sanfona para a beira dos botões. Trabalhar seguindo a explicação das costas aumentar nas beiradas. Aos 42 cm. de altura formar a cava.

Para formar a cava:

Diminuir em todas as 2.ª carr.: 1.º 5 p. 3 p. e logo 4 vezes 1 p. Aos 52 cm. diminuir de lado na beira 22 pontos para formar o decote. Continuar o trabalho reto e formar aos 59 cm. o ombro. O outro lado igual, inverso.

Mangas: montar sobre as agulhas mais finas 48 p. e tecer 8 cm. em ponto sanfona simples, tomar as outras agulhas e continuar o trabalho em p. de fantasia, fazendo no centro da manga o ponto em trança, e aumentando em cada lado 20 vezes 1 p. cada 2 cm. quando ela meça 50 cm. formar o alto diminuindo em cada lado 3 p. e 1 p. em todas as 2.ªs carr. Aos 65 cm. fechar os pontos restantes.

Antes de unir os lados passa-se com pano úmido fero regular.

Da esquerda para a direita:

1 — Duas peças em crepe de seda estampado, enteladas com "rouleaux" da mesma fazenda. 2 — "Tailleur" clássico, em lã quadriculada, com bolsos cortados em vize. 3 — "Tailleur" de lã azul claro, entelado com "piqué" branco. 4 — Bastante interessante é este modelo em lã azul marinho, com aplicação em "piqué" branco. Botões também de "piqué" branco. 5 — Duas peças bastante juvenis, enteladas de dois laços brancos.

TAILLEURS



JOCKEY CLUB MUNDANO

O Jockey Club proporcionou domingo último aos seus frequentadores mais uma reunião, à qual, como sempre, compareceram os elementos mais representativos da nossa sociedade. As fotos que aqui estampamos foram colhidas na "pelouse" da Gávea, durante o desenrolar das carreiras.



Instituto Roentgen
Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

O caso da dama solitária

(Conclusão da página 44)

— E' lógico. Onde está Mrs. Ransome?
— Morta. Não se sabe, porém, o paradeiro do seu cadáver. Encontraram seu "bungalow" em desordem, rastros de sangue e um bilhete, escrito por ela: "Ele tentou matar-me. Defendi-me"... O bilhete está incompleto...
— Oh!

Antes de sair Orador aconselhou a Vance que não saísse de seu apartamento. A polícia iria procurá-lo a qualquer momento. Fazendo uma parada na portaria, Orador indagou do porteiro a que horas chegara Clearing.

— Não vi quando ele chegou, não, senhor. Só o vi mais tarde, quando ele desceu para falar comigo.

— Que queria ele?

— Que eu queimasse uma roupa velha junto com o lixo...

— Uma roupa velha?

— Sim, que ele estragara, pintando uma cadeira. Tinha umas manchas vermelho-escuras...

— Queimou a roupa?

— Ainda não.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

— Vá buscá-la depressa.

Relatório do químico:

As manchas são, na realidade, de tinta a óleo. A tinta... (seguiu-se uma análise da tinta).

Eram nove horas da noite quando Orador chegou ao apartamento de Clearing.

— Onde está o corpo? — perguntou ao vê-lo.

— Que corpo?

— O corpo **dêle**.

Vance empalideceu:

— Como sabe?

— Não foi difícil descobrir

— Ele desapareceu.

Orador encarou-o fixamente:

— Bem, eu queria ter a certeza de que você não sabia onde ele está... Encontre-o. Não é preciso temer. Era uma ferida superficial.

— Então...

— Já não há mais necessidade de escondê-la...

Brenton confessou-se mistificado. Além, para quem vivia ao lado de Orador por muito tempo, esse era um estado quase que permanente, pois a figura de retórica que ele mais estimava era a elipse, mas uma elipse que tornava verdadeiramente incompreensível o pouco que ele



DYNAMOGENOL, restaura as energias do cérebro, dos músculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

E' o tônico de todos

DYNAMOGENOL
E' um produto do
Laboratório Sian

julgava necessário contar de uma história. Assim, quando Orador anunciou que o crime não passara de um acidente, ele perguntou: "Como?". Orador respondeu que o homem estava passando bem, e depois disso recusou-se a dizer mais uma palavra. Foi somente ao receber o relatório, por escrito, que Brenton soube do caso.

Trecho do Relatório dirigido ao comissário Brenton:

"...E, então, reconhecendo naquele homem que a abordara na rua o marido, que julgava na prisão, ela ficou abalada. Mais tarde, no dia do suposto assassinato, o marido foi visitá-la e ameaçou-a, caso ela não lhe desse considerável soma, de denunciar suas relações com Vance Clearing, que, se bem que fossem estritamente honestas e direitas, poderiam ser mal interpretadas num tribunal de divórcio, especialmente tendo em vista a frequência das visitas do rapaz e, sobretudo, o incidente na rua, quando ele, sem saber quem era o homem que a abordara, atirou-o no meio da rua. Mrs. Ransome, desesperada, recusou-se, e o marido tentou usar de violência. Ela defendeu-se e feriu-o com um estilete. Ele caiu sangrando muito. Acreditando que ele estivesse morto, ela começou a escrever uma confissão. Mas, depois, pensando bem, resolveu telefonar para Vance, que veio imediatamente e mandou-a esconder-se no apartamento dêle. Vance, em seguida, levou-o para uma estrada deserta, onde tencionava desfazer-se do corpo. Mas, deixando-o no carro, saiu para procurar um lugar adequado. Quando voltou, o homem tinha voltado a si e fugira. Não estava morto. Chegou até uma estrada próxima, onde foi encontrado e levado para um hospital próximo..."

Vance perguntou:

— Como soube de tudo? Como descobriu?

Orador sorriu:

— Vi, primeiro, que ela estava no seu apartamento, porque você se esqueceu de esconder o chapéu e o casaco dela, quando entrei... Depois lembrei-me do homem da rua e fui procurar investigar a vida dêle. Descobri logo que era marido dela.

— Mas os fatos?

— Eu sabia desde o princípio que ela não tinha sido assassinada... bem, mas eu estou falando de mais. Vá vê-la, andei! Até breve. Quero ir ao casamento.

E Orador riu do embaraço do jovem.

— Afinal de contas, não era segredo... E, depois, eu sou detetive, que diabol se não descobrisse isso, seria mesmo muito tolo...

PELERIA MARCONI
ULTIMAS NOVIDADES EM PELES
MODELOS EXCLUSIVOS
PREÇOS CONVIDATIVOS
CRÉDITO LIBERAL
7.º andar Rua Marconi, 53 - S. Paulo 7.º andar

Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil
Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

60 anos no Brasil

Em 5 de maio era introduzida no Brasil, há 60 anos atrás, a Emulsão de Scott, produto que todos conhecem, e pela portaria 85 do Ministério da Agricultura.

Com 72 anos no mundo inteiro, com 60 no Brasil e 40 de fabricação direta aqui, a Emulsão de Scott tem atravessado gerações e gerações.

Nasceu a Emulsão de Scott em Nova York; Scott e Bowne eram dois primeiros farmacêuticos e sócios, estabelecidos em frente à ponte de Brooklin, de onde se divisava na parede do primeiro arranha-céu novaiorquino (10 andares) enorme marca do homem com o bacalhau às costas. Realizado o lançamento da Emulsão de Scott, em pouco tempo ultrapassou os limites dos Estados Unidos, indo para o mundo todo.

Pioneira da propaganda no Brasil, hoje constitui um legítimo orgulho da indústria nacional, embora manufaturada com matéria prima estrangeira, aproveitando todavia o mais possível tudo que é nacional, empregando gente brasileira.

Para comemorar tal efeméride, a Emulsão de Scott havia traçado um programa de festejos; entretanto a morte de Roosevelt — o grande líder da democracia — veio mudar os planos, tendo-se reduzido o programa a comemorações internas.

Assim é que em 5 do corrente foi lançada a pedra fundamental do novo edifício, às 8.30; às 10 horas houve uma missa em ação de graças, na matriz de São Cristóvão; às 10.45 um jogo de futebol entre Fábrica e Escritório, encerrando-se com um "buffet".

Data das mais auspiciosas para a indústria nacional, apressamo-nos em registrá-la com a mais viva simpatia.

*Meio Século***DE PREFERÊNCIA**

Das damas do século passado à mulher elegante e dinâmica de hoje, perdura a tradição do uso do Sabonete de Reuter. Isento de substâncias nocivas e agradavelmente perfumado, o sabonete de Reuter satisfaz as epidermes mais delicadas.

Prefira o sabonete de Reuter, considerado, há meio século, um verdadeiro tratamento de beleza.

À venda em todas as farmácias e perfumarias



Sabonete de Reuter

I-A

SR-2

Sois Noivos ?

Quereis a felicidade?

COMPRAE AS VOSSAS

ALIANÇAS E ANEIS DE NOIVADO

Na **CASA MASETTI**
A Casa dos bons relógios

SEMINARIO, 131-135 • MARCONI, 44

SÃO PAULO

N. B. — Aos residentes no Interior que queiram obter as Alianças da Felicidade, enviaremos Catálogo Ilustrado com calibrador para medidas. Queiram servir-se do Reembolso Postal.

MODELOS

1 — Vestido em lã havana, com gola esportiva e bolsos originais. 2 — Vestido elegantíssimo, em seda preta, com interessante trabalho em nervuras.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

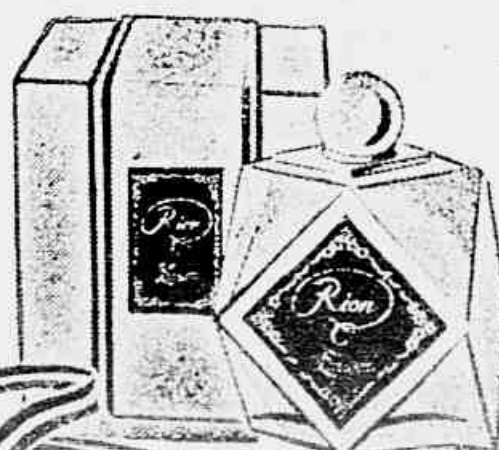
fixbril
ASSENTA E DÁ BRILHO
AO CABELO!



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES
BELLES FLEURS
MUSGO CHINE
05

O drama da Guarda-moria

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 45)

Moria. De fato, uma surpresa desagradável o esperava. O guarda-mor mandou-o ficar de castigo, imóvel e com o dorso nu ao vento e à chuva, no lugar mais desabrigado do terraço do edifício da Aliândega. Em baixo, no abismo, o mar rugia cada vez mais forte e, de quando em quando, as vagas se erguiam até onde estava o infeliz, envolvendo-o na sua espuma gelada. E assim caiu a noite, uma noite tenebrosa, com o vento a correr às tonias e a uivar entre as árvores e os telhados molhados. Depois do jantar o Cordeiro, como de hábito, voltou à repartição, afim de ver como se portava o Nico no seu castigo. Como que imbecilizado, o rapaz lá estava, imóvel, na escuridão, a tremer de frio e de fome. O guarda-mor disse-lhe ainda mais uns insultos e, a seguir, embrulhando-se bem na capa de borracha, sentou-se à amurada. Foi a sua desgraça... No delírio do seu ódio ele se esquecera por completo de que lá em baixo o mar se estraçalhava contra o edifício da Aliândega, e que,

volta e meia, as suas ondas se erguiam ameaçadoras e traiçoeiras até o para-peito.

O boticário passou a mão pela testa e, emocionado, prosseguiu na sua narrativa:

— Deus não gosta que se humilhe os pobres, pois dêles é o Seu Reino. E castigou duramente o Cordeiro, ordenando ao mar que o arrancasse do alto daquele terraço. Foi uma cena trágica. Com um grito desesperado o guarda-mor desapareceu nas trevas. Correu logo um marinheiro, e num instante ele percebeu todo o drama. O chefe fôra lambido pelas vagas, e para salvá-lo, num gesto sublime de piedade cristã, o Cabralzinho atirara-se ao mar.

Eu deixei escapar um "oh!" de emoção.

— Diz-me: conheces algo mais belo do que êsse gesto de desprendimento do nosso conterrâneo? Ele, o humilhado, o castigado, com a alma tatuada por tôdas as injustiças, com a pele roxa de equímoses degradantes, sacrificando-se, sem he-

sitar, pela salvação do seu algoz... É edificante e sublime!...

E o velho Medeiros atirou os braços para a esquerda e para a direita, derretendo-se na sua eloquência, os olhos rasos d'água.

— Quando, no dia seguinte, o fato foi conhecido e os cadáveres apareceram, a nossa gente em pêso chorou ante o corpo do Cabralzinho, e em pêso levou-o, compungida, à sua última morada. Fechou-se o comércio, e o Tico, que nessa época era o sacristão, passou o dia inteiro entre suspiros, na torre da matriz, dobrando a finados em intenção da sua alma. E mais uma vez Deus confundiu os poderosos, pois ninguém se lembrou de falar no Cordeiro senão para recordar o seu mau gênio e as suas injustiças. Frente ao ataúde de luxo do guarda-mor, solene no seu uniforme bonito, tôda a gente apenas encontrou um pretêxto a mais para repetir, comovida, o nome do modesto marujo da Aliândega, que com tanta bravura pre-

ferira perder a vida pela vitória do preceito cristão que nos ordena amar uns aos outros, a continuar sob a luz do sol com o prazer íntimo de que a justiça divina castigara o seu algoz. Oh! o que foram os funerais dêsse moço! E o discurso que no cemitério fez o Gonzagual Que discursol Ainda me lembro dêle... Se me lembro...

E cofiando as barbas:

— Dias depois do entêrro, um grupo de rapazes resolveu correr a cidade com uma lista, pedindo donativos para a feitura de uma estátua ao Cabralzinho. Todos deram o seu óbulo, inclusive a d. Picucha, que nessa homenagem viu um jeito de abrandar a maledicência popular contra a memória do marido. A idéia primitiva era fazer uma estátua de corpo inteiro, bem imponente; mas como o bronze estava muito caro e o dinheiro arrecadado não foi muito — sabes como

(CONTINUA NA PAG. 55)

**CABELLOS
BRANCOS**

**CASPA
Quêda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e tôdas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo as primeiras dragéias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em tôdas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo Remetemos pelo Reembolso Postal

Cr\$ 20,00 o vidro

Produtos PANVITAL — Rua da Estrêla, 6
RIO DE JANEIRO

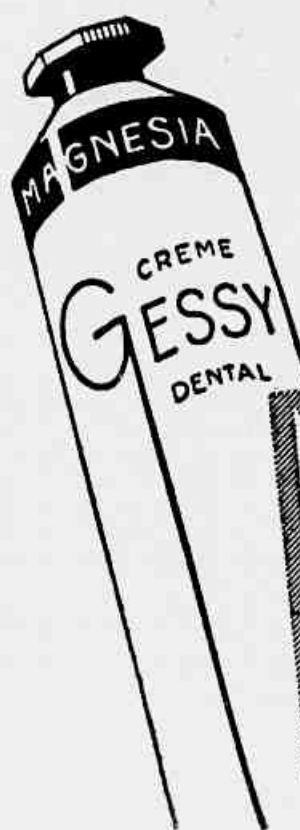
Seu Dentista lhe dirá:

De cada
5 cáries
4 começam
aqui...



JWT - 14.253

... Gessy protege no Ponto Vital!



PARA PROTEGER seus dentes no Ponto Vital — nas faces ocultas onde a escôva não atinge — use Gessy. Sua espuma, de ação ultra-

penetrante, limpa onde a escôva não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

GESSY CUSTA MENOS
que os demais dentífricos de alta qualidade. Use Gessy e economize até 20% em cada tubo de creme dental.

Proteja seus dentes no Ponto Vital: use Gessy três vezes ao dia. Gessy higieniza, dá brilho aos dentes e combate o mau hálito.

50 ANOS

A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTIFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA



MENAGOL

REGULA

**Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto**

Informações:
Rua Flack, 163-Blo. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO



DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES
2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

**CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



MODAS AVULSAS

1 — Vestido original, em três tons diferentes. Grosso cordão forma os bolsos. 2 — Um grande bolso tecido em lã, a tiracolo, dá uma nota de originalidade a este modelo. 3 — Vestido em dois tons, abotoado dos lados com botões dourados.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

A busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregesilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o seu ego do espírito. Benal encontra-se em todas Drograrias e farmácias.

CRISE

(Continuação da página 19)

ca poderiam chegar a uma conclusão satisfatória. E de repente teve vontade de rir de toda aquela tragédia, que há pouco lhe parecera tão séria. Longe dele, observava o fato impessoalmente e chegava à conclusão de que a discussão fôra inútil e, ainda mais do que isso, ridícula.

Mas, como convencer-se, como convencê-lo no momento em que as palavras subiam à boca, cheias de ressentimento, traduzindo sentimentos passageiros e provavelmente insinceros, criados pela irritação de ver oposto ao seu um raciocínio que também reclamava a razão para si? Não havia meios de impedir a discussão. E no entanto, quando tudo passava, ela sentia perfeitamente a futilidade, a inutilidade da luta. Cada vez maior o abismo! Cada vez mais separados. Ainda bem que aquela fôra a última. Pela manhã mandaria a criada levar o anel com uma carta, tentando reparar um pouco o que na hora dissera de inverdade. E a respeito disso resolveu tentar corrigir-se. Por que todas as vezes que discutia, quando se opunha a algum pensamento da pessoa adversária, tinha a tendência de atribuir a esta os móveis mais baixos, os defeitos mais ignóbeis, em vez de acreditar, como era justo, que movia-a um sentimento tão nobre quanto o dela? Havia de se conformar com a barreira existente entre os homens, entre os homens e as mulheres? O raciocínio que a um lhe afigurava

claro e irrefutável, encontrava, ao ser exposto ao outro, uma série de falhas que o outro apontava. Seriam mesmo falhas? Ou o defeito estaria nos órgãos de comunicação? Estava inclinada a acreditar que era nisso que residia toda a tragédia, porque cada vez que via o adversário refutar os seus argumentos, ela, se bem que ainda crente em sua tese, sentia que não soubera defendê-la adequadamente. Havia pessoas que eram capazes de convencer qualquer um. Mas, pensando bem, era uma coisa passageira, um acôrdo que se desfazia com a retirada do interlocutor, assim como toda a animosidade se desfazia quando se retirava aquele com o qual não concordara.

Não conseguia sentir raiva dele, depois de afastado. Era estranho, mas era a verdade. Um vago sentimento de compreensão e um desejo indefinível de procurá-lo, de fazer com que ele visse a verdade do que ela pensava; ou, talvez — por que não? — ceder. Estava quase certa de que este era o único meio. Concessões mútuas. Sempre a animara um sentimento de que qualquer insinceridade entre duas pessoas que se estimam não tem cabimento. Entretanto, ao pêso das desilusões, ela vinha sentindo cada vez mais forte a certeza de que, na verdade, só encontraria paz e amizade no dia em que resolvesse fazer concessões, fazer-se de cega a certas coisas, de surda a outras,

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

educar sua sensibilidade, tornando-a, não fina, mas rombuda. Sim, uma sensibilidade graduada: eis o ideal. Nunca uma sensibilidade completa, fina, aguda. Essa só traz infelicidade, sobretudo se vem acompanhada do poder de análise.

Uma coisa que mais a divertia era o insulto que ele lançara. Havia poucos minutos, revoltara-a, mas verificando como bem ele assentava à idéia que ela fazia dele, nas horas de animosi-

Perfume

NARCISO AZUL

de

GALLY

Água de Colônia
Brilhanterna
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Arroz
Sabonete

P. Ferraz

Desperte a Bilis do seu Fígado!

• saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00.

Narciso Azul de Gally eterniza os momentos sublimes com as mais doces recordações!...

À VENDA EM TODO O BRASIL



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sub. Rio
Nome
Rua
Cidade.....Estado.....

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562

dade, não podia deixar de sorrir. Então, era de ambos os lados a mesma coisa...

Sim, a ela também devia parecer insincera a atitude dele; a ele também deviam parecer fracos os argumentos com que ela procurava ganhar discussão. Devia parecer a ele que ela, propositalmente, fazia-se de vítima. Como era ridículo tudo aquilo!

Ao mesmo tempo, não podia confessar que estava errada. A convicção firme da justiça de seu ponto de vista não se abalaria. Ela lutava entre a compre-

ensão da inutilidade da discussão, da relatividade das certezas, da certeza de que nunca se pode comunicar com fidelidade um pensamento, muito menos um sentimento; e, por outro lado, despojando-se de seu espírito de análise, toda sua personalidade fazia peso em sentido oposto para equilibrá-la, na certeza de que agira como devia, de que era verdadeiro o que pensava, ela sentia-se infeliz.

O calor asfixiante da tarde aumentara aos poucos, e de repente caíra a noite com uma

carga d'água. A janela estava aberta e o vento entrava fustigando as cortinas. Ela foi para a janela e deixou que a sua angústia se acalmasse de encontro com a revolução da natureza. A chuva caía forte e molhava-lhe os cabelos, mas dentro dela o calor estranho da luta se dissipava ao contacto com a chuva fria e se transmitia para a natureza a sua perturbação. De repente um trovão ribombou, seguido de um relâmpago. E a chuva parou de

repente. Ela estava calma e tranquila novamente.

Só então notou que o telefone estava tocando com insistência.

— Alô?

Era ele: pedia desculpas, confessava que se excedera.

— Tolice, Paulo! Eu também me excedi.

Em seguida ela refletiu:

— É triste, meu Deus! Eu sei que não é isso o que eu sonhava! Mas eu preciso dele! Eu preciso, assim mesmo imperfeito.

De Música

Quadros Amazônicos

A inauguração da Temporada de Concertos no Teatro Municipal contou com a participação de Guiomar Novais e Francisco Mignone. O público já estava com saudades da pianista, que mostrou estar em forma. Não é preciso repetir, aqui, os elogios feitos a Guiomar Novais: ela os dispensa. Por outro lado, também não queria estragar a alegria da volta da virtuose com restrições à exteriorização do concerto de Schumann que, se não foi perfeita, não deixou de pôr em destaque todas as suas grandes qualidades de intérprete.

Ouvindo, mais uma vez, os "Quadros Amazônicos", de Francisco Mignone, tive ocasião de confirmar a opinião que já formara quando assisti, pela primeira vez, a uma execução sob a batuta do compositor. Francisco Mignone é um músico inquieto. Não creio que possamos falar nunca de uma "maneira" de Francisco Mignone. Sua obra, parece-me, ficará como uma série de aventuras no país da música, aventuras de uma sensibilidade apurada, um talento real e por vezes brilhante, mas será, também, uma obra irregular, com altos e baixos. O maestro dá a impressão de quem busca uma forma de expressão, achando-a, às vezes, em encontros felizes, não raros, mas sempre fortuitos.

"Quadros Amazônicos" não foi um encontro feliz de Francisco Mignone. Sentiu-se nitidamente que o assunto está, a cada momento, ultrapassando o poder do compositor: que a imagem que ele, desde logo, evoca de uma força áspera, rude, um assunto que poderia ser tratado com perfeição por Camargo Guarnieri ou Villa-Lobos. A obra descamba para o pitoresco quando precisaria mais vigor. Mignone brinca com timbres, dá um grande valor ao ritmo, gasta seu grande talento sem nos dar uma obra concebida e realizada com segurança. Pode-se perceber que falta a ideia central que polisse e que dirija. Em suma, não quero dizer que a obra é má, mas certamente não é o que se esperava, diante do título — confessemos — pretensioso que ela ostenta. Além disso, todo o bem que poderíamos dizer da obra não seria no que diz respeito à ideia central, à espinha dorsal, por assim dizer, de que ela parece ser desprovida; mas às minúcias de grande beleza, às vezes. No mais, o que poderíamos dizer a favor dessa composição seria aplicável

a outras obras do maestro, e isso significa que são qualidades de Mignone, e não dessa obra; é o talento do maestro mal empregado num assunto que não o inspirou, que não condiz com a sua sensibilidade, de modo que ele fica pela superfície, faz alguma coisa de interessante, e só.

Todos sabem que o maestro Mignone é um dos melhores regentes brasileiros, e ele provou isso, dando-nos uma versão compreensiva e bem estudada, se bem que não perfeita, das "Fontes de Roma", de Respighi, uma peça sem maior importância, com alguns detalhes interessantes, revelando grande habilidade e conhecimento das possibilidades da orquestra.

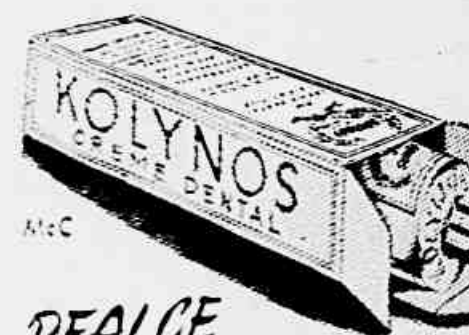
Apesar de tudo, o concerto foi satisfatório, e todas as restrições que fizemos, está claro, só se aplicam, se adotarmos o critério de julgamento que os méritos superiores, tanto do maestro como da solista, estão a exigir.

Roberto Lyra Filho

O ESPELHO REFLETIRA



A VERDADE SOBRE KOLYNOS



REALCE
a simpatia
de seu sorriso
usando o **CREME
DENTAL
ANTISSÉTICO!**

Limpa mais... agrada mais... rende mais...

HEMORRHOIDAS? tome

Pílulas de Herva de Bicho
LUCAS 14-3 925 215 8
ENCANTADA SE ENTÃO
COMO O BICHO!
COMO O BICHO!
COMO O BICHO!

Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a testa com Mentholatum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem-estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM

O drama da Guarda-moria

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 51)

é a nossa gente... — a coisa teve que se limitar a esse busto que aí está...

Durante anos eu repeti com orgulho essa história, e cheguei mesmo a recordá-la em dois ou três artigos para os jornais.

Um dia, porém, apareceu-me em casa um caboclo velho, muito desdentado e mal vestido. Procurou-me com a credencial de me ter conhecido em criança. Confesso que não consegui me lembrar dele, por mais que me tivesse adivado a memória. Mas tais foram os nomes familiares que ele me soprou aos ouvidos, que não tive dúvidas em fingir que me recordava perfeitamente dele e do filho, para o qual vinha pedir a minha intervenção junto a uma repartição qualquer, onde de longa data os seus papéis não andavam. Não sei como, ao correr da conversa, veio à baila o nome do Cabralzinho.

O velho sorriu então um sorriso irônico e me saiu com esta:

— Boa mistificação aquela da estátua... Mas, enfim, o coitado sofreu tanto com o peste do Cordeiro, que não vale a pena desmentir...

Eu arregalei os olhos.

— Como mistificação? — perguntei, escandalizado.

O caboclo cuspi para o lado.

— Olhe, seu moço: já que estamos longe da nossa terrinha e que o Senhor não tem nenhum interesse, estou certo, em desacreditar a memória do Cabralzinho, vou-lhe contar uma coisa...

Mas logo, como que arrependido:

— O senhor, porém, vai-me prometer que isto fica entre nós dois.

Eu queimava em curiosidade e prometi.

O velho então abaixou a voz:

— Aquela história do Cabralzinho atirando-se ao mar para salvar o Cordeiro, quem a inventou fui eu. Vi tudo com os meus olhos. Mas quando percebi que o drama estava consumado, não tive, confesso, o menor interesse em chamar a simpatia popular para o guarda-mor Ao contrário. Todos nós o detestávamos. Mais do que isso — o odiávamos! Era um tirano completo, um espírito mesquinho.

— Mas como foi então? — indaguei, já interessadíssimo nas suas palavras.

O caboclo acendeu um cigarro com calma e, depois de salivar sem cerimônia na soleira da minha porta, contou:

— O Cabralzinho vinha falando em suicídio, nos últimos tempos. Estava farto de sofrer, dizia. E de fato ele sofreu como bem poucos. Naquele dia o Cordeiro se

excedeu em injustiças com o rapaz. Isto o desnortou por completo e, sem reação, ele lá ficou ao relento, nú da cintura para cima, exposto à chuva e ao vento. O seu olhar tinha qualquer coisa de desvairado, e eu quando dei com ele fiquei tão receoso que nem fui jantar. Fiquei por ali, atrás de umas caixas vazias, a vigiá-lo. Dizia-me o coração que o coitado seria capaz de um gesto de desespero naquela noite. E, à proporção que as horas iam correndo, esse pressentimento foi ganhando mais terreno dentro de mim.

E passando as mãos calosas pelos fios de barba do seu queixo:

— Depois do jantar chegou o Cordeiro. Atrás dos meus caixotes, eu o vi dirigir-se ao Cabralzinho e insultá-lo mais uma vez. Este não respondeu nem se moveu do lugar. Parecia petrificado. Só o seu olhar brilhava sinistramente dentro da noite. Cordeiro acendeu o cachimbo e sentou-se à amurada do terraço. Uma lanterna de querosene era a única luz a

iluminar a cena. Lá em baixo o mar cantava o seu ódio contra as pedras e o grande paredão da Guarda-Moria. Súbito, vi o Cabralzinho caminhar resolutamente para o parapeito do terraço, no lado oposto em que estava o Cordeiro. Este, percebendo a sua intenção, soltou um grito e correu para segurá-lo. Era tarde, porém. Ágil como um gato, o infeliz desapareceu no abismo. Sem perder tempo, o guarda-mor arrancou fora sua capa, descalçou-se e saltou atrás dele. Ele era um grande nadador e tinha uma confiança ilimitada nos seus músculos. Eu, entretanto, compreendi logo, pelo estado do mar e pelo local em que ambos tinham caído, que nenhum dos dois voltaria. E, atirando ao mar a capa e as botinas do Cordeiro, dei o alarme, contando a cena ao inverso.

com um sorriso frio:

— Nunca eu faria o reclame daquele peste de guarda-mor... Que Deus me perdoe! Mas isso nunca!

SONO TRANQUILO



Quando o sistema nervoso funciona normalmente, o sono vem rápido e decorre tranquilo, povoado de sonhos agradáveis. Se qualquer motivo físico ou moral vem perturbar a normalidade dos nervos, um ou dois comprimidos de ADALINA bastam para restituir-lhes a calma. Pode-se, então, dormir naturalmente, dando ao organismo o suave repouso de que ele necessita. ADALINA não prejudica órgão algum.

ADALINA

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO



3 RAZÕES PARA UMA SÓ ESCOLHA!...

★ Quem exige um sabonete fino e de preço econômico - prefere o DORLY. Quem prefere um sabonete consistente e suavemente perfumado - usa o DORLY. Quem usa um sabonete de classe - escolhe também o DORLY, porque o sabonete DORLY - preço por preço é o melhor!

Sabonete DORLY

A VENDA EM TODO O BRASIL

RF



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico-nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

Que é Panflavina?

Muita gente deverá ter ouvido falar na Panflavina, nas virtudes magníficas deste medicamento, sem que tenha notícia exata da sua composição. Trata-se de um preparado da Casa Bayer, apresentado nas drogarias e farmácias sob a forma de pastilhas, compostas de chocolate, açúcar, mentol e Trypaflavina. Esta última substância é de alto poder microbicida, reunindo as qualidades de um antisséptico completo, ideal, porque não irrita, não faz mal, atuando sobre os germes, destruindo-o completamente.

Casos em que as pastilhas de Panflavina são indispensáveis:

1.º) Para as pessoas que devem estar ou tenham estado em simples contacto ou em comunicação demorada com indivíduos afetados de difteria, escarlatina, gripe, anginas em geral, etc.

2.º) Para os doentes de anginas banais, afim de impedir infecções secundárias graves.

A Panflavina constitui, pois, uma valiosa arma de defesa e de ataque contra as infecções cuja porta de entrada é a boca e a faringe.

Desprende, joga ou cai a sua DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para posicionar as dentaduras postizas, e nerva-las com maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É acaal no (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dente-lura postiza". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

88-B

Ironia dos nomes



Angélica



Constância



Florisbela



Clára



Dulce



Pacífica



Felícia



Albina



Rósa



Delfina



Jovita

(Gaveta que se abre)

CELESTE — Ai, dentro de uma caixa com doze, está um cartão d'ela (grunha).

LUIZ — Pronto. Aqui está.

CELESTE — Guarde este cartão. Vá procurar esse homem. Ele deve saber onde está o Walter. Por informação dele você pode conseguir o seu invento, Luiz. E me perdoe. Dê-me a sua mão. Assim. E perdoe, sim? Quando o Geraldo voltar da Europa diga-lhe que eu também mandei lhe pedir perdão. Ele foi sempre tão bom para mim. E a Regina, Luiz? Pobre da Regina! Tão boa, tão bonita que ela era! Como eu queria também lhe pedir perdão!

LUIZ — Tenho a certeza de que Regina já lhe perdoou. Você foi apenas uma criatura infeliz.

CELESTE — Infeliz porque pensava que a felicidade fosse a vida que eu levava. E' isto mesmo, Luiz. A minha vida era uma vertigem. A vida para mim era uma embriaguez. E só agora é que a lucidez toma conta de mim. Percebo-me que estou despertando. Só agora é que eu vou começar a viver...

LUIZ — Vai, sim. Você ainda vai viver.

CELESTE — Mas não aqui, meu amigo. E' uma outra vida que me espera. Uma vida de verdade, sem mentiras, sem maldade. Uma vida de sossego, de paz e de perdão. (Chorando) perdão que eu tanto queria de vocês.

(Música)

LUIZ — Mas o tal Levy não era o dono desta casa?

CABELEIREIRO — Era. Mas agora o dono sou eu.

LUIZ — Mas ele não está no iRo? O senhor não sabe a sua residência?

CABELEIREIRO — Ele morava aqui mesmo, nos fundos. Logo depois que lhe comprei a casa ele a desocupou e me disse que, mesmo naquele dia, embarcava para a Europa. Desde então eu nunca mais tive notícias do sr. Levy.

LUIZ — E não haverá, na sua antiga freguesia, alguém que nos possa fornecer uma informação? O senhor deve ter ficado com as chaves da casa, não ficou?

CABELEIREIRO — E'. O senhor teve uma boa idéia. Eu vou procurar indagar.

LUIZ — Faça isto para mim. Eu lhe darei uma gratificação à altura do grande serviço que me vai prestar.

(Música)

LUIZ — Então? Conseguiu saber alguma coisa?

CABELEIREIRO — Já fiz mil indagações com as minhas freguesas, doutor.

LUIZ — E não soube nada?

CABELEIREIRO — Bem. O que eu consegui saber foi o seguinte: o sr. Levy tinha uma amiguinha, uma suíça, que era manicura aqui da casa, e saiu daqui dias antes da nossa transação. Disseram-me que ela mora no Hotel Remington. Parece que a mãe dela é roupeira de lá.

LUIZ — Então muito obrigado, senhor. Assim que obtiver um resultado eu o procurarei. Faço questão de recompensá-lo.

CABELEIREIRO — Não se preocupe, doutor. Depois que soube do que se trata, eu, como cabeleireiro, faço questão de colaborar na descoberta desses bandidos.

(Música)

MULHER — Eu não sei, cavalheiro. Minha filha sempre foi muito independente. Eu nunca soube da sua vida. Imagine o senhor que ela foi para a Europa o mês passado e eu só soube que ela ia embora dois dias antes de seu embarque.

LUIZ — Mas com certeza ela vai lhe escrever.

MULHER — Sim. Ela ficou de me escrever.

LUIZ — E, naturalmente, a senhora lhe escreverá também.

MULHER — Com certeza, senhor.

LUIZ — Bem. Então a senhora vai fazer o seguinte:

peça à sua filha que lhe mande o endereço do sr. Levy. Diga que é uma pessoa que precisa muito lhe propor uma ótima noção. E diga à sua filha que ela terá uma ótima recompensa se me mandar a direção d'esse Levy.

(Música)

LEVY — Mas tua mãe é muito ingênua, Suzete.

SUZETE — Ingênua por quê? Ela não tem maldade. Ela não sabia que você andava metido nessa história. Você queria que ela adivinhasse?

LEVY — Em todo caso foi esplêndido que você não tivesse deixado o meu endereço. Imagine se ela tivesse a minha direção. Eu não dava um mês, o tal dr. Luiz vinha bater aqui. Veja lá, hein, Suzete. Você está expressamente proibida de responder à sua mãe. Ela não pode saber o seu novo endereço. Você não pode lhe escrever.

SUZETE — Mas então você quer que eu abandone a minha mãe? Você não vê que ela vai ficar aflita sem saber notícias minhas? Ela pode até pensar que eu morri. (Chora) Não me obrigue a uma coisa dessas, Levy.

LEVY — Quando você quis vir atrás de mim eu mandei que escolhesse entre mim e sua mãe.

SUZETE — Mas eu não pensei que você chegasse até a proibir que eu escrevesse para ela.

LEVY — Bem. Chega de discussões. Você está proibida de escrever para o Brasil, seja para quem for; se me desobedecer já sabe o que acontece. Atiro-a nestas ruas estranhas, e eu quero ver como é que você vai se arranjar.

(Música)

JOSEFA (longo) — Já vai. Espere um pouquinho, sim? Quem é?

TIA ALZIRA — Sou eu, Zefinha.

JOSEFA — Ah, é a tia Alzira? Espere um momento. Eu estou botando a Luízinha na cama e já vou abrir (pausa).

(Passos e porta que abre)

TIA ALZIRA — Boa noite, Zefinha. Você deve estar admirada com a minha ausência. Mas aconteceu que desde o dia que você se casou com o Zé Pedro, que eu tenho tido muito serviço, e por isso não pude dar uma chegada até aqui. (Outro tom) Então você precisa de alguma coisa. Tem tido notícias de dona Heloisa?

JOSEFA — Dona Heloisa vai passando bem, felizmente.

TIA ALZIRA — Antes assim. Graça a Deus. (Outro tom) E como é a nova vida?

JOSEFA — Bem... ainda não posso dizer nada... a senhora sabe, dois dias depois que eu me casei com Zé Pedro, ele foi levar dona Heloisa no hospital lá de S. Paulo. Ele também ficou lá para fazer companhia a dona Heloisa.

TIA ALZIRA — Escute, Zefinha. Você não tem medo de dormir nesta casa, sozinha? Se quiser, estas noites que seu marido vai ficar lá em S. Paulo eu posso lhe fazer companhia.

JOSEFA — Não senhora, tia Alzira, muito obrigada. O Zé Pedro já está dormindo em S. Paulo desde que a Heloisa foi.

TIA ALZIRA — Pois é. Mas eu não sabia nem que a dona Heloisa tinha ido. Foi o Zé Pedro quem me disse hoje. Eu fiquei tão espantada com o que ela foi fazer.

JOSEFA — Espantada, tia Alzira?

TIA ALZIRA — É então, Zefinha? Onde é que se viu uma pessoa mudar de cara? Qual! Eu não acredito. Só depois de ver.

JOSEFA — Mas é verdade. E' isto mesmo, tia Alzira. A ciência está muito adiantada.

TIA ALZIRA — Qual! Esses doutores inventam cada uma! Mesmo assim há coisas que eles podem quebrar a cabeça e nunca eles hão de conseguir.

JOSEFA — Que coisas são essas, tia Alzira?

TIA ALZIRA — Por exemplo, Zefinha: a ruindade dos homens. Eu queria ver que ciência era capaz de reorganizar o coração das pessoas. E há cada um neste mundo de

Deus! Felizmente, me parece que você se casou com um homem bom.

JOSEFA — Graças a Deus, tia Alzira. Não posso me queixar do Zé Pedro.

ALZIRA — Bem, eu vou chorando, porque ainda tenho que fazer. Qualquer coisa que preciso é só mandar um recado na casa da tia Alzira. Dê um beijo na Luízinha. Ela está dormindo, não é? Então até amanhã.

JOSEFA — Até amanhã, tia Alzira.

(Passos; porta; choro de criança)

JOSEFA — Que é isso, Luízinha? Chorando? Que foi que houve? Sonhou, minha filha, sonhou? Vem cá. Assim. Durma outra vez. Foi a tia Alzira que gritou e acordou você, não foi, filhinha? Zefinha está aqui. Fique bem quietinha, sim? Vamos dormir (cantarola uma toada).

(Batidas numa porta)

JOSEFA — Hum... parece que bateram.

(Batidas novamente)

JOSEFA — Será que a tia Alzira voltou? Quem será?

(Continuam as batidas)

JOSEFA — Já vai... já vai... mas quem será?

(Passos; porta que abre)

JOSEFA — Oh, será possível! E' incrível! Quem é que eu estou vendo? Será mesmo?

(Intervalo)

JOSEFA — Será mesmo a Regina?

REGINA — Não, Josefa. Eu não sou a Regina. Uma vez por todas eu lhe peço. Esqueça este nome. Agora, mais do que nunca, eu quero ser, para sempre, a Heloisa, a mãe de Luízinha.

JOSEFA — Desculpe sim? Foi o espanto. Eu fiquei tão admirada com a sua transformação. Se eu não visse o Zé Pedro em pé, aí atrás, eu não podia nunca imaginar que fosse você. Como você ficou bonita! Que maravilha de operação!

REGINA — Um verdadeiro milagre, não é, Josefa? Deus não havia de permitir que eu continuasse horrenda como estava. Minha filha agora pode olhar para a sua mãe. Foi por ela, só por ela, que eu me operei.

JOSEFA — Você agora pode ir aonde quiser. Porque do seu rosto de antes não ficou nada, hein? Ninguém a pode reconhecer.

REGINA — Felizmente. Felizmente. A outra, morreu de uma vez. Eu agora sou apenas mãe de Luízinha. Com esta operação acabou-se o que restava em mim do passado, o passado que não quero relembrar. Eu quero caminhar para a frente, com a minha filha nos braços e sem olhar para trás.

JOSEFA — Engraçado. Seus olhos ficaram assim como os olhos de uma japonesa. Mas ficaram tão bonitos! E a pele ficou tão lisa! Parece o rosto de uma menina. E o sorriso? Ficou diferente, mas tão bonito, não é, Zé Pedro?

REGINA — Que faz você parado aí neste canto, Zé Pedro? Você não diz nada?

ZÉ PEDRO — Eu estou apreciando a alegria da Zefinha e estou achando graça no espanto que ela está fazendo.

REGINA — Como se você também não se espantasse! Você não queria saber, Josefa, a cara que ele fez ontem quando me viu.

JOSEFA — Ah, mas ele só viu você ontem? Então foi por isso que ele quando veio aqui não me disse nada.

REGINA — Só ontem eu pude receber o Zé Pedro. Antes disso ele ia lá mas não me via. Eu levei muitos dias com o rosto imóvel, cheio de remédios, e não podia rir nem falar.

JOSEFA — E' pena que se veja aqui do lado esta cantina. E aqui também, aqui perto do peçoço.

REGINA — Também, você queria muita coisa, Josefa.

JOSEFA — Bem, isso é verdade. Mas quer está uma maravilha, não está? Não se pode ter tudo.

REGINA — Luízinha vai bem?

JOSEFA — Vai sim. Vai muito bem. Ela está cada vez mais bonitinha.

REGINA — Eu não podia mais de saudades. Foi por isso que vim antes do tempo marcado. Eu ainda devia ficar uns dias no hospital, mas não pude esperar. Eu estava doída para ver a minha filha!

(Música)

TIA ALZIRA — Se eu não estivesse escutando a sua fala, eu jurava que a senhora não era a dona Heloisa. Mas não é que o tal doutor concertou mesmo o rosto dela!

REGINA — Eu era muito feia, não era, tia Alzira?

TIA ALZIRA — Eu não acho ninguém feio, não. Eu já estou tão acostumada com a minha cara, como é que eu vou me admirar da feiura dos outros? O que eu sei é que a senhora agora está uma beleza. Quer dizer, a senhora não ficou assim com uma cara de Nossa Senhora, bem, lá isto não ficou. Ficou assim, com uma cara esquisita, uns olhos puxados, uma pele de boneca, mas é um esquisito bonito. A senhora está um viuvão, dona Heloisa! E' pena que aqui em S. Vicente não haja um rapaz para casar com a senhora.

REGINA — Deus me livre de casamento, tia Alzira.

TIA ALZIRA — Não diga isso. A senhora é tão moçinha. Mulher só, não dá certo. Dona Heloisa, uma andorinha só não faz verão.

REGINA — Mas eu prefiro o inverno, tia Alzira. Eu pretendo viver sempre na solidão.

TIA ALZIRA — A senhora diz isso agora. Daqui a uns tempos vai começar a sentir falta do verão. Frio de mais faz mal. A gente deve se aquecer.

REGINA — Bravos! Que bela teoria!

TIA ALZIRA — Natural. A vida é isso mesmo. Eu só não concordo é com esse negócio de botar gente de mais neste mundo. Pobrezinhas das crianças. Elas não têm culpa de nada.

REGINA (rindo) — O que eu acho engraçado é que a senhora é contra o seu modo de vida. Se as crianças não nascerem a senhora não ganha dinheiro, tia Alzira.

TIA ALZIRA — E'. Mas eu não sou egoísta e acho este mundo tão mau! Se todos fossem como a senhora, ah... meu Deus, o mundo era uma beleza. Mas quase todos são como o Zé Raimundo, a Maria do Remo.

REGINA — E a senhora vive aqui em S. Vicente... Isto aqui é um paraíso! Eu nunca vi tanta gente boa.

TIA ALZIRA — Aonde, dona Heloisa? E' o que a senhora pensa. Há muita gente ruim por aqui.

REGINA — Qual nada, tia Alzira. Esta gente que a senhora diz que é má são, todos eles, uns anjos diante dos maus lá da cidade. E' uma maldade ingênua. Sem profundezas. Eles não sabem o que estão fazendo.

TIA ALZIRA — Não sabem? Pois sim. Eles bem que sabem o que estão fazendo.

REGINA — Talvez não saibam.

TIA ALZIRA — Qual, dona Heloisa. A senhora é muito boa!

REGINA — Olhe, tia Alzira, cada um de nós tem a sua razão. Nós não podemos julgar ninguém. Só Deus sabe o que se passa no coração de cada um.

TIA ALZIRA — A senhora é muito boa, dona Heloisa!

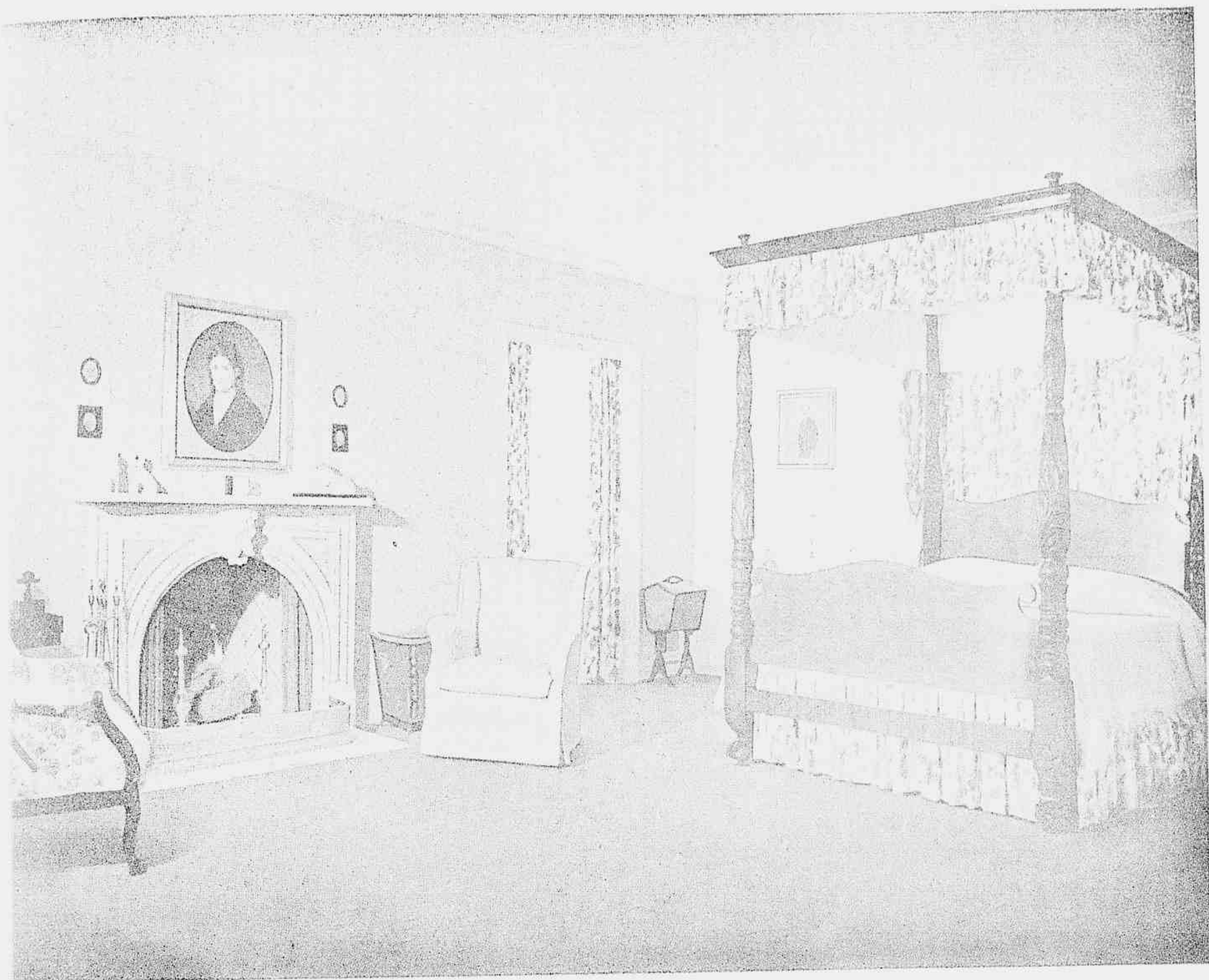
REGINA — Nem por isso, tia Alzira.

TIA ALZIRA — A senhora tem sempre uma desculpa para as pessoas. Então eu já não tenho visto como a senhora é boa?

REGINA — E' que já sofri muito. O sofrimento é que nos traz esta facilidade em compreender os outros.

TIA ALZIRA — Mas então quem não sofre não pode ser bom?

REGINA — Pode. Mas é difícil. As pessoas que nunca



Conforto e simplicidade

Como sempre, sugerimos hoje aos nossos leitores mais um dos muitos modelos que aqui apresentamos.

O cliché acima mostra-nos um elegante quarto mobilado com gosto e simplicidade. A cama em estilo colonial, as poltronas acolchoadas e cômodas, a lareira e as cortinas de um estampado alegre tornam o compartimento confortável e distinto. Aqui fica, pois, mais uma das nossas sugestões.

MÓBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNES
 REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
 AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS